Abrir portas onde se erguem muros Director: David Pontes **Terça-feira, 17 de Setembro de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.556 • Diário • Ed. Porto • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**

Futebol
Sporting ataca Champions a pensar no crescimento sustentado
Desporto, 37

Televisão
Os Emmys não deram na TV mas deram tudo por *Shōgun*, *Baby Reindeer* e uma surpresa
Cultura, 31

Saúde pública
Até 2050, a resistência aos antibióticos provocará mais de 39 milhões de mortes
Ciência e Ambiente, 29

ADRIANO MIRANDA

Em dois dias ardeu tanto como no resto do ano

Em 24 horas, só na zona de Aveiro arderam 10 mil hectares de terreno
Destaque, 2 a 7 e Editorial

Comissão Europeia
Thierry Breton demite-se com críticas a Ursula von der Leyen

Comissário do Mercado Interno fora confirmado para um segundo mandato. Stéphane Séjourné escolhido para o substituir **Mundo, 20**

Função pública
CGA obrigada a aceitar regresso de mais de 12 mil trabalhadores

Número poderá aumentar se as 400 acções judiciais em curso forem resolvidas antes de o Parlamento tomar uma decisão **Economia, 24**

Procuradoria-geral
Manifesto dos 50 tem dez critérios para escolha do líder da PGR

Critérios correspondem à larga maioria das críticas feitas à actuação da actual procuradora-geral da República, Lucília Gago **Política, 13**

ISNN-0872-1556

Só em dois dias ardeu tanto como durante o resto do ano

Fogos foram responsáveis por três mortes e 21 feridos, dois dos quais com gravidade. Dezenas de casas destruídas pelas chamas. Auto-estradas e linhas do comboio cortadas

Mariana Oliveira Texto
Adriano Miranda Fotografia

Até meados deste mês tudo parecia indicar que este ano seria mais um ano benigno em termos de incêndios rurais. Mas as condições meteorológicas, muito condicionadas pela chegada dos ventos de leste, trocaram rapidamente as voltas à realidade e trouxeram uma explosão de fogos, especialmente à região Centro. O Norte não ficou muito atrás.

Segundo a Autoridade Nacional de Emergência e Protecção Civil (ANEPC) há três mortos registados nestes dois dias, ontem e anteontem) e 21 feridos, pelo menos dois em estado grave (Nelas, Viseu).

Só em Albergaria-a-Velha, as chamas danificaram 21 habitações e em Sever do Vouga outras 20. Arderam uma dezena de casas em Baião e em Gondomar, na área metropolitana do Porto, as chamas consumiram outras três. Muito está ainda por contabilizar no campo dos danos materiais, já que a prioridade, neste momento, é para as operações de combate.

Várias auto-estradas, incluindo a A1, a principal ligação entre as duas maiores cidades do país, estiveram cortadas ao longo do dia de ontem, assim como a linha ferroviária do Norte.

Também a A25 e a A29, mas igualmente outras vias como o IC2 e várias estradas nacionais estiveram com a circulação interrompida. Já esta noite foram novamente cortadas a A1 e a A13 na zona de Coimbra. Escolas e lares tiveram que ser evacuados.

Em dois dias, segundo os dados preliminares do Sistema Europeu de Informação sobre Incêndios Florestais (EFFIS), que recorre a imagens de satélites, arderam 9779 hectares em Portugal. Até final de Agosto, o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas contabilizava pouco mais: 10.294 hectares de área ardida. No seu *site*, na noite de ontem, a área ardida (total entre Janeiro e 16 de Setembro) estava já em 17.128 hectares.

A situação não parecia ter melhorado ao longo do dia. Se às 17h eram apenas 15 os incêndios destacados como significativos na página ANEPC, às 19h essa métrica que contabiliza as ocorrências com duração superior a três horas ou mais de 15 meios de socorro envolvidos já subira para as 18. Pelas 22h30, o site destacava 21 incêndios, seis em zonas de povoamento florestal e 15 em áreas de mato.

Seis deles mobilizavam mais de 250 operacionais: Oliveira de Azeméis (549), Albergaria-a-Velha (388), Torres do Mondego -Coimbra (328), Sever do Vouga (306), Nelas - Viseu (287), Gondomar - Porto (262).

Até final de Agosto, o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas contabilizava pouco mais: 10.294 hectares de área ardida

A partir da sede da ANEPC, em Carnaxide, o primeiro-ministro Luís Montenegro anunciou que o estado de alerta em vigor até hoje ao fim do dia iria ser prolongado por mais 48 horas além do previsto, ou seja, até às 23h59 de quinta-feira.

"Vamos passar horas difíceis nos próximos dias. Temos de nos preparar para isso e temos de nos juntar para isso", avisou Luís Montenegro (*ver caixa*).

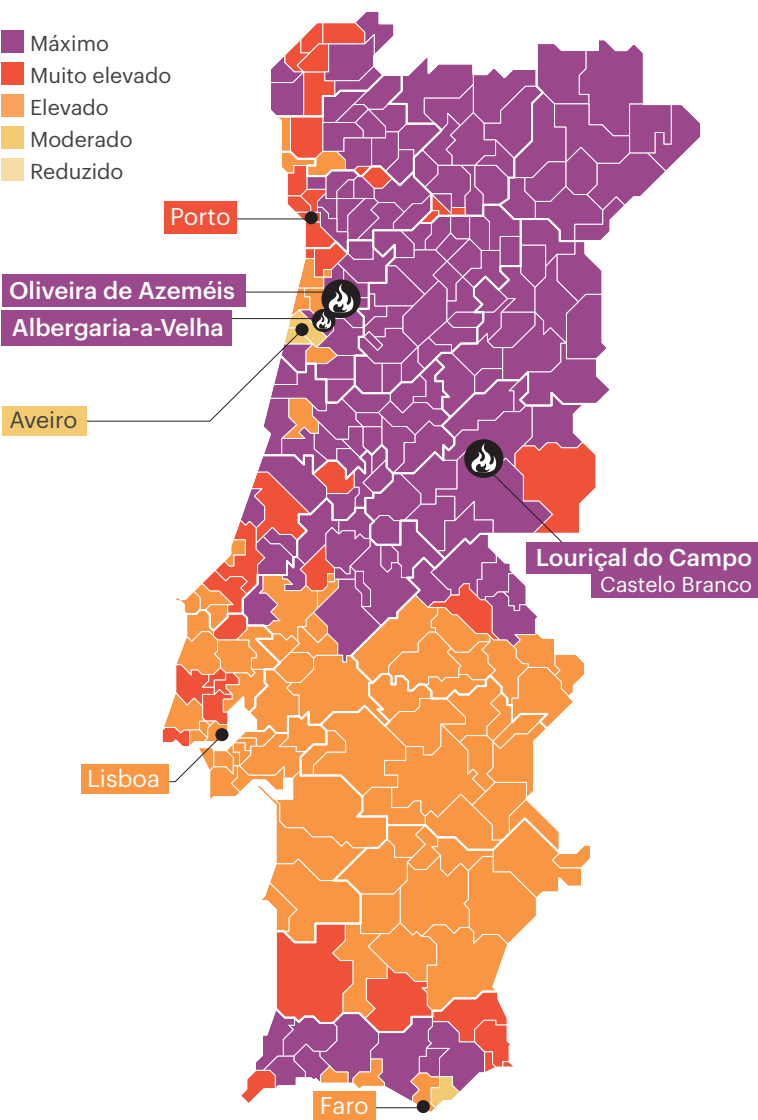
Além do bombeiro que morreu de doença súbita, na pausa do combate do incêndio em Oliveira de Azeméis, no domingo, a Guarda Nacional Republicana encontrou ontem um corpo carbonizado pelas 15h30 na zona florestal do Sobreiro, em Albergaria-a-Velha. A vítima é um homem de 28 anos, de nacionalidade brasileira.

Seria funcionário de uma empresa que se dedica à exploração florestal e terá ido, juntamente com outros trabalhadores, recuperar alguma maquinaria que se encontrava numa zona afectada pelo incêndio. O comandante nacional, André Fernandes, falou ainda da morte de um civil "sem contacto com as chamas, em paragem cardiorrespiratória".

Alguma normalidade

Numa conferência de imprensa pouco depois das 20h, na sede da ANEPC, o comandante nacional garantiu que nos acessos rodoviários já começava "a haver alguma normalidade", ainda que tenha pedido que se usassem vias alterna-

Perigo de incêndio rural para hoje
Dados do dia 17 de Setembro

Fonte: IPMA; PÚBLICO
PÚBLICO

Nuvem de fumo denso espalhou-se para lá do distrito de Aveiro. Populações desesperaram

Montenegro antevê "horas difíceis"

Na sede da Protecção Civil, em Carnaxide, o primeiro-ministro anunciou que o estado de alerta em vigor será prolongado até às 23h59 de quinta-feira. "Vamos passar horas difíceis nos próximos dias. Temos de nos preparar para isso e temos de nos juntar para isso", avisou Luís Montenegro.

Ao lado do Presidente da República, o primeiro-ministro expressou solidariedade para com as vítimas dos incêndios e, tal como Marcelo Rebelo de Sousa (que cancelou uma viagem a Espanha), agradeceu à União Europeia a resposta positiva ao pedido de auxílio para o combate aos fogos.

Luís Montenegro (assim como vários membros do Governo) cancelou a sua agenda e anunciou uma equipa muldidisciplinar, composta por membros do executivo, que se reunirá na zona de Aveiro a partir de hoje.

tivas. A ferrovia nacional já operava normalmente.

André Fernandes dizia esperar que durante o dia de hoje se registasse um menor número de ignições nocturnas, baixando-se das 44 ocorridas de anteontem para ontem e das 205 ao longo do dia de ontem.

Adiantou que os dois aviões pesados espanhóis Canadair já operaram a partir da tarde de ontem, disse esperar outra parelha de aviões franceses e outra de italianos para hoje. Amanhã deverão chegar dois meios aéreos pesados de combate a incêndios oriundos da Grécia.

Entre os autarcas e as populações a queixa de falta de meios era uma constante. Que o diga o presidente da Câmara de Baião, Paulo Pereira, que desde as 10h53 se confrontava com um fogo que garantia ter já consumido várias habitações do concelho, algumas devolutas. "É uma tragédia, nunca se viu uma coisa destas", desabafou, em declarações à Lusa, queixando-se da insuficiência de meios de combate no terreno.

Em Gondomar, no distrito do Porto, o fogo obrigou a evacuar dois lares e duas escolas, em Jovim. Foram medidas tomadas por precaução na sequência do incêndio que lavra desde o início da tarde de ontem, explicou à Lusa o vice-presidente da câmara.

"A retirada dessas pessoas foi feita devido ao intenso fumo que se fazia sentir, [e foi feita] logo por precaução", disse Luís Filipe Araújo. O autarca revelou ainda "ter ardido uma casa devoluta" e acrescentou que um bombeiro "sofreu ferimentos ligeiros".

Albergaria-a-Velha

"Abri a janela, vi uma coisa medonha." Vizinhos evitaram cenário ainda pior

Reportagem

Camilo Soldado Texto
Adriano Miranda Fotografia

Um dos maiores incêndios de ontem destruiu casas e levou à evacuação de aldeias em Albergaria. Provocou ainda três mortos

A sorte de Natália Costa foi o telefone ter tocado pouco depois das 7h da manhã. A filha, que mora em Jafafe, uma aldeia não muito longe de Albergaria-a-Velha, ligou-lhe a avisar de que o incêndio que tinha começado no dia anterior, em Sever do Vouga, estava em movimento e a chegar ao concelho. "Abri a janela e vi uma coisa medonha", conta a reformada de 73 anos, que mora na Rua Luís de Camões há mais de 30 anos.

Perante a chuva de fagulhas, começou a prevenir-se, a regar em redor da casa com o marido, a tentar evitar que as projecções dessem origem a novos focos de incêndio. Aquela rua fica no miolo da cidade, a uma certa distância das manchas de floresta que rodeiam Albergaria, que foram consumidas ontem pelo fogo. Mas o vento forte ajudou à propagação e acabaram por arder várias casas na rua de Natália Costa.

Ao início da tarde, a fase mais crítica do incêndio de Albergaria – um dos mais graves entre os vários que assolaram o país e que levaram à morte de três pessoas – já tinha passado. Ainda assim, o cineteatro Alba, no centro da cidade, continuava a servir de abrigo temporário a várias pessoas que tinham sido retiradas pelas autoridades de aldeias que circundam aquela localidade do distrito de Aveiro.

Na Rua Luís de Camões, um grupo de pessoas ainda se afadigava, num corrupio de baldes e mangueiras, a fazer um rescaldo à civil e a debelar alguns focos que iam reacendendo, ora em casas devolutas, ora no jardim de um vizinho que estava fora quando o incêndio ali chegou, onde uma pinha de lenha exigia ainda cautelas.

"De manhã, o vento dobrava isto tudo", atira outro morador, apontando para as palmeiras agora carbonizadas que se erguem no jardim da casa ao lado. Entre elas, ergue-se um cata-vento, no alto de uma estrutura de metal ornamentada, também ela com marcas da passagem do fogo.

Foi mesmo o trabalho de cooperação entre vizinhos que evitou que houvesse danos ainda maiores, conta Natália. "Houve entreajuda entre os que se dão bem e entre os que se dão mal. Se isso não tivesse acontecido, teria sido muito pior", diz.

Mas o esforço não foi suficiente para salvar uma das casas ao lado, recentemente renovada, cujos pedaços de parede jazem sobre a estrada e mantêm a rua cortada. Nem o armazém da oficina de Carlos Júlio, de 80 anos, que tem o estabelecimento de conserto de motociclos e ciclomotores há 33 anos, ao virar da esquina. Foi dos últimos a chegar ao terreno. Preocupado com a sua idade, conta Carlos Júlio, o filho não lhe disse que parte do negócio estava a arder. Viu na televisão.

Não foi só o armazém onde agora há esqueletos de máquinas indistinguíveis uma das outras e de onde emana um intenso cheiro a plástico queimado. Colado ao depósito, tinha uma casa em

→

estado habitável, mas não habitada, conta. Supõe que o fogo tenha começado pelos barrotes de madeira que sustentavam o telhado e se tenha propagado ao resto. Da pequena moradia geminada sobram apenas as paredes.

Ainda não fez um balanço, conta o homem cujos óculos de massa não escondem os olhos raiados de vermelho, por conta de várias horas de exposição ao fumo. Mas as autoridades vão ter de "dar uma mão às pessoas", diz.

Ao início da tarde, o cata-vento que acompanhava as palmeiras estava imóvel. O vento tinha-se acalmado, assim como se ia dissipando a neblina alaranjada que coava a luz do sol e tornou mais escuro o dia numa mancha significativa da Região Centro.

Na zona urbana, o pior já tinha passado, mas a grossa cortina de fumo que varreu Albergaria-a-Velha arrastava o foco das atenções das autoridades para a zona industrial.

A aparente acalmia não sossega Natália Costa, para quem os terrenos fumegantes ainda são fonte de preocupação. O estado de alerta vai prolongar-se, pelo menos, mais umas horas, não vá o vento levantar-se de novo. "Para já, ainda não há hipótese de dormir descansada", suspira.

Um caso de exclusão

A cidade de Aveiro também esteve cercada pelas chamas durante várias horas do dia (*ver reportagem na página 6*), com um dos focos a lavrar mato perto da zona industrial, uma mancha que ocupa parte do Norte da cidade, em direcção ao estádio municipal. Foi um dos municípios onde o dia de combate às chamas foi mais complicado.

Na zona industrial, entre armazéns e um aterro de resíduos, estende-se uma larga língua de eucaliptal entremeada por silvado e acácia. É nessa língua, encaixada entre a vegetação, que está instalado um bairro onde vivem perto de 50 pessoas em habitações precárias.

O acesso é um problema antigo, conta Dalila Cardoso, de 51 anos, 30 deles a morar ali. Os donos dos terrenos em volta não fazem a limpeza e o alcatrão só pavimenta a estrada até ao ponto em que serve os armazéns. As últimas centenas de metros têm de ser percorridas por uma estrada com mais buracos do que áreas regulares.

Apesar das várias diligências dos moradores junto do município, o problema mantém-se, explica Dalila, que relaciona as condições de acesso e a demora na resolução do problema com a etnia cigana dos moradores.

O caminho de terra batida é um problema tanto de Inverno, quando chove e obriga as famílias a levarem as crianças às costas para que possam ir à escola, como no Verão: só há uma rua rodeada de vegetação para entrar e sair do bairro. "Se houver fogo de um lado e do outro, como é que saímos?", pergunta.

Ontem, o presidente da Câmara de Aveiro, Ribau Esteves, foi até ao terreno. Acabou por ser recebido sob uma carga de cepticismo construído por anos de um problema por resolver e com o nervosismo de quem acaba de passar por um sobressalto. "É preciso acontecer isto para vir? Também somos humanos. Trabalhamos e pagamos", atirou-lhe um dos moradores, apenas para ouvir do autarca que este não era o dia para "conversas desta natureza".

"O problema não é o caminho. É o sítio. Ninguém devia viver aqui", sublinhou Ribau Esteves, que apontou o número de um morador, após uma conversa breve, mas tensa. Mas o problema ainda maior, acrescentou, é o realojamento e a disponibilidade de casas.

Enquanto isso não acontece e o bairro e as suas pessoas ali perduram, os moradores vão continuar com receio de que ontem se repita. O fogo consumiu o eucaliptal praticamente até às casas e houve vários residentes que estavam a trabalhar e regressaram ao bairro para ajudar a combater as chamas, conta Dalila, cujo filho, Luís Maia, de 20 anos, interrompeu uma formação para fazer o mesmo.

O sítio acabou evacuado e a resposta "rápida" dos bombeiros evitou a destruição de casas, contam os moradores, reunidos na única estrada precária que dá acesso ao pequeno bairro. De um lado e de outro, a fumaça flui entre filas de eucaliptos, observada por um camião de bombeiros, a poucos metros de distância. Depois do sobressalto, todo o cuidado é pouco. "A noite", prevê Luís Maia, "ainda vai ser complicada."

A cooperação entre vizinhos foi essencial para evitar tragédia maior

População prevê que a noite "seja complicada" e não vê "hipótese de dormir descansada"

As mangueiras de sempre

Crónica

Adriano Miranda

As chamas ameaçam a Capela do Senhor dos Aflitos. Aflitos, homens e mulheres entrelaçados em mangueiras e baldes combatem os vários focos de incêndio. As casas estão em perigo e os soldados da paz não comparecem. Na telefonia de uma casa modesta, a voz do presidente da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha reclama por mais meios. O assobiar do vento e o estalar dos eucaliptos abafam o seu desespero. Os gritos vêm de várias direcções e os pulmões quase vão à falência entupidos com fumo e partículas negras. São 9h30 da manhã, mas no céu é de noite.

Um homem chora. Uma mulher conduz um tractor. Há quem derrube portões. Há também quem regue o milho acabado de apanhar. Há quem desespere porque não tem água. Há quem dê pontapés nos baldes que se romperam. Há quem se sente na soleira da porta a olhar. Há torres de lenha para o Inverno. Há terras abandonadas transformadas em silvados. Há botijas de gás, relva sintética, palmeiras, casas devolutas, carros e charruas, santos e altares. Há anos de vidas construídas a pulso e a suor. Parece que tudo vai acabar.

A casa cor de salmão acabou de ser restaurada. A casa cor de salmão acabou de ser destruída. Um casal jovem. Ele ainda com a roupa de trabalho. Parece ser soldador. Ela só pedia ajuda. E todos ajudaram. A casa cor de salmão, a casa tipo tropical, a casa pequena do mecânico de motorizadas, a casa da senhora mais velha da rua e todas as outras. Era um corrupio de novos e velhos a tentarem dar o seu melhor. Há amigos e vizinhos que se odeiam. Mas naquela hora todos se abraçaram. Lutaram até à exaustão.

Em cada telha, em cada janela, em cada tacho, em cada colchão, em cada livro, em cada crucifixo, em cada jóia, em cada árvore destruída pelas chamas, em cada vida, em todos nós, estão anos de políticas erradas. De "bazucas" e propagandas.

No fundo da rua, ouvem-se gritos. Uma criança grita: – Bruno, a casa da avó está a arder!

Somos o país que construímos. Somos o país que queremos.

Fotojornalista

+ IGUALDADE

ENTRE MULHERES E HOMENS NO TRABALHO E NO EMPREGO

- igualdade salarial
- proteção na parentalidade
- proteção do/a trabalhador/a cuidador/a
- conciliação entre a vida profissional, pessoal e familiar
- combate ao assédio no trabalho
- direitos
- proximidade

Saiba mais em:

Estradas cortadas

O dia em que Aveiro despertou sob um manto negro e ficou praticamente isolada do país

Reportagem

Maria José Santana

Incêndios nos municípios vizinhos deixaram o ar irrespirável. As chamas também foram motivo de preocupação

A escuridão que tomou conta do céu e o intenso cheiro a fumo foram apenas os primeiros sinais de aquele viria a ser um dia sinistro. Estradas cortadas, engarrafamentos, cancelamentos e contactos constantes com quem estava nos municípios vizinhos, mais concretamente em Albergaria-a-Velha, Oliveira de Azeméis e Sever do Vouga. A cidade de Aveiro ficou ontem coberta por um manto de fumo, chegando a estar, por várias horas, praticamente isolada – as três auto-estradas que passam pela região estiveram cortadas e algumas ligações de comboios foram interrompidas.

As chamas também flagraram no município, obrigando à evacuação de várias empresas e armazéns na Zona Industrial de Taboeira. Sobre este incêndio em concreto, o presidente da Câmara Municipal de Aveiro, Ribau Esteves, não tardou a apontar o dedo a uma empresa em particular. "O aterro sanitário da ERSUC continua com as telas plásticas a céu aberto, levando a que as chamas projectassem para as estradas contíguas", denunciou, em declarações ao PÚBLICO, depois de reparar que este foi o incêndio mais grave que deflagrou no município – houve outros focos em Aveiro por causa de projecções dos incêndios de Albergaria-a-Velha e Sever do Vouga.

Na zona industrial de Taboeira, os empresários não tiveram mãos a medir para proteger as instalações das suas unidades. À porta de uma empresa de produtos dietéticos, o PÚBLICO ouviu lamentos, por parte de um empresário que optou por não ser identificado, quanto à falta de limpeza dos terrenos envolventes. "E a boca-de-incêndio não tinha água", denunciava, ao mesmo tempo que ia ajudando a cortar as ervas à beira da estrada.

ADRIANO MIRANDA

Ribau Esteves, autarca de Aveiro, foi ajudar a cortar ervas

Não muito longe dali, várias famílias caminhavam em direcção a uma zona mais afastada das chamas. As autoridades optaram por evacuar um acampamento da comunidade cigana, encerrando também uma escola daquela área. E também neste caso, as palavras que se ouviam era para criticar a falta de limpeza dos terrenos. "Estão tipo pólvora", acusava Danilo, um dos elementos daquela comunidade.

Sobre a falta de água nas bocas-de-incêndio, Ribau Esteves reconhece que houve problemas de manhã – houve um excesso de consumo durante várias horas –, mas que a situação foi normalizada à tarde. Quanto à situação dos terrenos, adverte que é preciso criar "instrumentos legais para permitir que os serviços das câmaras possam entrar num terreno [privado] para o limpar. Não podemos estar dependentes de uma autorização do juiz. Temos de ter autoridade para o poder fazer", insistiu, lamentando que pouco tenha mudado desde os incêndios de 2017. "Mudou a capacidade operacional, mas não a capacidade para fazer", vincou.

Plano de contingência

Com vários focos de incêndio na sua área de intervenção, a Unidade Local de Saúde da Região de Aveiro, EPE (ULS RA), em coordenação com a protecção civil distrital, decidiu activar o seu plano de emergência externa, reforçando as equipas médicas e encaminhando os casos menos graves para os centros de saúde.

Ao longo do dia, em sequência dos incêndios activos na região, deram entrada no serviço de urgência do Hospital de Aveiro "cinco pessoas com queimaduras, tendo uma sido transferida para a ULS de Coimbra", "três pessoas com dificuldades respiratórias, decorrentes da inalação de fumo" e "duas pessoas com traumatismos, decorrentes do esforço de combate aos incêndios".

Já nas instalações dos cuidados de saúde primários, foram atendidas 27 pessoas em Aveiro, 57 pessoas em Albergaria-a-Velha e 44 na Branca – freguesia localizada no município de Albergaria. Os números foram divulgados pela própria ULS da Região de Aveiro e dizem respeito apenas ao período até às 18h.

Com os cortes de trânsito nas A1, A25 e A17, foi difícil entrar ou sair de Aveiro – os impactos fizeram-se sentir, também, nas estradas secundárias, nomeadamente na Avenida Europa, que atravessa o município de Aveiro. Um cenário que deixou o centro turístico quase vazio. Uma boa parte dos moliceiros permanecia no cais e os que foram navegando transportaram muito poucos turistas. "Já fizemos 13 viagens, mas várias delas foram só com dois passageiros", lamentava Adriana Silva, da empresa Onda Colossal.

Nos hotéis, o cenário foi idêntico. "Tivemos dez cancelamentos até ao momento. Nem conseguiam chegar à cidade", referiu Cristina Durães, directora do Hotel Moliceiro. Ao balcão do Turim Aveiro Palace Hotel, também já tinham chegado "um ou dois" pedidos de cancelamento.

Relatório

2024 estava a ser o ano com menos área ardida da última década

Clara Barata

Este ano estava a ser bastante positivo relativamente aos incêndios florestais: até 31 de Agosto, houve um total de 4457 incêndios rurais que resultaram em 10.294 hectares de área ardida. Este é o valor mais reduzido em número de incêndios e também o mais reduzido de área ardida, desde 2014, segundo um relatório da Direcção Nacional de Gestão do Programa de Fogos Rurais. Os incêndios que nos últimos dias atingiram várias zonas do país fizeram com que tudo mudasse.

Fazendo uma comparação de 2024 com o historial da década anterior, menos 53% de incêndios rurais e menos 86% de área ardida relativamente à média anual do período no continente, diz o relatório, datado de 2 de Setembro.

Na Madeira, no entanto, a área ardida em Agosto ascendeu a 5000 hectares.

O máximo de área ardida destes últimos anos foi atingido em 2017, ano do incêndio de Pedrógão Grande, 236.485 hectares, embora 2015 tenha sido ano com maior número de incêndios (16.034). Mas 2022 foi o terceiro ano com mais área ardida (108.491 hectares). Em 2024, até 31 de Agosto, os incêndios com área ardida inferior a um hectare foram os mais frequentes (85% do total de incêndios rurais), segundo este relatório. Registou-se apenas um incêndio com uma área ardida superior a mil hectares: o de Angueira, no Vimioso (distrito de Bragança), que se iniciou a 10 de Agosto.

Para ser classificado como um grande incêndio, a área ardida tem de ser igual ou superior a 100 hectares e, até ao fim de Agosto, 12 incêndios enquadraram-se nessa categoria, representando 43% do total de área afectada este ano, neste período. Foi também em Agosto que houve mais incêndios rurais: 1757, o que corresponde a 39% do número total desde o início do ano. Foi também no mês passado que houve mais área ardida, 5843 hectares, ou 57% do total até ao final desse mês.

Neste fim-de-semana, no entanto, foi emitido um alerta de risco máximo de incêndio rural para uma centena de concelhos no continente, nos distritos de Faro, Portalegre, Castelo Branco, Santarém, Leiria, Coimbra, Guarda, Aveiro, Viseu, Porto, Bragança, Vila Real, Viana do Castelo e Braga.

Até agora, eram apenas 12 os grande incêndios este ano

Causas por apurar

A investigação das causas foi concluída para 3129 dos 4457 incêndios rurais que se verificaram em Portugal continental até 31 de Agosto (70% do número total de incêndios – responsáveis por 62% da área total ardida). O relatório diz que foi possível apurar a causa para 2329 incêndios. As causas mais frequentes em 2024 são: incendiarismo (31%) e queimadas de sobrantes florestais ou agrícolas (13%). Mas há sempre uma grande proporção de incêndios cujas causas ficam por apurar. Em 2017, o ano em mais área ardeu, e o segundo com mais incêndios, foram investigados 12.116 dos 14.366 incêndios ocorridos, e só 7513 das investigações foram conclusivas.

Os distritos com mais incêndios foram Porto (845), Viana do Castelo (464) e Braga (372), embora tenham sido maioritariamente de reduzida dimensão. O distrito que teve mais área ardida até 31 de Agosto foi Bragança, onde as chamas consumiram 2857 hectares, seguido de Viana do Castelo com 1637 hectares e de Beja com 837 hectares.

Os 20 concelhos com maior número de incêndios situam-se todos a norte do Tejo, à excepção de Abrantes e de Almada. Têm elevada densidade populacional, com grandes aglomerados urbanos e uma história de utilização tradicional do fogo na gestão agro-florestal. Representam 31% do número total de ocorrências e 22% da área total ardida. O relatório destaca o concelho de Miranda do Douro, mas também os de Valença, Arcos de Valdevez, Vimioso, Bragança, Penafiel, Elvas, Montalegre e Freixo de Espada à Cinta, que representam 17% do total nacional.

Xavier Viegas

“Com esta humidade, qualquer partícula que caia no chão vai dar origem a um novo foco”

Entrevista

Mariana Oliveira

Xavier Viegas, especialista em incêndios, fala de como a meteorologia pode rapidamente dar a volta ao que parecia ser um ano bom

A explosão de incêndios na Região Centro apanhou Domingos Xavier Viegas de férias, em Itália, mas rapidamente os ecos do que se estava a passar galgaram fronteiras. Nesta entrevista ao PÚBLICO, o professor catedrático na Universidade de Coimbra explica porque se multiplicaram os incêndios e fala das políticas de gestão florestal.

Este ano até parecia estar a ser benevolente do ponto de vista dos incêndios, mas o que isto nos mostra é que rapidamente tudo muda.

É verdade. Felizmente, tivemos nas semanas anteriores dias não muito quentes, com a temperatura não muito alta, com algumas excepções. Tivemos muitos dias encobertos, alguns com períodos de chuva, até bastante tarde durante o Verão. E poucos dias de sequências de calor. Mas estes últimos dias estão a ser particularmente graves, porque veio o vento leste, que faz com que os combustíveis sequem muito rapidamente. A nossa equipa que está a acompanhar a humidade dos combustíveis na Região Centro diz-me que a humidade está abaixo dos 5%. E isso quer dizer que o risco de incêndio é extremo. Qualquer partícula que caia a arder no chão vai dar origem a um novo foco secundário. E, segundo a informação que tenho, é isso que está a acontecer. Com vários incêndios com projecções, multiplicam-se os focos de incêndio. Mesmo ocorrências que já têm alguma dimensão podem ter sido causadas por outros incêndios que já estavam a decorrer.

Já há mortos, casas ardidas... as imagens lembram-nos outras tragédias.

Penso em 2003, 2005, 2017, 2022. Oxalá o que se está a passar termine rapidamente. O que esta situação nos mostra é a nossa vulnerabilidade, como país, como

sociedade, como pessoas, porque, por muito que se faça para mitigar este problema – e tem-se feito alguma coisa –, estamos perante uma força que é a natureza, que tem muito poder. E quando se reúnem estas condições ou as pessoas têm um extremo cuidado e evitam, de todo, causar incêndios, fazer fogo... ou bastam pequenos descuidos para dar origem a incêndios como estes.

Está a ser feito o suficiente? E no sentido correcto?

Sim. Já se vinha a trabalhar antes de 2017, mas nesse ano foi dado um novo impulso. Houve uma maior consciência por parte dos cidadãos, dos próprios políticos, para a importância do problema. E o país foi dando passos no sentido de melhor se organizar, de haver uma maior consciência para a dimensão do problema, evitando eles próprios atitudes de risco. E estávamos a ver, de modo geral, bons resultados. Deve-se dizer que ajudados pelas boas condições meteorológicas que tivemos, de modo geral, nos últimos seis ou sete anos. O que este cenário nos mostra é que ainda há mais a fazer. Diria mais: por muito que façamos, temos sempre de estar preparados ou estar a contar que pode haver ocasiões como as que estamos a ver. Nestas alturas, temos de nos concentrar na defesa e na salvaguarda da vida das pessoas para evitar que se repitam cenários como os de 2017, em que perdemos 125 cidadãos.

Temos um dispositivo de combate preparado para responder a situações de normalidade, mas que nunca será capaz de responder a situações absolutamente excepcionais?

É correcto.

Daí que a aposta tenha de ser feita na prevenção.

Exactamente. E por prevenção pensa-se na gestão dos espaços agro-florestais, onde há muito trabalho a fazer. Há que evitar grandes continuidades de uma mesma espécie. Extensões sem quebras, sem corta-fogos, sem descontinuidade de mosaicos. Devemos apostar em tipos diferentes de espécies, que possam retractar o fogo, que possam fazer uma maior oportunidade de combate. E apostar em políticas que permitam reduzir a vegetação que existe nos espaços florestais. Uma das medidas pode ser a reintrodução do fogo, ou seja, usar o fogo para queimar essa vegetação, para que ela, quando haja um incêndio, ao chegar aí, perca a sua capacidade de propagação. Tem de haver essa redução da carga de combustível. Por outro lado, também temos de pensar se a organização das nossas florestas, dos nossos espaços rurais, é o mais desejável para fazer e para enfrentar estas situações. São questões que nós, cientistas, estudamos e testamos, mas tem de se passar à prática. Senão, com o agravar da situação climática, este tipo de situações tenderá a multiplicar-se.

O facto de a nossa floresta ser maioritariamente privada e também o facto de ser minifúndio dificulta as políticas nesta área. As soluções que se têm estado a testar ao longo dos últimos anos são suficientes?

A sua dimensão e a sua extensão ainda são pequenas face à dimensão do problema. Por causa do minifúndio, por vezes até é difícil identificar os proprietários. Tem havido planos e projectos para tentar juntar esses terrenos, dar-lhes uma gestão comum, como se fosse um condomínio. Tal permite não só gerir a floresta de uma forma mais produtiva, mais geradora de riqueza, que é uma coisa que é fundamental para que possa haver gestão. Tem havido várias iniciativas ao longo de décadas que, infelizmente, não têm tido a dimensão e a persistência de que o problema carecia. As medidas ficaram muito aquém do que era desejável.

Espaço público

Continuamos a ser um país frágil

Editorial

David Pontes

Continuamos muito longe dos dias em que poderemos passar um Verão sem sobressaltos, porque este é um país frágil, sempre que a questão é ir ao âmago dos problemas

Passámos o Verão receosos de que um dia como o de ontem pudesse chegar. E foi logo pela manhã, na primeira reunião de redacção, que, por vários sinais, percebemos que esta segunda-feira iria contrariar o registo que fazia com que, até 31 de Agosto, este fosse o ano com menor área ardida da última década. Infelizmente, como sublinhava ontem António Nunes, presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, "as contas fazem-se no fim". E o fim ainda não foi ontem.

Calor, vento, casas a arder, diferentes frentes de incêndio, numa região onde habitação e floresta se misturam, eram sinais mais do que óbvios para ficarmos em alerta e enviarmos para o terreno os meios que nos permitissem uma cobertura aproximada do que estava a acontecer. O céu alaranjado no Porto, as cinzas que começavam a cair longe do epicentro dos acontecimentos, era a confirmação do dia de angústia que se seguiria, com um país cortado ao meio pela dimensão dos incêndios que, na hora em que se escreve este editorial, estão longe de estar terminados.

Como continuarão muito longe os dias em que poderemos passar um Verão sem sobressaltos, porque este é um país frágil, sempre que a questão é ir ao âmago dos problemas. É isso que explica no nosso *podcast* P24 o ex-secretário de Estado das Florestas e do Desenvolvimento Rural Miguel João de Freitas, que entre 2016 e 2017 co-assinou um conjunto de diplomas que ficaram a ser conhecidos como a Reforma da Floresta. Desde aí, afirma, foi feito muito trabalho em matéria de meios de combate ao fogo, foi feito muito trabalho na prevenção, mas "ficou por cumprir aquilo que era essencial, a gestão florestal". E sublinha: "Se não tivermos um território que esteja gerido, a qualquer altura podemos voltar a ter fogos da dimensão dos de 2017."

Depois da tragédia de Pedrógão, estávamos obrigados a fazer melhor, mas estamos ainda muito longe de resolver um problema que o aquecimento global só veio agravar. Enquanto não conseguirmos que a gestão do território seja um desígnio nacional, vamos estar sempre aquém do que é necessário para que não aconteçam dias como o 16 de Setembro de 2024.

Que pelo menos este dia, marcado já pelos enormes prejuízos materiais e pela perda de vidas humanas, sirva como impulso para olhar para os programas que já existem e que precisam é de força política e de dinheiro para serem realidade no terreno. Sem isso, sem um Governo que assuma a centralidade desta prioridade, continuamos a ser um país frágil, à mercê de uma rabanada de vento que desperte novamente o inferno.

CARTAS AO DIRECTOR

Olivença e Xi Jinping

Como leitor diário do PÚBLICO, li atentamente as pretensões do ministro da Defesa, Nuno Melo, acerca de "Olivença é Portugal". Na verdade, é público que a Espanha não se cansa de exigir a soberania de Gibraltar aos ingleses – península rochosa – que foi perdida no século XVIII. Logo, que força política e moral tem a Espanha para tal reivindicação se não reconhece o direito a Portugal de readquirir Olivença, que usurpou? Xi Jinping, da China, defendeu a devolução das ilhas Malvinas aos argentinos; Portugal, país com seriedade, cumpriu atempadamente com Macau à China; a França nunca assinou o tratado de Badajoz, conforme era do documento, para que a ocupação de Olivença por Espanha se efectivasse; a Espanha disse entregar Olivença se Portugal ajudasse militarmente Franco na guerra civil espanhola e não cumpriu. Ora a Espanha exige Gibraltar à Inglaterra. Sendo assim, porque é que Portugal não pede a Xi Jinping que interfira na devolução de Olivença como o fez com as Malvinas? Pode ser que resulte!
Artur Soares, Braga

Ministro anacrónico

Não curando de ponderar a oportunidade ou não de aludir ao assunto, um ministro em funções decidiu há dias referir-se ao diferendo acerca da soberania sobre a cidade de Olivença que, segundo um tratado antigo, deveria fazer parte do território português e não do espanhol. Como demonstração de patriotismo, é comovedor e gera-nos uma enorme nostalgia...

Todavia, o ministro parece esquecer-se de questões actuais de muito maior vulto. A autonomia de Portugal no interior da União Europeia não é nenhuma; os Orçamentos do Estado estão sujeitos ao visto prévio da União, o que significa que não temos a liberdade de escolher o que queremos fazer no país; não podemos ter moeda própria e alterar-lhe o valor conforme a conveniência para a economia, são-nos impostas comparticipações para despesas militares para intervenções em guerras que não são nossas; estamos sujeitos a decisões do Eurogrupo, organismo que tem mera existência de facto, visto que não faz parte da estrutura institucional da UE, etc., etc.

Não, senhor ministro, a questão maior que agora se nos põe não é se Olivença é nossa ou dos espanhóis; a questão é a de saber se Portugal ainda é nosso ou é das potências maiores da UE de além-Atlântico. Trate do assunto se se julgar capaz.
António Reis, Vila do Conde

Celebremos os 45 anos do SNS

O SNS faz 45 anos. Muitos portugueses não imaginam como era o acesso aos cuidados de saúde antes da criação do SNS e por isso não conseguem avaliar a verdadeira revolução que foi a sua criação. António Arnaut que deve ser relembrado porque, além de tudo o que fez em prol do país, foi o pai do SNS, estaria hoje, por certo, muito triste, por verificar que muita gente tenta diminuir a eficiência do SNS.

Ana Paula Martins, ministra da Saúde, é o expoente máximo dessa campanha, por muito que diga que não. Não consigo entender por que razão Ana Paula Martins não descansou enquanto não conseguiu que Fernando Araújo abandonasse as funções que exercia. Será que tem inveja da forma como funciona o SNS no Norte e, por isso e só por isso, não concordou com as opiniões de Fernando Araújo e tudo fez para que ele se demitisse de director executivo do SNS? Se assim foi, não pode continuar como ministra da Saúde porque não defende nem nunca defenderá os interesses do cidadão anónimo.
Manuel M. Gomes, Senhora da Hora

O caminho-de-ferro em Portugal

É com muita tristeza que li, no PÚBLICO de ontem, as reportagens sobre os serviços no que resta da linha do vale do Vouga e sobre os atrasos na ligação ao Algarve. Um e outro artigo espelham bem o descalabro a que se chegou na ferrovia nacional: total desprezo pelo utente, ineficiência da CP e desinteresse por tudo quanto "cheire" a ferrovia. É uma situação lamentável, quase única na Europa, que nos envergonha. Não basta o caricato de não termos ligações eficientes com Espanha e, por causa de uma avaria em Belver, atrasam-se os comboios de Lisboa para o Algarve! Também deve ser um caso único no mundo, termos a gestora das infra-estruturas rodoviárias a gerir também a ferrovia! Que saudades da Refer.

E voltando às ligações com Espanha, já era boa altura para o serviço Porto-Vigo ter horários mais apropriados aos interesses dos potenciais clientes (por exemplo, garantindo ligação eficaz com Lisboa-Porto) e acabar com o caricato de serem precisos três ou quatro transbordos para fazer o percurso Lisboa-Madrid (é certo que neste tema as responsabilidades da Renfe são ainda maiores do que as da CP...).
Manuel Guedes-Vieira, Lisboa

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles cartasdirector@publico.pt

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ESCRITO NA PEDRA

A integridade sem o saber é fraca e inútil, enquanto o saber sem a integridade é perigoso e terrível
Samuel Johnson, escritor

O NÚMERO

200

O Governo fixou em 200 o número de professores reformados a contratar para minimizar as necessidades temporárias de docentes

Os azeites e os açúcares

Ainda ontem

Miguel Esteves Cardoso

Há um ano comecei a prefaciar a minha lista diária de afazeres com exortações militares, como "não resmungar". Finalmente começaram a surtir efeito. Mas as consequências são mais deprimentes do que animadoras, levando-me a não recomendar o exercício.

Comecei por registar os momentos em que mais me apetecia resmungar, a ver se os conseguia reprimir, por saber antecipá-los. Verifiquei que a pior altura era enquanto preparava o pequeno-almoço. A seguir, vinha a viagem para ir almoçar, o stress antes de lanchar e, ao fim do dia, a decisão sobre o jantar. O leitor já terá visto a ligação que, por causa de outras coisas que se meteram pelo meio, me levou um ano a detectar: é sempre antes das refeições.

Ou seja: aquilo que eu atribuía às singularidades do meu temperamento devia-se à condição que partilho com todos os mamíferos: quando os açúcares estão baixos, acorda o gene furibundo e começa a partir a louça, a ver se lhe atiram alguma carcaça com presunto.

Também as horas de contentamento seguiam tão de perto os horários das digestões que fui forçado a conceder que sou comandado não tanto pelo sonho, como pelo pâncreas. Depois do almoço, quando me dá para compor um soneto ou dois, não era a criatividade a soltar-se: era a microbiota a agradecer o bacalhau com grão.

A primeira reacção é chorar: é muito triste sermos reduzidos, nas palavras de Pessoa, à besta sadia, ao cadáver adiado que procria. Mas, pensando bem, essa simplicidade é libertadora. As angústias verdadeiras, tal como os adolescentes, precisam de um espaço próprio, onde se possa contemplar a estranha satisfação que nos advém quando descobrimos que os nossos males não têm remédio, estando orgulhosamente para além de qualquer *pizza*.

Assim, mudei a exortação para "não resmungar estupidamente", para tentar guardar os meus *resmungues* para os ultrajes que os mereçam. Não é como se fossem poucos. São é um bocado mais difíceis de encontrar – pelo menos com o estômago cheio.

ZOOM COLÔMBIA

ERNESTO GUZMAN JR./EPA

Jogadoras dos Países Baixos comemoram depois de vencer a anfitriã Colômbia nas grandes penalidades em jogo disputado no estádio Pascual Guerrero, em Cali, a contar para o Mundial sub-20 de futebol feminino

P

publico.pt

Lisboa (sede: editor e redacção)
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral
Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Agosto **19.838 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

A escola é um antivírus

Coluna vertebral

Amílcar Correia

Os alunos imigrantes reprovam mais vezes e têm piores notas do que os alunos portugueses nativos. A diferença de percurso escolar entre imigrantes e nativos é evidente desde os primeiros anos de escolarização e acentua-se ao longo da vida escolar, porque essa discrepância dificilmente se atenua mais tarde.

O facto de os primeiros serem reunidos nas mesmas turmas, o que acontece sobretudo na Área Metropolitana de Lisboa, com o argumento da homogeneização do desempenho, é uma medida segregadora e de efeitos perversos. Por todas estas razões, os alunos de diferentes nacionalidades e de origem imigrante têm mais propensão para optarem pelo ensino profissional.

É isto que nos diz a análise dos resultados educativos dos alunos matriculados no 9.º ano das escolas públicas em Portugal continental, no ano lectivo de 2016-2017.

O estudo é da autoria de dois investigadores da Nova BSE, chama-se *Inclusão ou Discriminação?* – o título é uma pergunta retórica – e fornece indicadores importantes para transformar a escola num factor importante da política de imigração e evitar que seja um factor de perpetuação de desigualdades sociais. Obviamente, uma escola que não integra discrimina. E essa não é a sua função.

Sete anos depois, a importância do ensino como meio de inclusão é ainda maior. O número de alunos estrangeiros no ensino básico e secundário cresceu, nos últimos cinco anos, de 53 mil para 140 mil, um aumento de 160% em cinco anos, depois de mais de uma década a decrescer.

O que o Estado tem diante de si é um desafio novo: há mais alunos nas escolas e mais alunos que não são falantes de português, o que exige respostas pedagógicas diferentes daquelas que eram gizadas para os de origem brasileira ou de países de língua oficial portuguesa.

O Ministério da Educação está ciente disso. Entre as várias medidas anunciadas para este arranque do ano lectivo consta a intenção de colocar 272 mediadores linguísticos e culturais a trabalhar nas escolas, com o objectivo de assegurar uma melhor integração, e a revisão da disciplina de Português Língua Não Materna. Elementar.

O sucesso a esta disciplina, o sucesso destes alunos não é somente do interesse dos próprios. O ministro da Educação também está ciente disso.

Fernando Alexandre tem tido um discurso sensato e politicamente pertinente quando defende que o sucesso da política de imigração vai depender do sucesso educativo destes novos alunos, do envolvimento dos pais nesse processo, de financiamento alargado para cursos de língua portuguesa a estrangeiros: "A integração dos imigrantes é essencial para o funcionamento da economia e para que a nossa sociedade se mantenha coesa. A integração destas pessoas passa pela educação e começa nos filhos destes imigrantes. Se falharmos na integração dos imigrantes, falhamos na nossa política de imigração."

A responsabilidade é grande, mas o sistema de ensino só tem a ganhar com essa diversidade e com essa exigência de ser melhor e mais eficiente, como diz a psicóloga Margarida Gaspar de Matos. Alguém tem dúvidas sobre isto?

A política de imigração não consiste em fechar fronteiras ou erguer muros burocráticos e consulares. A criação de obstáculos legais só contribui para aumentar a imigração irregular e entregar às redes mafiosas a condução dos fluxos migratórios.

O sistema de ensino só tem a ganhar com a diversidade e com essa exigência de ser melhor e mais eficiente

No seu próprio interesse, no nosso próprio interesse, o Estado tem de fazer mais e melhor pela integração de quem vive no país.

Como tem explicado Rui Pena Pires, sociólogo e director científico do Observatório da Emigração, a imigração vive de uma economia nacional que ainda goza de uma informalidade suficiente para se aproveitar de mão-de-obra mais frágil, mantendo-a na penumbra da clandestinidade, impedindo-a de se regularizar.

O calvário que é obter uma autorização de residência, por oposição à facilidade com que se contribui para a Segurança Social ou para a Autoridade Tributária, tem o seu quê de sobranceiro e de terceiro-mundismo.

O actual Governo tem a possibilidade de fazer a diferença face ao anterior, o que não deixa de ser irónico, uma vez que esta realidade foi negligenciada e a desastrosa reorganização de serviços, para apagar a má reputação do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, só veio piorar as coisas.

As tentativas de acelerar a resolução dos 400 mil processos pendentes na Agência para a Integração, Migrações e Asilo, com o reforço de pessoal e 30 novos centros de atendimento, ou o atendimento no Centro Hindu, em Lisboa, são medidas de interesse público.

Encarar a escola como um meio de integração é um antivírus. Retirar do limbo 400 mil pessoas é uma emergência. Fechar fronteiras ou propor referendos tem tanto de maldoso como de desonesto

Jornalista

L Mirandés percisa d'ua Mano

Aníbal Fernandes

Hoije ye l die de la fiesta de la Lhéngua Mirandesa.

La ALCM cumbinou cula Cámara de Miranda un porgrama an que suobressal ua sesson solene cula persénica d'ua delegaçon de deputados de l Cunceilho de la República (AR) i ua sesson cultural cun salimiento de Lhibros an Mirandés.

Quier-se que l Paíç steia cun atento al que parece ser ua cuntradiçon: siempre que la nuossa Lhéngua ye chamada para tomadas de decison amportantes, ye-lo por ounanemidade i aclamaçon. Mas apuis, l tiempo cuorre i nada se fai. Ye l causo de la promulgaçon de la Carta Ouropeia de las Lhénguas Minoritairas que l Goberno de anton aprobou an setembre de 2021 i, passados 3 anhos, naide ye capaç de mos dezir adonde stá l Diploma. Tamien l Grupo de Trabalho pa la formaçon d'ua Ounidade Ourgánica pa la Lhéngua Mirandesa que fui criado pul Çpacho de febreiro 1294/2024 i que solo agora stá a dar dalguns passicos.

Sabemos que todo isto ye resultado de la proberbial einércia de ls nuossos poderes anstituídos, mas l Mirandés atrabessa ua maleita mui grabe que, se nada se fazir i debrebe, puode lhebar a la sue stinçon.

Todos ls mirandeses stan mui agradecidos pulas ajudas que ténen recebido tanto de l poder central, cumo de l Outárquico. Mas, cumo palabras nun adúban sopas, hai que cuncretizar las prepuostas.

Ye l causo de ls 2 oubjetibos amantados atrás (Carta Ouropeia i Ounidade Ourgánica), ye l causo de la amplementaçon de medidas locales, dalguas yá apuntadas pula Cámara (atas de reuniones municipales, folheto de promoçon de l Muzeu de la Tierra de Miranda, cartas de ls restourantes, antre outras, que deberan de ser bilhingues).

Esta lhéngua secular ye la marca d'auga de la riquíssema cultura mirandesa que cunseguiu salir de bencida al lhargo de ls seclos, poulando i sbarrulhando las talanqueiras que tubo pul camino. Ne l seclo XV, cul Foral de Cidade dado por D. Juan III, l mirandés fui poribido na Cidade. Passou a ser falado solo afuora de las muralhas, ne ls lhugares, siempre apoucado (era lhéngua "charra" an ouposiçon a la "fidalga") i perseguido (l'Eigreija dezie que nun se podie rezar a Dius an Mirandés, cumo tal, serie ua lhéngua de l demonho). Ne l seclo XX, l Stado Nuobo fui mui malo na represson al Mirandés culs ninos a lhebáren bordoada ciega na scola por faláren ua lhéngua parola i atrasiada.

Zde 1882, quando José Leite de Vasconcelos eidenteficou l Mirandés cumo ua Lhéngua cun todas las caraterísticas própias i nó cumo un dialeto apoucado de que se caçoaba, muitos "Fincones" se fúrun alhebantando ne l Praino para cunseguir scorar, calçar i ancorar este bien tan precioso que era la sue lhéngua mai. Apunto a Manuel Sardinha, Bernardo Fernandes Monteiro, Manuel Preto, Moisés Pires, José Francisco Fernandes, António Maria Mourinho i Amadeu Ferreira.

I cula aprobaçon de la Lei 7/99 esta figura demudou cumo de la nuite al die. Zde ende, ls Mirandeses, que dantes tenien bergonha, passórun a tener proua an falar la sue Lhéngua.

Esta lhéngua que suobrebibiu durante seclos cumo ua fala, ten hoije ua lharga obra screbida de muita culidade. Presto houmenaige a Adelaide Monteiro, Alcides Meirinhos, Alfredo Cameirão, Amadeu Ferreira, António Alves, António Mourinho, Bina Cangueiro, Carlos Ferreira, Domingos Raposo, Faustino Antão, antre tantos outros. I claro, sien squecer l papel crucial de José Leite Vasconcelos, Manuol Sardina, de Manuela Barros Ferreira i Cristina Martins.

Cumo yá dixe atrás, la lhéngua ye l mandante de la cultura mirandesa. I cun esta produçon lhiteraira, abriu-se l camino al zambuolbimiento de la música i de las artes plásticas.

Grupos cumo Las Çarandas, Çaramontaina, Galandun Galundaina, Hardança, Lúria, Pica & Trilha, Trasga, etc. ínchen-mos de proua pula sue culidade i criatebidade. Artistas cumo Adelaide Monteiro, Anna Pires, Balbina Mendes, José Nobre ou Manuol Bandarra son l teçtemunho de l que la Cultura Mirandesa ye capaç.

Creio que nun ye pedir muito: solo ua mano fuorte chena de buona buntade para fazer i cuncretizar.

Para que este balioso patrimonho de Pertual nun se muorra.

Biba la Lhéngua Mirandesa!

Cidadon Mirandés

Travar a eutanásia na secretaria

Pedro Norton

Já não tenho idade para não ter dúvidas. Muito menos sobre temas e sobre fenómenos que são maiores do que nós e que desafiam o nosso pleno entendimento. Deem as voltas que quiserem, a morte e a vida são mistérios desses. Mesmo (ou talvez sobretudo) para incréus como eu.

Essa consciência aguda das minhas limitações nunca me impediu, no entanto, de perceber que elas não me dispensam de fazer escolhas. A perplexidade aconselha à ponderação e à prudência, mas não é desculpa para aceitar um imobilismo que é sempre, também ele, uma escolha, embora mera escolha travestida e cobarde. Todos temos de fazer as nossas particularíssimas sínteses. Serão falíveis, precisamente porque lidamos com mistérios que ultrapassam o nosso entendimento, mas são também, pela mesmíssima razão, as únicas sínteses ao alcance dos homens.

No caso dos temas ditos "fraturantes" (do aborto à eutanásia, de que aqui me ocupo), se é verdade que essas sínteses particulares me têm sempre conduzido ao espaço do primado da liberdade, reconheço também que, em vários deles, chego à minha posição depois de fazer um exercício difícil e desafiante de pesar e repesar direitos e liberdades que muitas vezes conflituam e colidem entre si.

Não é, curiosamente, o caso da morte medicamente assistida. Estamos aqui no plano de uma liberdade individual que nenhum direito de terceiros pode legitimamente constranger. Bem sei que morte medicamente assistida não é "mero" suicídio, onde a questão se coloca em termos de liberdade negativa (não posso aceitar que a sociedade ou o Estado queiram impedir-me de dispor da minha própria vida). Na eutanásia ou no suicídio medicamente assistido, falamos, é certo, de liberdade positiva. Trata-se de criar, em casos muito específicos e rigorosamente circunscritos, condições objetivas sem as quais o exercício prático de uma liberdade é letra morta. Ainda assim, com plena consciência que é de uma conceção positiva de liberdade de que estamos a tratar, posiciono-me do lado dos que acreditam que temos obrigação de criar as condições práticas para o exercício desta. A liberdade para dispor da própria vida é, provavelmente, a mais radical, a mais trágica, mas, também por isso mesmo, uma das mais fundamentais de todas as liberdades.

Notem que esta minha particular síntese não é sinónimo de desrespeito pelo sentir profundo dos muitos para quem o tema é violentador de consciências e de convicções, religiosas ou outras. Reconheço a legitimidade desse sentir e respeito-o. Por isso mesmo, nunca gostei de partir para discussões desta natureza desde um lugar de superioridade moral, desde uma presunção da bondade absoluta de todos os "progressismos" ou desde um altar de proselitismo e militância intolerante. Simplesmente, é-me muito difícil, para não dizer impossível, colocar no mesmo plano esse sentir violentado que, sendo plenamente legítimo, é mero sentimento de terceiros e o sofrimento radical e absoluto do sujeito que, por causa dele (do sofrimento), é levado a ponderar desistir da própria vida.

No caso da lei aprovada em 2023, a todas as considerações de princípio enunciadas junto a convicção de que estamos perante um documento muitíssimo cauteloso e equilibrado, repleto de fundamentais salvaguardas, que foi o resultado de um processo virtuoso que incluiu um longuíssimo debate na sociedade portuguesa, muito escrutínio, muita ponderação de argumentos e contra-argumentos e sobretudo que incluiu uma genuína vontade de acolher vários contributos para densificar e melhorar o articulado final.

Faço questão de fazer todo este intróito por uma questão de mera transparência. Para que não restem dúvidas sobre o lugar onde me situo em toda esta discussão mais substantiva. Mas, em boa verdade, esse lugar ou posição quanto à questão de fundo é, para a matéria que aqui me interessa, absolutamente irrelevante. Porque o que está agora em causa já não é uma discussão filosófica, já não é uma discussão ética, já não é uma discussão religiosa. O tema, como podem facilmente compreender todos os que estiverem de boa-fé, é agora exclusivamente político.

E é por isso, sem retirar nada do que foi dito em relação ao respeito pela opinião e pelo sentir de todos os que legitimamente se opuseram à passagem da lei e que prefeririam que ela hoje não existisse, que guardo para o domínio da política as palavras mais severas. Se a incúria do Governo do PS que adiou para lá dos limites legais a regulamentação da lei sobre a morte medicamente assistida é difícil de explicar, e é por isso mesmo condenável, a posição declarada do Governo da AD de fazer prolongar o impasse com base num expediente processual (que, a ser aceite como válido, equivaleria a reconhecer o direito de qualquer cidadão fazer bloquear, na prática, todas as decisões legislativas pelas quais não tenha simpatia) é absolutamente intolerável.

E é intolerável, desde logo, porque constitui um atropelo flagrante ao processo democrático e, por arrasto, à própria democracia (como justamente defendem os subscritores do abaixo-assinado divulgado na semana passada). Sejamos claros: este já não é o momento de debater o conteúdo da lei. Esse debate, gostemos mais ou menos das suas conclusões, ficou para trás, foi difícil e foi profundo. Este é, tão só, o momento de aplicar o que já está democraticamente decidido. Sendo que, como já ficou dito, estamos a falar de um dos processos legislativos mais longos, mais escrutinados, mais discutidos, mais maturados da nossa história democrática. Não é possível argumentar com um mínimo de plausibilidade que o diploma que dele emanou resulta de qualquer tipo de súbito repente ou de um assomo de impulsividade. Não é possível argumentar que, depois dos sucessivos vetos, constitucionais e políticos, e das consequentes adaptações e melhorias que deles resultaram (de resto, aceites com humildade democrática, como não podia deixar de ser), o referido processo legislativo esteja ferido de qualquer indício de ilegitimidade.

A posição declarada do Governo, de fazer prolongar o impasse com base num expediente processual, é absolutamente intolerável

Mas acontece ainda, e chego ao ponto crucial, que não é só de denegação da democracia de que estamos a falar. Mais grave ainda do que atropelar, em democracia, decisões devidamente legitimadas é negar, na secretaria, direitos fundamentais reconhecidos pelo poder legislativo. Por cada dia que passa, por cada mês que passa, há portugueses que veem recusada, na prática, a trágica liberdade de tomar as decisões que só eles, no seu sofrimento atroz, na sua solidão imensa, podem verdadeiramente compreender e aquilatar. Que se possa recorrer a este tipo de expediente, com este tipo de consequências, em nome de equilíbrios táticos e de conveniências políticas de circunstância (porque é disso que se trata), eis o que não pode deixar de ser considerado uma insensibilidade sem limites.

Gestor

RUI GAUDÊNCIO

Pedro Nuno diz que "calculismo" sobre eleições não decide voto do PS no OE

Só um deputado ousou defender abertamente, na última Comissão Nacional do PS, dar o "tudo por tudo" para aprovar o OE. Secretário-geral respondeu que o partido não tem de ter medo de eleições

Ana Sá Lopes

Chama-se Paulo Pisco, tem 63 anos, é licenciado em Filosofia e deputado do PS pelo círculo da Europa há várias legislaturas. Foi ele o único socialista a defender claramente, na última Comissão Nacional do PS, que decorreu em Coimbra no sábado, que o partido devia fazer todos os possíveis para viabilizar o Orçamento do Estado do Governo.

Pedro Nuno Santos respondeu com alguma irritação ao único deputado que ousou enfrentar a estratégia do secretário-geral. Afirmou que nem ele nem o PS estavam movidos por "calculismo" relativamente a futuras eleições e que, para tomar uma decisão com vista ao próximo Orçamento, o PS não tinha de ter medo de eleições.

José Luís Carneiro, que foi o *challenger* de Pedro Nuno Santos nas eleições directas para secretário-geral, assumiu que se devia fazer um esforço "até ao limite" para contribuir para a estabilidade política, mas que "é ao Governo que compete estender a mão ao maior partido da oposição". Carneiro também falou da exigência de que os dados da execução orçamental sejam divulgados pelo Governo e que o próximo Orçamento deveria ter como base as famosas "contas certas" – expressão cunhada durante o Governo de Costa –, a redução da dívida pública, o crescimento assente na inovação, competitividade e salários. E defendeu que o investimento deve ser centrado na saúde, educação, transportes e mobilidade.

Embora o secretário-geral não tenha informado os membros da Comissão Nacional sobre quais as propostas que tenciona apresentar ao Governo como condições para que o PS viabilize o Orçamento – além das "linhas vermelhas" já conhecidas do fim do IRS Jovem e da diminuição do IRC –, ficou a ideia de que seriam propostas na área da educação e saúde.

PAULO NOVAIS/LUSA

Pedro Nuno Santos não revelou à Comissão Política quais as propostas que vai levar para a mesa de negociações com o Governo

> **É ao Governo que compete estender a mão ao maior partido da oposição**
>
> **José Luís Carneiro**
> Dirigente do PS

A paz com Carneiro

As relações entre Pedro Nuno Santos e José Luís Carneiro não foram famosas logo no início do mandato do secretário-geral. Na Comissão Política de onde saiu a expressão "praticamente impossível" relativamente à aprovação do Orçamento, José Luís Carneiro falou cá fora, aos jornalistas, e não interveio dentro da reunião. Pedro Nuno acusou o toque.

Desta vez, foi tudo diferente. E José Luís Carneiro veio mesmo para as suas redes sociais apoiar a estratégia do secretário-geral relativamente ao Orçamento do Estado. Numa publicação onde fez a súmula do seu discurso na Comissão Nacional, José Luís Carneiro escreveu que "compete ao Governo tomar a iniciativa de apresentar as propostas do Orçamento do Estado. É ao Governo que compete tomar a iniciativa do diálogo e da concertação política", criticando o executivo por, ao não apresentar o exercício das contas relativas ao ano de 2024 e as previsões para 2025, ter falhado "não apenas em relação ao maior partido da oposição", mas também "em relação ao presidente do Parlamento".

O elogio a Pedro Nuno do seu antigo adversário vem na frase em que Carneiro diz que "o PS e o secretário-geral tudo têm feito e tudo devem continuar a fazer para que o país tenha estabilidade política". Ora, José Luís Carneiro prefere a estabilidade "quando o país, o Estado e as autarquias têm metas tão exigentes para cumprir", mas recusa um PS humilhado, exigindo ao Governo "uma atitude de humildade democrática".

"Praticamente impossível"

No discurso de abertura do secretário-geral do PS, houve um perfume de regresso ao tempo em que era certo o voto do PS contra ao Orçamento do Estado.

Apesar de Pedro Nuno Santos dizer que nunca saiu do mesmo sítio, toda a gente o ouviu dizer coisas diferentes durante o Verão relativamente à aprovação ou não pelo PS das contas do Estado para 2025.

Do "praticamente impossível" aprovar o Orçamento que saiu da Comissão Política logo a seguir às eleições até à entrevista à RTP em que Pedro Nuno admitiu viabilizar caso "o PS não seja ignorado", o secretário-geral do PS já usou muitas fórmulas semânticas para exprimir o seu pensamento, e o secretariado do PS chegou a mandatá-lo para negociar o Orçamento.

Agora, voltou à casa de partida, de onde diz que nunca saiu: é "praticamente impossível" o PS abster-se no Orçamento.

"Manifesto dos 50" propõe dez critérios para a escolha do próximo procurador-geral da República

Maria Lopes

"Caderno de encargos" inclui combate às escutas e buscas "abusivas" ou à violação do segredo de justiça

RUI GAUDÊNCIO

Lucília Gago termina o mandato dentro de quatro semanas

Já não é só meia centena de personalidades, mas sim o triplo, aquelas que se juntam em torno do objectivo de uma reforma da justiça, e que agora deixam dez critérios que consideram essenciais para a escolha da personalidade que irá liderar a Procuradoria-Geral da República a partir de meados de Outubro. Um caderno de encargos para o Governo e o Presidente da República, que têm a responsabilidade de encontrar um(a) substituto(a) para Lucília Gago, cujo mandato termina dentro de quatro semanas.

Independente, que "compreenda a necessidade de uma reforma da justiça", que "tenha a cultura da prestação de contas", "respeite e faça respeitar os prazos constitucionais e legais" dos procedimentos judiciais, que "elimine práticas (...) como o uso ilegal ou abusivo" de buscas e escutas telefónicas e de violações do segredo de justiça – estas são algumas das características enumeradas na lista que os promotores do "Manifesto dos 50" tornaram ontem pública.

Na prática, estes dez critérios correspondem à larga maioria das críticas feitas à actuação da actual procuradora durante o seu mandato de seis anos, com especial incidência neste último ano. Aliás, a forma como estão redigidos soa mesmo a respostas directas a Lucília Gago.

O "Manifesto dos 50" foi lançado em Maio e teve como principais impulsionadores o ex-presidente do PSD Rui Rio, o antigo secretário-geral do PS Ferro Rodrigues, e figuras como os antigos ministros Maria de Lurdes Rodrigues, David Justino, Augusto Santos Silva, os constitucionalistas Vital Moreira e Paulo Mota Pinto, a ex-deputada social-democrata Mónica Quintela e o advogado Daniel Proença de Carvalho. Numa nova vaga de subscritores juntaram-se nomes como os antigos ministros Eduardo Catroga (PSD) e Luís Amado (PS), assim como o "capitão de Abril" Vasco Lourenço ou a antiga deputada do BE Ana Drago.

"Embora a necessária reforma da justiça, pedida pelos subscritores do 'Manifesto dos 50', deva incidir sobre o conjunto do sistema de justiça, e nunca apenas sobre o Ministério Público, o lugar importantíssimo que este ocupa em tal sistema aconselha a que a escolha do seu mais alto responsável seja cuidadosa, envolvendo as consultas indispensáveis a que possa merecer o mais amplo consenso possível, e obedecendo a objectivos e critérios que sejam conhecidos e compreendidos pela opinião pública", começam por argumentar os promotores. Para depois dizerem esperar que a personalidade designada "possa satisfazer um certo número de requisitos e aceitar compromissos que suscitem a confiança pública na adequação do seu perfil e na qualidade do seu desempenho".

Critérios correspondem à larga maioria das críticas apontadas à actuação de Lucília Gago

Esperam, por isso, que o próximo (ou próxima) procurador-geral de República seja uma personalidade "portadora de uma cultura dos direitos fundamentais que garanta total respeito pelos princípios e as regras do Estado de direito" e constitucionais, e que "compreenda a necessidade de uma reforma da justiça que a torne mais eficiente, mais simples, mais célere, menos custosa e mais respeitadora dos direitos humanos", que inclua também algumas mexidas no quadro legal, organizacional e de actuação do Ministério Público.

Deve também ser alguém que "compreenda, aceite e valorize os contributos e sugestões" dos meios profissionais, das forças políticas e sociais, da academia e sociedade civil em vez de ficar fechada na redoma do sector, e que não assuma em relação ao exterior uma "atitude sistemática de indiferença, hostilidade, negação, desconfiança ou menosprezo".

Não se recomendando a proveniência da personalidade – se da magistratura ou de fora –, pede-se que conheça "bem" o sistema de justiça e o funcionamento do MP, que não tenha "subordinação ou cumplicidade" corporativa e que faça cumprir a hierarquia e a autonomia do Ministério Público. Até se admite que seja alguém de fora da magistratura se isso for necessário para garantir a "independência pessoal". "E que seja, sempre, um(a) defensor(a) do Estado de direito e da justiça democrática", assim como do papel do Ministério Público, dos magistrados e restantes funcionários.

Os signatários pedem também que seja uma personalidade que assuma as suas opções de governança do MP e que assuma a "responsabilidade de informar e esclarecer a opinião pública sempre que necessário" – em que se incluem os relatórios de actividade mas também outras formas de comunicação como debates ou entrevistas –, sem delegar tal missão nos outros. Nessa "cultura de prestação de contas" cabe ainda a devida "interacção" com o Parlamento.

A nova liderança da PGR exige-se ainda que "respeite e faça respeitar" os prazos legais, como a detenção para apresentação ao juiz (48 horas); mas também que elimine práticas que têm "prejudicado severamente" a credibilidade e eficácia do MP, como o "uso ilegal ou abusivo dos meios mais intrusivos de investigação (como buscas domiciliárias e escutas telefónicas), o arrastamento indefinido dos inquéritos, as violações sistemáticas do segredo de justiça, o conluio com o 'jornalismo' especulativo e sensacionalista".

PS e Chega disponíveis para aprovar orçamento nos Açores

Rui Pedro Paiva

PS muda de estratégia e apresenta 11 propostas para viabilizar orçamento regional. PSD tem contado com o apoio do Chega

Nos Açores, PS e Chega estão disponíveis para viabilizar o orçamento do governo regional do PSD. Os socialistas, agora com novo líder, Francisco César, mudaram de estratégia e apresentaram 11 propostas em troca de uma abstenção, incluindo a não aplicação da polémica medida para dar prioridade aos filhos dos pais que trabalham no acesso à creche. A decisão está agora do lado de Bolieiro.

"Esta é uma oportunidade de construirmos um orçamento ao centro ou um desperdício se o Governo optar por construir um orçamento junto da direita populista", afirmou Francisco César, após uma reunião com Bolieiro. O líder do executivo dos Açores está a receber os partidos a propósito da elaboração das contas regionais para 2025.

As declarações do novo presidente dos PS-A, eleito em Junho após quatro mandatos de Vasco Cordeiro, revelam uma alteração na estratégia do partido na região. Entre as 11 medidas está a rejeição do critério que visa dar prioridade aos filhos de pais trabalhadores no acesso à creche (proposto pelo Chega) e o aumento do número de vagas associado à construção de uma nova rede de creches.

Os socialistas querem, também, a criação de um programa de apoio às despesas de alojamento dos universitários deslocados, um pacote para facilitar o acesso à habitação e incentivos para os jovens ingressarem no ensino superior. Francisco César reivindicou a redução das listas de espera na saúde, mais transparência no Plano de Recuperação e Resiliência, a diminuição em 50% da dívida não financeira e a imposição de um limite para que a dívida pública não ultrapasse, em 2025, o valor registado em 2023. O caderno de exigências do PS contempla ainda a redução, até 30 de Março, dos elementos dos gabinetes do governo regional.

Mesmo que algumas medidas sejam de difícil aplicação, ao assumir disponibilidade para viabilizar o orçamento, o PS não só coloca na agenda as principais bandeiras do partido, como procura obrigar o PSD a definir-se em relação à política de alianças. É a primeira vez que o maior partido da oposição demonstra tal abertura desde que Bolieiro assumiu o poder em 2020.

ANNA COSTA

José Manuel Bolieiro prossegue hoje as audições aos partidos

Se na República ainda não é possível identificar uma maioria óbvia capaz de garantir a governabilidade, nos Açores, desde 2020 que o PSD governa à direita com o apoio do Chega. O acordo entre os dois partidos estendeu-se a esta legislatura, tendo o Chega viabilizado o programa do governo regional (cuja reprovação significaria a demissão do executivo) e o orçamento para 2024, votado em Maio. O PS também se absteve na votação do orçamento para este ano, justificando-o com o incêndio no Hospital de Ponta Delgada, mas manteve-se sempre à margem de qualquer negociação com o executivo regional.

Já o Chega criticou a nova estratégia socialista e quase deu como garantido um voto favorável no próximo orçamento. "Não me agrada mesmo nada ver um partido supostamente de direita como o PSD, apoiado ou coligado ao PS, que tanto mal causou aos Açores e a Portugal", vincou José Pacheco, líder regional do partido.

Para o deputado do Chega-A, é preciso evitar nos Açores um "clima de instabilidade ridículo" como se vive na República. "É uma questão, nem é de estabilidade, é de responsabilidade." A discussão do orçamento dos Açores para 2025 está marcada para Novembro.

Para a IL, Montenegro daria "sinal importante" se participasse nas reuniões sobre OE2025

Não tem havido "grandes contactos" com o primeiro-ministro sobre o Orçamento do Estado para 2025, diz Rui Rocha

O presidente da Iniciativa Liberal considerou ontem que o primeiro-ministro daria um "sinal importante" se participasse nas reuniões sobre o Orçamento do Estado para 2025 e reiterou que tem visto "sinais preocupantes" sobre a via que o Governo pretende seguir.

"Eu creio que seria um sinal importante do primeiro-ministro, em algum momento, fazer essa ronda com as lideranças políticas dos outros partidos, porque daria seguramente um sinal de interesse e de abertura para que possa haver uma negociação séria, profunda, das questões do Orçamento", afirmou Rui Rocha em declarações aos jornalistas no Parlamento, antes do arranque das jornadas parlamentares do partido.

O líder da IL disse que o primeiro-ministro "lá saberá" se participará em futuras reuniões, mas reiterou que lhe parece que "seria desejável" que o fizesse. Questionado se tem tido alguma conversa com Luís Montenegro sobre o Orçamento, disse que não tem havido "grandes contactos" e referiu que as negociações têm decorrido "com normalidade".

"Nós temos participado nas reuniões em que o Governo entende que deve incluir os partidos políticos, temos feito os nossos contributos", referiu ainda, acrescentando que a posição do partido "é clara". "Votaremos o Orçamento com sentido de responsabilidade. Não nos pronunciamos, como fazem outros partidos, antes de o conhecer e, relativamente à posição final da IL, ela está em aberto", salientou Rui Rocha.

No entanto, o líder da IL frisou que tem visto "sinais preocupantes" sobre a via que o Governo pretende seguir sobre a proposta orçamental, designadamente no que se refere a eventuais "cedências ao PS". "Quando vemos a possibilidade de haver uma cedência ao PS, estamos a ver a possibilidade de ceder naquilo que é fundamental para transformar o país. Portanto, eu creio que os portugueses se manifestaram no sentido da mudança e uma cedência ao PS afasta-se desse desejo de mudança mas também das posições da IL", afirmou.

Rui Rocha, líder da IL, diz que Luís Montenegro devia envolver-se nas negociações do Orçamento para 2025

Na abertura das Jornadas da IL, a líder parlamentar, Mariana Leitão, acusou o Governo da AD de ter prometido mudanças, mas de só estar a concretizar "ténues alterações", defendendo que o Estado tem falhado em sectores como a saúde, educação, segurança e Justiça.

"Depois de quase uma década de hegemonia socialista, foi prometida aos portugueses mudança pelos vencedores das últimas eleições. Seis meses depois, percebemos que as mudanças se limitam a anúncios de medidas que, ou vão no mesmo sentido das anteriores, ou representam ténues alterações", acusou Mariana Leitão. **Lusa**

TSD querem avaliar extensão do subsídio de desemprego

TSD admitem criação de renda básica universal

A proposta temática dos Trabalhadores Social-Democratas (TSD) ao Congresso do PSD, que decorrerá no próximo fim-de-semana, sugere o estudo de novas formas de financiamento da Segurança Social e admite o prolongamento do subsídio de desemprego ou a criação de uma renda básica universal.

Na proposta intitulada "Unir, Mudar, Acreditar por Portugal", os TSD – estrutura autónoma do PSD – defendem que, com o aumento da automatização no trabalho, é necessário "alterar o paradigma de financiamento da Segurança Social bonificando as empresas de mão-de-obra intensiva em detrimento das de capital intensivo". "Esta questão terá de ser seriamente equacionada sob pena de se pôr em risco o sistema baseado sobre um alto nível de emprego em que se baseia a nossa Segurança Social", alertam.

Para os TSD, esta mudança no mundo laboral deve também fazer avaliar "questões como o prolongamento da atribuição de subsídio de desemprego ou a atribuição de uma espécie de renda básica universal", sob pena de se verificar um aumento da exclusão.

A moção dos TSD pede ainda a valorização do salário mínimo a par de um efectivo aumento do salário médio e a recuperação do investimento nos serviços públicos e nos seus recursos humanos, "assegurando do aumento de salários para todos os trabalhadores, revisão das carreiras e progressões e um sistema de avaliação justo". O 42.º Congresso do PSD decorrerá no sábado e no domingo, em Braga. **Lusa**

Foram colocados menos professores esta semana

Não é público quantos docentes ainda estarão em falta nas escolas. Ministério abriu 200 lugares para reformados

Clara Viana

O número de professores contratados colocados na reserva de recrutamento de ontem é o mais baixo do mês. Pelos cálculos feitos pelo PÚBLICO a partir das listas de colocação, foram cerca de 1760 por comparação a 2500 na semana passada e a 1962 em 2 de Setembro, que foi a primeira reserva de 2024/2025.

As reservas de recrutamento são concursos nacionais de colocação de professores que estão abertos todo o ano lectivo para tentar responder às necessidades que vão surgindo nas escolas.

Os resultados da terceira reserva deste ano lectivo foram divulgados ontem, como tem acontecido nas últimas semanas. Quase 84% (1479) dos lugares ocupados foram em horários temporários (sem duração anual), geralmente pedidos para se proceder à substituição de professores que entram de baixa médica, um contingente que começa a aumentar logo que começa o ano lectivo, que este ano foi no passado dia 12.

Nas listas divulgadas pela Direcção-Geral da Administração Escolar (DGAE) não constam dados sobre os pedidos feitos pelas escolas. Esta informação só é tornada pública quando o ministério opta por a divulgar.

Na passada quarta-feira, o ministro da Educação, Fernando Alexandre, deu conta de que na reserva de recrutamento de dia 9, em que foram colocados 2500 professores, ficaram por preencher 1091 horários. Não se sabe quantos destes foram ocupados na reserva de ontem ou quantos migraram para a chamada contratação de escola, que é o que acontece com a maioria dos que ficam por ocupar nas reservas de recrutamento.

A contratação de escola é também um concurso com duração anual mas, ao contrário das reservas de recrutamento, compostas por listas nacionais, os candidatos podem escolher directamente a escola e o horário a que se candidatam.

Entre as reservas de dia 9 e a de ontem, foram 150 os professores que abandonaram as listas nacionais por terem colocação em contratação de escola. Cálculos publicados no blogue de Arlindo Ferreira, especialista em estatísticas da Educação, mostram que, ao longo da semana anterior, estiveram 1635 horários em concurso em contratação de escola, com um pico de entradas (635) na sexta-feira, dia 13.

18 mil por contratar

Educação Pré-Escolar e Informática foram as disciplinas com mais pedidos. São dois grupos de recrutamento com realidades muito distintas. Na Educação Pré-Escolar ainda há cerca de 4400 educadores de infância. Em Informática, só sobram 22.

Realidades distintas no que respeita à falta de professores separam também o Norte do Sul. Na região Norte, onde residem muitos dos docentes, ainda quase não se senta a sua falta. A sul, nomeadamente nas regiões de Lisboa e do Algarve, a situação é oposta. É para estas regiões que estão direccionadas as medidas excepcionais adoptadas pelo Governo para reduzir o número de alunos sem aulas, que passam pela realização de um novo concurso de vinculação ainda com datas e vagas por definir. Ontem foi publicado em *Diário da República* a intenção de contratar 200 reformados. O ministro da Educação visitará hoje algumas das escolas com carência de professores no Alentejo e no Algarve.

Nas listas da reserva de recrutamento continuavam por colocar cerca de 18 mil professores contratados. Na semana passada, eram perto de 21 mil. A maioria não tem as regiões com mais falta de professores nas preferências de colocação que manifestou, nem pertence aos grupos de recrutamento (disciplinas) mais desfalcados, entre os quais figuram Informática, Português, Matemática, Física e Química e Biologia e Geologia.

O movimento Missão Escola Pública já alertou que, nas listas de colocação, já não existirão docentes disponíveis para assegurarem estas disciplinas nos distritos do Sul. Estes são "buracos" que o Governo espera tapar com o novo concurso de vinculação.

Intenção de contratar 200 reformados já foi publicada

O Governo fixou em 200 o número de professores reformados a contratar para minimizar as necessidades temporárias de docentes, indica um despacho publicado ontem. "É fixado um contingente de recrutamento de 200 docentes aposentados ou reformados a contratar para satisfação de necessidades temporárias de pessoal docente, em grupo de recrutamento deficitário ou em escola carenciada, por ano lectivo", refere o despacho assinado pelo ministro de Estado e das Finanças e pelo ministro da Educação. Os grupos de recrutamento deficitários são aqueles em que foi identificada a falta de colocação de docentes na contratação inicial e nas reservas de recrutamento, enquanto as escolas carenciadas são as que, no próprio ano lectivo e nos dois anos lectivos anteriores, se verificou a existência de alunos sem aulas durante, pelo menos, 60 dias consecutivos.

NUNO FERREIRA SANTOS

Quase 84% dos lugares ocupados foram em horários temporários, geralmente para a substituição de baixas médicas

Coordenador do SEF achou normal Ihor estar com pés atados por fita adesiva

Joana Gorjão Henriques

Começou ontem o julgamento de outros cinco arguidos por causa da morte de Ihor Homenyuk a 12 de Março de 2020

Quando, em 12 de Março de 2020, o inspector-coordenador do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), João Agostinho, se deslocou ao centro de instalação temporária do aeroporto de Lisboa, viu que o cidadão ucraniano Ihor Homenyuk estava imobilizado com fita adesiva nos pés. Não conseguiu ver o que se passava da cintura para cima, mas não notou nada de anormal que o levasse a fazer perguntas sobre aquele tipo de "algemagem".

Pouco depois, quando espreitou de novo para a porta onde já estavam os três inspectores Duarte Laja, Luís Silva e Bruno Sousa, notou que o cidadão se estava a opor à algemagem, só que ficou tranquilo porque os colegas estavam a dar conta da situação. Mas, disse ao procurador que acompanha este julgamento em tribunal, Abel de Matos Rosa: "Nunca o vi algemado, vi que os meus colegas estavam a tentar algemar, ele esbracejava..."

João Agostinho foi o único que quis prestar declarações entre os cinco arguidos que estão a ser julgados no Tribunal Local Criminal de Lisboa, depois de aqueles três inspectores terem sido condenados a nove anos de prisão num primeiro julgamento, confirmado pela Relação de Lisboa em Dezembro de 2021. O procurador quis saber se, ao ver que o cidadão estava amarrado com fita adesiva, João Agostinho fez perguntas sobre isso a alguma das pessoas que o acompanhavam — ao que o inspector-coordenador respondeu que não.

Depois, o advogado que representa a família Homenyuk, José Gaspar Schwalbach, questionou-o sobre o motivo de não ter questionado nem seguranças, nem inspectores. Isto porque antes João Agostinho tinha dito ao tribunal que em dois anos de trabalho no aeroporto nunca tinha visto um cidadão manietado daquela forma, ao mesmo tempo que afirmou que não presenciara qualquer facto que saísse da normalidade naquele dia. "Se não saía da norma, como admite que alguém tenha fita-cola?", questionou o advogado. João Agostinho respondeu: "Estava a referir que em todo o comportamento nunca vi nada sair da normalidade."

José Gaspar Schwalbach, segundo a sua intervenção, considera que o que está em causa neste julgamento é saber se a morte do cidadão ucraniano poderia ter sido evitada caso tivesse existido intervenção de algum dos arguidos presentes.

Dois seguranças da empresa Prestibel — Paulo Marcelo e Manuel Correia — são acusados, neste segundo julgamento, de terem manietado Ihor Homenyuk com fita adesiva, privando-o da liberdade. João Agostinho e a inspectora Maria Cecília Vieira são acusados de saber que Ihor Homenyuk esteve algemado com as mãos atrás das costas durante oito horas e sem vigilância e de o não comunicarem aos seus superiores, nem lhe tirarem as algemas.

DANIEL ROCHA

Ihor Homenyuk estava no centro de instalação temporária do aeroporto de Lisboa

> **Advogado da família considera que o que está em causa é saber se a morte do cidadão ucraniano poderia ter sido evitada caso tivesse havido intervenção**

João Agostinho é representado pelo advogado João Nabais, que alegou que não houve qualquer omissão da sua parte e que este segundo julgamento apenas existe por pressão da comunicação social, já que no anterior não houve razão para apresentar acusação. Está ainda acusado António Sérgio Henriques, ex-director de Fronteiras — que já tinha sido expulso da função pública em 2021 — por ter participado no preenchimento do relatório de ocorrências que omitiu factos e levariam à abertura de processos disciplinares aos três inspectores já condenados. Além de ser acusado de saber que Ihor Homenyuk tinha sido algemado à força, e deixado sem vigilância durante cerca de oito horas, a magistrada refere ainda que o ex-responsável viu o rosto daquele cidadão ucraniano "com inchaços que são muito sugestivos de episódios de agressão".

António Sérgio Henriques é acusado de denegação de justiça e prevaricação, os inspectores João Agostinho e Maria Cecília Vieira são acusados de homicídio negligente por omissão e os vigilantes Manuel Correia e Paulo Marcelo de sequestro e exercício ilícito de actividade de segurança privada.

Este segundo processo surge em sequência do primeiro e do fim do julgamento. Na altura, o procurador do Ministério Público pediu extracção de certidão para averiguar a responsabilidade de mais intervenientes. Os cinco arguidos foram, assim, investigados num processo autónomo em 2020, mas a investigação só foi levada adiante depois de terminado o julgamento dos outros três inspectores.

Na primeira instância, a defesa do inspector condenado Luís Silva alegou que os seguranças Paulo Marcelo e Manuel Correia deveriam ter sido constituídos arguidos; defendeu que aqueles inspectores estiveram apenas menos de 30 minutos com Ihor. Os tribunais deram como provado que os arguidos provocaram lesões traumáticas em Ihor Homenyuk, o que, juntamente com a posição em que o deixaram algemado, com as mãos atrás das costas, conduziram a asfixia mecânica, provocando-lhe a morte.

Na festa dos 45 anos do SNS, ministra anuncia que as obras do novo Hospital de Todos-os-Santos arrancam amanhã

As obras do novo Hospital de Todos-os-Santos, que reunirá os hospitais da Unidade Local de Saúde São José, em Lisboa, irão arrancar amanhã, anunciou ontem a ministra da Saúde.

O anúncio foi feito por Ana Paula Martins na cerimónia comemorativa do 45.º aniversário do Serviço Nacional da Saúde (SNS), que decorreu ontem à tarde na Culturgest, em Lisboa, em que falou sobre o reforço do investimento em infra-estruturas e equipamentos pesados para modernizar a rede.

A ministra considerou o novo hospital uma "unidade inovadora e potenciadora da mudança em toda uma região, cujo início de obras irá ser assinalado na quarta-feira". O Hospital de Todos-os-Santos irá agregar os hospitais que compõem a ULS São José — Santa Marta, Capuchos, São Lázaro, Curry Cabral, D. Estefânia e Maternidade Alfredo da Costa.

A ministra reconheceu que o SNS tem vindo a perder atractividade para os profissionais de saúde, afirmando que, por isso, o abandonam e procuram outras soluções e afirmou que "chegou o tempo" de procurar pôr termo à insatisfação dos profissionais, admitindo que "não é fácil nem imediato".

"Temos de tentar inverter estas saídas. Temos de criar as condições para que os profissionais queiram trabalhar no SNS e tenham orgulho", disse, realçando que os profissionais têm de ser reconhecidos como "peças essenciais à excelência do sistema".

Ana Paula Martins, ministra

Segundo a governante, esse reconhecimento não pode ser só nos discursos, "mas essencialmente nas acções, na promoção de carreiras competitivas e construídas na defesa do mérito, da inovação, da progressão constante e da excelência". Adiantou que, para isso, é necessário alterar modelos e garantir calendários na construção das equipas multidisciplinares, em que seja privilegiada a diferenciação e adequação das tarefas.

Ana Paula Martins disse ainda estar disponível para "ajustar remunerações à diferenciação, à produção e ao valor criado", sublinhando que, também a este nível, "a avaliação de resultados é possível e mesmo desejável". A ministra considerou que as ordens profissionais da saúde e os sindicatos do sector "podem e devem ser parceiros de mudança".

Na mesma cerimónia, o bastonário dos médicos, Carlos Cortes, manifestou "grande preocupação" com "a falta de rumo" do SNS por considerar que está "a deixar de dar respostas, muitas vezes até respostas básicas, a pessoas que necessitam de cuidados imediatos" e avançou que a Ordem se vai empenhar nos próximos meses em apresentar propostas. **Lusa**

NUNO FERREIRA SANTOS

Paulo de Sousa, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Plano de reestruturação da Santa Casa já foi aprovado pela tutela

Sónia Trigueirão

Provedor enviou uma mensagem onde confirma redução de funcionários com recurso a reformas de adesão voluntária

Numa mensagem enviada ontem aos colaboradores, o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), Paulo de Sousa, informou que o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social já aprovou o Plano de Reestruturação da Santa Casa 2025-2027 e que o mesmo teve o parecer favorável de todos os órgãos – conselho de jogos, conselho institucional e conselho de auditoria, de acordo com a obrigatoriedade prevista nos estatutos da instituição. O provedor garantiu ainda que a redução de funcionários, de 6014 pessoas para 5807 até 2025, não será feita com recurso a despedimentos, mas através de "um programa de pré-reformas, que em breve será anunciado, de adesão voluntária, e da passagem à reforma efectiva daqueles que já atingiram a idade legal para a mesma", tal como o PÚBLICO noticiou.

Além disso, Paulo de Sousa também garantiu que não está prevista a alienação da Clínica Oriental de Chelas, mas sim "um plano de investimento e de regularização societária desta unidade".

Segundo o provedor, o plano de reestruturação tem como objectivo "reforçar a gestão global e a sustentabilidade da instituição". "Para isso, foram definidos quatro programas operacionais, desdobrados por 19 iniciativas, com os respectivos cronogramas, métricas de avaliação, impacto financeiro estimado no tempo, instrumentos destinados à monitorização, auditoria e avaliação respectiva de todas as fases", escreveu Paulo de Sousa.

Segundo o provedor, o primeiro objectivo desta reestruturação é "garantir que a implementação do plano produz impacto económico-financeiro positivo ainda no segundo semestre de 2024". A ideia é conseguir impulsionar "um novo ciclo estratégico capaz de responder aos desafios de médio prazo da instituição e de todos aqueles que a ela recorrem".

"Garantir a sustentabilidade financeira a longo prazo através da implementação de estratégias para assegurar uma situação financeira estável, diversificando receitas e gerindo eficazmente as despesas" é outro dos objectivos, assim como "melhorar a eficiência e o desempenho operacional, optimizando os processos internos para reduzir custos e eliminar ineficiências, aumentando a produtividade".

"Rentabilizar os activos da SCML, maximizando o seu valor através de uma gestão estratégica eficiente, reduzir custos, implementando medidas para cortar despesas desnecessárias e racionalizar os custos operacionais e administrativos e promover a inovação, integrando novas tecnologias e práticas organizacionais inovadoras que melhorem as respostas oferecidas pelas várias áreas de missão da instituição", são outros objectivos enunciados, bem como "melhorar a capacidade de resposta da SCML nos diversos sectores em que actua (...), adequando-se cada vez mais e melhor às necessidades do mercado". Haverá uma equipa multidisciplinar responsável pela coordenação, supervisão e avaliação do plano.

Sistema prisional: Portugal vai hoje a exame na Europa

Opinião

João Matos Viana

Entre hoje e quinta-feira, e num momento em que notícia da fuga de cinco reclusos de Vale de Judeus ainda está efervescente, o Conselho da Europa vai realizar uma avaliação do sistema prisional português.

Em 2019, Portugal foi condenado pelo Tribunal Europeu dos Direitos Humanos (TEDH), no caso Petrescu, um cidadão estrangeiro que esteve detido, entre 2012 e 2014, em duas prisões portuguesas, em condições materiais que o TEDH entendeu serem degradantes e desumanas.

Nesse processo, o TEDH declarou que existia um problema estrutural de sobrelotação no sistema prisional português e recomendou que Portugal adotasse um conjunto de medidas que garantissem a dignidade das condições materiais de detenção dos reclusos. Desde então, o Conselho da Europa tem vindo a supervisionar a implementação dessas medidas pelo Estado português, tendo já realizado duas avaliações (2021 e 2023), e estando a terceira agendada para começar hoje. O que se pode concluir destas avaliações?

Primeiro: embora tenha feito um esforço relevante, Portugal ainda não fez o suficiente para garantir condições de vida dignas nas prisões. Exemplo: em 2021 e 2022, Portugal investiu 271 mil em obras de melhoria de instalações sanitárias de 28 prisões. Contudo, em 2023, o Mecanismo Nacional de Prevenção visitou várias prisões e os seus relatórios permitem concluir que parte daquelas que beneficiaram das referidas obras continuou a ter condições sanitárias deficientes: num caso, verificou-se a "inexistência de privacidade das instalações sanitárias das celas com ocupação coletiva [e] pragas de percevejos", existindo outros casos idênticos.

Hoje, o debate público em Portugal está centrado nos investimentos em meios técnicos e humanos que garantam a segurança nas prisões. Esse debate é importante e deixa a descoberto a necessidade urgente de reforçar as condições de trabalho do Corpo da Guarda Prisional. Contudo, a dignificação das condições de vida dentro das prisões, para além de um tema óbvio de direitos humanos, também é relevante do ponto de vista do reforço da segurança prisional, desde logo porque a melhoria qualitativa das condições de acomodação dos reclusos pode contribuir positivamente para a serenidade, coesão e estabilidade da vida quotidiana da prisão.

Portugal aprovou, em 2022 e 2023, dois planos de investimento nas infraestruturas do sistema prisional, a executar até 2027, no valor global de 90 milhões de euros. Considerando que a sociedade está hoje mais consciente das fragilidades do sistema prisional, espera-se um escrutínio público e uma responsabilização política mais efetiva relativamente à execução destes dois planos, sendo igualmente expectável que, na avaliação que começa hoje, o Conselho da Europa exorte Portugal a não falhar neste objetivo.

Segundo: não obstante a adoção de algumas medidas legislativas relevantes, Portugal não tem conseguido resolver as causas da sobrelotação prisional. A 31/12/2023, em 49 prisões, 24 operavam acima dos 100% de capacidade. É verdade que, no ano de 2020 e no ano de 2023, a densidade populacional decresceu, por força das "leis covid" e da amnistia por ocasião da visita do Papa, as quais permitiram a libertação e redução de pena de vários reclusos. Contudo, passados estes remendos temporários, a densidade populacional voltou a crescer.

A eliminação da sobrelotação prisional é um tema de respeito pelos direitos dos reclusos, mas, uma vez mais, também é relevante do ponto de vista do reforço da segurança dentro das prisões: se o número de reclusos ultrapassar a capacidade de ocupação, se estiverem 115 reclusos onde apenas cabem 82 (ou seja: 140% de ocupação, como acontecia, no final do ano passado, numa das prisões portuguesas), será sempre mais difícil garantir a segurança prisional.

Como é que se elimina a sobrelotação prisional? Entre outras soluções, a documentação das anteriores avaliações do Conselho da Europa aponta sistematicamente para a necessidade de Portugal reforçar as condições de aplicação de medidas alternativas ao encarceramento. Estas medidas nada têm que ver, e não podem ser confundidas, com a simples libertação de presos, ao contrário do que, por vezes, incorretamente se alega no debate público.

O encarceramento nem sempre é a melhor solução e muitas vezes pode mesmo ser a pior. Dependendo do caso, a melhor solução pode consistir na realização de trabalho comunitário, no cumprimento de um plano de reinserção social no âmbito da suspensão da execução da pena ou da liberdade condicional, entre outras possibilidades. Quando bem aplicadas, estas soluções evitam o efeito dessocializador do encarceramento, aumentam as probabilidades de sucesso da reintegração social do condenado e, por essa via, aumentam os níveis de segurança da sociedade, contribuindo também para uma melhor gestão dos recursos atribuídos às prisões.

É verdade que o reforço das condições de aplicação das medidas alternativas ao encarceramento enfrenta dificuldades práticas pois implica, no quadro de uma Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais depauperada, um investimento sério nos meios humanos e técnicos das equipas de reinserção social que prestam assessoria técnica aos Tribunais e nos estabelecimentos prisionais. Ainda assim, é expectável que o Conselho da Europa, na avaliação que começa hoje, volte a insistir na necessidade urgente de investir neste tipo de medidas.

Em qualquer caso, se alguém pensa que o problema de segurança prisional que hoje se discute em Portugal, no rescaldo da fuga de Vale de Judeus, se resolve, apenas, com a reconstrução das torres de vigilância, a eletrificação da rede de arame ou a colocação de mais um guarda em frente das câmaras de vigilância, está muito enganado. E quem estiver interessado em pistas de solução, esteja atento aos resultados da avaliação que hoje começa.

Advogado

Autarca diz que Sé de Braga como Património Mundial não impedirá festas

Confusão causada pelas festas da cidade junto à Sé motivou a freguesia a iniciar o processo de candidatura do monumento à UNESCO, mas Ricardo Rio avisa que "valorização patrimonial não inibe" festas

Pedro Manuel Magalhães

PAULO PIMENTA

A afluência à envolvente da catedral tem-se intensificado ao longo dos últimos anos, com festas e bares

O desassossego a que os moradores da envolvente da Sé de Braga têm sido expostos em altura de eventos de maior escala na cidade motivou a união de freguesias de Maximinos, Sé e Cividade a deliberar, com o apoio da Arquidiocese de Braga, o avanço de uma candidatura do monumento a património mundial da UNESCO. Apesar de apoiar a intenção, o presidente da Câmara de Braga, Ricardo Rio, avisa que a classificação "em nada impede que se realizem actividades de diversa natureza" na envolvente da sé catedral. "Bem pelo contrário", refere.

Ao PÚBLICO, o autarca sublinha que a Sé de Braga, construída no final do século XI, é a "mais antiga catedral do país e um edifício absolutamente icónico" e que o município dará "toda a colaboração necessária" à união de freguesias e à Arquidiocese de Braga – a quem compete a candidatura – no processo de classificação. Assinala, porém, que a motivação da candidatura não deve ser ancorada nas queixas dos moradores da envolvente da sé, acrescentando que a classificação não impedirá a realização de eventos de grande escala.

"Parece haver aqui alguma confusão. Uma coisa não tem nada que ver com a outra: a valorização patrimonial do edifício não inibe a realização de actividades na sua envolvente", diz, dando exemplos do que se passa noutras cidades: "Basta ver o que são as realidades de outras grandes praças a nível mundial para perceber que esses são espaços naturais de fruição popular. Nós vamos a Bruxelas ou a Madrid, que têm edifícios classificados, e existem actividades como as que decorrem na sé".

A afluência à envolvente da catedral tem-se intensificado ao longo dos últimos anos, com o aumento do número de estabelecimentos nocturnos na zona. Em 2022, a Associação de Moradores Poder Viver na Sé (APVS) endereçou uma carta ao município, queixando-se da vida nocturna na zona de bares e lamentando o ruído e o lixo excessivos e o alargamento indevido de esplanadas.

Além do regular movimento nocturno, a zona também tem sido utilizada para prolongar os programas de diversão nocturna das festas da cidade. A gota de água aconteceu no início deste mês, no âmbito da Noite Branca, com a colocação de dois palcos de DJ, que amplificaram o volume do som madrugada dentro.

Parece haver aqui alguma confusão: a valorização patrimonial do edifício não inibe actividades na sua envolvente

Ricardo Rio
Presidente da Câmara de Braga

Os dois palcos levaram a União de Freguesias de Maximinos, Sé e Cividade a interpor uma providência cautelar no Tribunal Administrativo contra a licença especial de ruído emitida pelo município para as duas noites da Noite Branca.

Moradores saturados

Ao PÚBLICO, o presidente da união de freguesias, Luís Pedroso, justificou a providência cautelar, que viria a ser rejeitada, com o grau de saturação dos moradores, assinalando que a zona tem sido "fustigada ao longo dos anos" e que os moradores estão "pura e simplesmente saturados de tanta barulheira", acrescentando que é necessário "salvaguardar quem mora no centro histórico, porque das duas, uma: ou queremos um centro histórico vazio de moradores, ou então queremos e temos de preservar a saúde deles".

A propósito desses esclarecimentos, Luís Pedroso adiantara ainda que "se a sé catedral fosse património mundial da Humanidade não podia ocorrer metade das coisas que lá se passa". "Havia mais regras e se calhar esse vai ser o nosso próximo passo", acrescentara. No passado dia 7 de Setembro, a união de freguesias corporizou a ideia e, em declarações ao jornal *O Minho*, Luís Pedroso afirmou que a intenção de classificar o histórico monumento já tem o aval da Arquidiocese de Braga.

O desejo de candidatar a Sé Catedral de Braga, classificada como monumento nacional desde 1910, a património mundial da UNESCO foi manifestada pelo próprio Ricardo Rio já em 2009, era ainda membro da oposição no executivo municipal. Referira, na altura, que havia "muito a fazer" pela catedral e alertara para o "perigo de desertificação" do centro histórico da cidade, sublinhando o "triste definhar dos bairros históricos", que continua "sem solução à vista".

Em Braga, já existe, desde 2019, um monumento considerado património cultural mundial: o Santuário do Bom Jesus do Monte, constituído pela Basílica do Bom Jesus, três escadórios, com 573 degraus no total, capelas, funicular e 26 hectares de mata. Na comemoração do primeiro aniversário do Bom Jesus como património mundial, o então arcebispo de Braga, D. Jorge Ortiga, realçara que o santuário poderia tornar-se um lugar para "manifestações culturais", como concertos e exposições.

Estrangeiros residentes no Porto ajudam a contrabalançar índice de envelhecimento

Em 2023, o Porto tinha 248.769 residentes, mais 6,11% do que em 2013, ano em que contabilizava 234.453 residentes

A população estrangeira residente no Porto está a contribuir para contrabalançar o índice de envelhecimento da cidade, que em 2023 contava com 248.769 habitantes, mais 6,1% do que em 2013, revelou o presidente da câmara. "Depois de muitos anos em que o Porto perdeu muita população, aquilo que verificamos é que, quando comparamos 2023 com 2013, a população do Porto aumentou mais de 6%", afirmou, em declarações à agência Lusa, Rui Moreira.

Os dados constam de um documento apresentado durante o Conselho Municipal de Economia realizado a 11 de Setembro e que, entre outros temas, se debruçou sobre a demografia com base em dados do Instituto Nacional de Estatísticas (INE) e do Eurostat. Em 2023, o Porto tinha 248.769 residentes, mais 6,11% do que em 2013, ano em que contabilizava 234.453 residentes.

Dos 248.769 residentes, 62% tinham entre 14 e 65 anos, 26% 65 ou mais anos e 12% até aos 14 anos. "Hoje, a cidade do Porto recupera população em larga medida porque há fluxos migratórios que estão a suplantar aquilo que é o saldo natural do envelhecimento", salientou.

Apesar de os dados sobre a população estrangeira residente no Porto não coincidirem com o mesmo período em análise, demonstram que, entre 2012 e 2022, se registou um crescimento de 210,8%. Dados mais pormenorizados indicam ainda que em 2022 o Porto tinha 23.312 residentes estrangeiros, mais 23,1% do que em 2021, ano em que contava com 18.936 imigrantes.

Há um aumento de população

A população oriunda de Moçambique (53,1%), Índia (42,5%), Angola (32,5%), Brasil (27,3%) e Itália (11,7%) foi a que mais cresceu entre 2021 e 2022 no Porto. "Temos de ser capazes de perceber que se o Porto é hoje uma cidade mais cosmopolita, tem de tratar estas pessoas como se fossem portuenses. São pessoas que fazem parte do tecido económico e social da cidade, e são iguais a nós a partir do momento em que cá estão a viver", considerou Rui Moreira.

A par dos 248.769 residentes, os dados revelam ainda que, em 2023, 140.800 pessoas se deslocaram diariamente ao Porto para trabalhar ou estudar. A estas 140.800 pessoas somam-se os cerca de 14.000 turistas que diariamente a cidade acolhe. "Estes dados, de alguma maneira, desmentem alguns dos paradigmas que têm sido apontados à cidade", defendeu Rui Moreira, dando como exemplo "algumas das visões catastróficas" sobre o turismo.

"Tem havido uma sobrevalorização do papel e da presença dos turistas, que é verdade que é muito grande em determinadas zonas da cidade, mas percebemos que comparativamente às pessoas que vem para o Porto todos os dias representam apenas 10% e, portanto, temos que perceber que as futuras políticas da cidade devem ser baseadas em números objectivos", afirmou.

Se, por um lado, Rui Moreira considerou que o Porto, a Área Metropolitana e o Governo devem "continuar a agir e a investir em políticas de mobilidade", por outro, defendeu que a cidade deve "tentar evitar a excessiva concentração de turistas" em determinadas zonas. "Temos de conseguir um fenómeno de dispersão organizado que faça com que os turistas continuem a visitar a cidade, porque representam uma mais-valia para o comércio local, o que não podemos é ter uma hiperconcentração turística", acrescentou.

Já quanto à população estrangeira, o autarca independente, que termina o seu terceiro e último mandato no próximo ano, considera que o Porto deve ter "uma política cuidadosa" de acolhimento e integração. **Lusa**

Thierry Breton demite-se da Comissão Europeia com críticas a Von der Leyen

Comissário do Mercado Interno sai com estrondo, acusando Ursula von der Leyen de pedir a sua cabeça a Macron com a oferta de pasta mais influente para a França. Stéphane Séjourné escolhido para o substituir

Rita Siza, Bruxelas

O comissário europeu do Mercado Interno, Thierry Breton, anunciou ontem a sua demissão do cargo, "com efeitos imediatos", numa carta endereçada à presidente da Comissão Europeia em que desfere duras críticas a Ursula von der Leyen – e também ao Presidente de França, Emmanuel Macron.

Segundo a carta, que Thierry Breton reproduziu na rede social X (antigo Twitter), "na recta final das negociações" para a formação do novo colégio de comissários para o seu segundo mandato, Von der Leyen "pediu à França para retirar" o seu nome e nomear um outro candidato, e "ofereceu, como contrapartida política, um portefólio alegadamente mais influente" para o país.

A presidente da Comissão Europeia "tomou nota" e "aceitou o pedido de demissão" de Breton, a quem agradeceu o trabalho realizado, e particularmente "os avanços na legislação dos serviços digitais e dos mercados digitais, bem como em importantes dossiers da política industrial", reagiu a porta-voz do executivo comunitário, Arianna Podesta.

Menos de três horas depois da demissão, o Presidente francês anunciou a designação do actual ministro dos Negócios Estrangeiros, Stéphane Séjourné, para a Comissão Europeia, destacando a sua experiência no Parlamento Europeu como presidente do grupo político (liberal) Renovar a Europa. "Preenche todos os critérios exigidos", considerou.

No final de Julho, Von der Leyen escreveu aos chefes de Estado e de governo da UE pedindo-lhes que indicassem o nome de um homem e uma mulher para a Comissão, excepto se tencionassem renomear o seu actual representante no colégio – que foi o que fez a França, um dos primeiros Estados-membros a fazê-lo.

Na sua carta, Breton, que fora oficialmente nomeado para um segundo mandato a 25 de Julho, deixa claro que existiu um volte-face, com Macron a aceitar o *trade-off* proposto por Von der Leyen, que tem um relacionamento notoriamente difícil com o comissário francês.

No final de Agosto, a líder do executivo renovou o seu pedido aos governos, pressionando vários países a reconsiderar os seus candidatos, para cumprir o seu objectivo de um colégio paritário. Tanto a Roménia como a Eslovénia decidiram retirar o candidato e nomear uma mulher.

"Agora será proposto um novo candidato", escreve Breton, que apenas encontra como explicação para esta reviravolta "razões pessoais que em nenhuma instância foram directamente discutidas comigo". O agora ex-comissário retira uma lição política do caso, classificando-o como "mais um testemunho de uma governação questionável" de Von der Leyen, com quem entrou diversas vezes em confronto e que criticou publicamente, por exemplo durante o processo de nomeação de um eurodeputado alemão do seu Partido Popular Europeu como primeiro representante da UE para as Pequenas e Médias Empresas.

Pressionada para comentar as críticas de Breton, a porta-voz de Von der Leyen repetiu que a presidente da CE "está focada no futuro" e em "compor um novo colégio de comissários com quem possa trabalhar".

Na carta, Breton não é explícito sobre as datas dos acontecimentos a que alude, escrevendo apenas que em função desses "desenvolvimentos" chegou à conclusão de que "já não pode exercer os seus deveres no colégio". O francês diz que, durante os cinco anos em que tutelou a pasta do Mercado Interno, se esforçou "incansavelmente por defender e promover o bem comum europeu, acima dos interesses nacionais e partidários". "Foi uma honra", diz.

Macron classificou Breton como um "comissário notável", que "deu um contributo importante para o avanço de uma política europeia de soberania nos domínios da tecnologia digital, do apoio à base tecnológica e industrial europeia de defesa, e da resiliência do mercado único da União Europeia durante a crise da covid".

Enquanto responsável pelo Mercado Interno, uma das pastas mais importantes (e mais vastas) da CE, o francês dirigia a política industrial da UE, incluindo o importante dossier digital, onde deixa como legado a regulamentação dos mercados e dos serviços digitais, e a primeira lei da Inteligência Artificial europeia.

Foi Breton que esteve por detrás das negociações com as empresas farmacêuticas para garantir que cumpriam os contratos para a compra conjunta de vacinas contra a covid-19 assinados com Bruxelas , durante a pandemia, e foi ele que desenhou o programa para o desenvolvimento da capacidade de produção da indústria de defesa na UE, em resposta à guerra de agressão lançada pela Rússia contra a Ucrânia.

A presidente da Comissão, reeleita para um segundo mandato no final de Julho, deveria apresentar hoje a composição da sua nova equipa executiva à conferência de presidentes dos grupos políticos do Parlamento Europeu, em Estrasburgo. Nos corredores de Bruxelas, era dada como certa a promoção de Breton a vice-presidente executivo, com uma pasta relacionada com a autonomia estratégica e a política industrial, e a supervisão do novo comissário para a Defesa. Além de "veterano", era um dos poucos líderes provenientes da bancada liberal no próximo colégio.

Ao anunciar a sua nova escolha para a Comissão, o Presidente francês fez saber que continua à espera que a França "obtenha uma pasta-chave" no próximo executivo, "centrada nas questões da soberania industrial e tecnológica e da competitividade europeia". Expectativa que "tem sido a tónica de todos os contactos mantidos com a presidente da Comissão desde que foi eleita", referiu fonte do gabinete de Macron.

Com a saída de cena de Breton e a substituição por Séjourné, e com a nomeação da candidata da Eslovénia ainda por confirmar pelo Parlamento de Ljubljana, o mais provável é que Von der Leyen tenha de adiar a apresentação do colégio de comissários.

Ontem, a porta-voz do CE recomendou "paciência" aos jornalistas e recusou especular sobre a data para a tomada de posse dos novos comissários. Fontes do Parlamento Europeu apontaram o início de Novembro como o prazo para o arranque das audições públicas dos nomeados, o que parece apontar para uma entrada em funções no início de Dezembro.

OLIVIER HOSLET/EPA

ABDUL SABOOR/REUTERS

Ursula von der Leyen terá uma má relação pessoal com Thierry Breton. Em baixo: Stéphane Séjourné, que o vai substituir

Thierry Breton tinha sido oficialmente nomeado para um segundo mandato a 25 de Julho

Após nova tentativa de assassinato, apoiantes de Trump exigem segurança presidencial

Alexandre Martins

Suspeito é um assumido crítico do ex-Presidente dos EUA e forte apoiante da Ucrânia na guerra contra a invasão russa

A campanha presidencial mais atribulada na história moderna dos Estados Unidos, já marcada por uma tentativa de assassinato do candidato do Partido Republicano e pela desistência do vencedor das eleições primárias do Partido Democrata, teve mais um capítulo surpreendente e de consequências imprevisíveis no domingo, com a detenção de um homem por suspeita de ter tentado disparar contra Donald Trump durante uma partida de golfe.

O caso está a ser tratado como uma possível tentativa de assassinato, o que, a confirmar-se, será a segunda contra Trump em pouco mais de dois meses, depois de, a 13 de Julho, o ex-Presidente ter escapado a um atirador durante um comício na Pensilvânia.

As duas situações levaram os apoiantes de Trump a exigirem segurança máxima para o candidato republicano, o que poderá depender de um acordo no Congresso para um reforço dos meios à disposição do Serviço Secreto – a agência responsável pela segurança dos Presidentes e dos candidatos à Casa Branca. Por se tratar de um antigo chefe de Estado, Trump beneficia de um aparelho de segurança que está um nível abaixo daquele que é reservado aos Presidentes em exercício.

O suspeito, Ryan Wesley Routh, de 58 anos, é um crítico de Trump e foi citado no *New York Times*, em 2023, num artigo sobre o apoio de voluntários ao Exército ucraniano. Após uma primeira audiência judicial, ontem, Routh foi acusado de dois crimes federais de posse ilegal de arma de fogo e vai ficar detido até à próxima audiência, dentro de uma semana.

O alerta foi dado ao início da tarde de domingo, no campo de golfe de Trump em Palm Beach, na Florida, quando um agente do Serviço Secreto avistou o cano de uma espingarda na cerca de arame que delimita a propriedade. O agente – que seguia três centenas de metros à frente de Trump, como é do protocolo – atirou na direcção do suspeito, que terá fugido numa carrinha sem disparar um único tiro, deixando para trás duas mochilas, uma câmara de vídeo e a arma – uma espingarda semiautomática SKS, de fabrico soviético.

Na posse de uma fotografia tirada por uma testemunha, a polícia deteve o suspeito pouco depois, numa auto-estrada, 70 quilómetros a norte de Palm Beach. O homem não estava armado e entregou-se sem oferecer resistência.

MARTIN COUNTY SHERIFF'S OFFICE/REUTERS

O suspeito, Ryan Wesley Routh, tem 58 anos, é dono de uma empresa de construção no Havai

Seja qual for a motivação do suspeito, este novo caso vem suscitar mais dúvidas sobre os meios à disposição para proteger o ex-Presidente.

"Como disse em várias ocasiões, não há espaço no nosso país para a violência política", disse o Presidente, Joe Biden, num comunicado. Depois de manifestar "alívio" pelo facto de Trump ter escapado ileso, Biden disse que deu ordens à sua Administração para "continuar a garantir que a segurança do antigo Presidente seja feita com recurso a todos os meios necessários".

Tal como em Julho, o suspeito da tentativa de assassinato na Florida conseguiu aproximar-se de uma área exterior ao perímetro do local onde Trump se encontrava, algo que possivelmente não seria possível se o alvo fosse o Presidente em exercício.

Ontem, numa mensagem na rede social Truth Social, Trump agradeceu "o trabalho incrível" dos agentes e direccionou os apoiantes para um *site* de angariação de fundos para a sua campanha. "Eu sou Donald J. Trump. Nada temam! Estou bem e ninguém ficou ferido, graças a Deus, mas há pessoas neste mundo que farão tudo o que for preciso para nos travarem", lê-se no *site*.

O suspeito, Ryan Wesley Routh, vive no Havai, onde gere uma empresa de construção. No LinkedIn, apresenta-se como alguém "focado em contribuir o mais possível para a comunidade" e diz que o objectivo da empresa é "construir estruturas simples para os menos afortunados".

Segundo os *media* dos EUA, Routh tem um historial de problemas com a polícia e a autoridade fiscal, tendo sido alvo de várias acções de penhora. Em 2002, foi detido e acusado de "posse de arma de destruição maciça" – uma metralhadora –, depois de se ter barricado numa loja.

Recentemente, centrou a sua atenção no apoio à defesa da Ucrânia e publicou mensagens nas redes sociais criticando Trump. Numa, em Abril, disse que a sua reeleição poderia pôr em risco a democracia nos EUA.

Em 2023, Routh foi citado num artigo do *New York Times* sobre voluntários dispostos a combater na Ucrânia, alegando ser promotor de uma campanha de recrutamento de antigos combatentes afegãos que tinham fugido dos taliban.

Presidente do Irão disposto a negociar com os Estados Unidos se Washington parar com as hostilidades

André Certã

O novo Presidente do Irão, Masoud Pezeshkian, disse ontem que negociações com os Estados Unidos são possíveis se Washington demonstrar "na prática" que não é hostil em relação ao Governo iraniano. Na sua primeira conferência de imprensa desde que tomou posse no final de Julho, Pezeshkian garantiu que o seu país não enviou quaisquer armas para a Rússia desde que ele assumiu o cargo, sucedendo a Ebrahim Raisi, morto num acidente de helicóptero.

"Não somos hostis para com os EUA, eles devem acabar com a sua hostilidade para connosco mostrando, na prática, a sua boa vontade", disse Pezeshkian, acrescentando que os iranianos "são irmãos dos norte-americanos", mas "o Irão nunca aceitará nenhuma intimidação".

A sua visão sobre as negociações com os EUA é partilhada pelo presidente do Parlamento iraniano, Baqer Qalibaf: "Enquanto os países ocidentais continuarem a fazer estas afirmações [contra o Irão], não será possível estabelecer um diálogo efectivo."

Numa entrevista dada no domingo à televisão pública, o ministro dos Negócios Estrangeiros iraniano, Abbas Araghchi, disse que não haveria nenhum acordo até que os interesses do Irão "sejam garantidos" e que não estavam à espera de que os EUA iniciassem agora negociações quando as eleições presidenciais estão tão próximas. "Se for necessário, iniciaremos contactos com os europeus e não esperaremos pela América", afirmou Araghchi.

Na conferência de imprensa de ontem, o Presidente afirmou ainda, citado pela Reuters, que o Irão nunca abandonará o seu programa de mísseis, referindo que necessita dessas armas para a sua defesa, numa região onde um país como Israel consegue "lançar mísseis sobre Gaza todos os dias".

Segundo a agência de notícias iraniana Mehr, Pezeshkian referiu-se também à crise económica que o seu país está a viver, dizendo que o Irão terá de "resolver as questões relativas às sanções e ao Grupo de Acção Financeira Internacional (GAFI)", organização intergovernamental que combate o branqueamento de capitais e o financiamento do terrorismo que colocou o país na lista negra.

O moderado Masoud Pezeshkian tomou posse como Presidente do Irão no dia 30 de Julho

Respondendo a uma pergunta dos jornalistas sobre se o Irão tinha enviado armas para a Rússia, Pezeshkian garantiu que, pelo menos desde que tomou posse, isso não aconteceu. "É possível que tenha havido entrega [de armas] no passado... Mas posso garantir-vos que, desde que assumi funções, não houve qualquer entrega desse tipo à Rússia", adiantou.

Para o novo Presidente iraniano, as relações com os outros países dos BRICS, como a Rússia e a China, são algo que pretende "desenvolver". Referindo-se especificamente à China, Pezeshkian sublinhou a parceria estratégica entre os dois países e elogiou o papel da diplomacia chinesa na reconciliação entre o Irão e a Arábia Saudita.

Membro da facção moderada do regime iraniano, Masoud Pezeshkian tomou posse a 30 de Julho, depois de ter ganho as eleições presidenciais à segunda volta contra Saeed Jalili, o representante da facção de linha dura, na qual estava integrado o seu antecessor. E o seu Governo é o único que pela primeira vez desde 2011 passou totalmente no crivo do Parlamento: os 19 ministros propostos foram aceites pela maioria dos deputados.

O executivo é um misto de personalidades reformistas com membros de linha dura, numa tentativa de equilíbrio entre as duas linhas que dominam o regime.

"O caminho para a nossa salvação é a unidade e a solidariedade", disse no seu discurso no Parlamento, na tomada de posse, sentimento que reiterou nesta conferência de imprensa.

Benjamin Netanyahu quer despedir o ministro da Defesa, Yoav Gallant

Steven Scheer

Meios de comunicação israelitas dizem que o primeiro-ministro estaria a negociar a entrada de Gideon Saar no Governo

A notícia de que o primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, estaria a ponderar despedir o ministro da Defesa, Yoav Gallant, abalou o panorama político de Israel e levou ontem à queda dos mercados financeiros no país. Os principais canais de televisão e *sites* de Israel noticiaram que Netanyahu, sob pressão dos parceiros de coligação de extrema-direita, ponderava despedir Gallant e substituí-lo por um antigo aliado que se tornou rival, Gideon Saar, actualmente membro da oposição.

A medida, a ser levada a cabo pelo primeiro-ministro israelita, seria um grande choque para o cenário político e de segurança, especialmente com a ameaça de uma guerra total no Líbano entre Israel e o Hezbollah, apoiado pelo Irão.

O shekel perdeu 1% para cerca de 3,75 em relação ao dólar, enquanto os principais índices de acções de Telavive caíram 1,4% a 1,6%. Esperava-se que a moeda israelita se valorizasse depois de os dados de domingo terem mostrado que a inflação de Israel subiu mais do que o esperado, para 3,6% em Agosto, um salto que, segundo os analistas, iria atrasar os cortes nas taxas até 2025, em contraste com os cortes esperados nos Estados Unidos e na Europa.

Netanyahu negou que estivesse em negociações com Saar, embora não tenha feito qualque referência aos seus planos para Gallant. Também Saar negou que estivesse a negociar com alguns membros da coligação.

Não seria a primeira vez que Netanyahu tenta despedir Gallant. Os dois têm estado em desacordo sobre uma série de políticas governamentais e, mais recentemente, sobre a gestão da guerra em Gaza e os termos de um possível acordo para a libertação de reféns e de cessar-fogo com o grupo militante islâmico Hamas.

Em Março de 2023, Netanyahu demitiu Gallant depois de este ter rompido com o Governo e ter pedido a suspensão do plano de revisão do sistema judicial altamente contestado pelos israelitas. Este facto desencadeou protestos em massa e Netanyahu acabou por recuar.

ABIR SULTAN/REUTERS

Benjamin Netanyahu e Yoav Gallant têm estado em desacordo sobre uma série de políticas do Governo

Os deputados centristas criticaram Netanyahu por se ter deixado desviar por disputas políticas em vez de se concentrar na tarefa em mãos.

"Em vez de o primeiro-ministro se ocupar com a vitória sobre o Hamas, com o regresso dos reféns, com a guerra contra o Hezbollah e com o regresso dos residentes do Norte às suas casas, está ocupado com negócios políticos desprezíveis e com a substituição do ministro da Defesa", escreveu nas redes sociais o deputado centrista Benny Gantz.

Netanyahu negou que estivesse em negociações com Saar, mas não disse nada sobre Gallant

O ministro da Polícia, Itamar Ben-Gvir, que lidera um partido ultranacionalista na coligação de Netanyahu, defende há meses a substituição de Gallant e pede a sua demissão imediata. "Temos de resolver a situação no Norte e Gallant não é o homem certo para o fazer", afirmou, referindo-se a uma possível escalada do conflito com o Hezbollah.

Dezenas de milhares de israelitas foram retirados de áreas perto da fronteira libanesa, no Norte de Israel, devido aos disparos diários de foguetes do Hezbollah.

Gallant, que ascendeu ao posto de general durante uma carreira militar de 35 anos, disse no domingo ao secretário da Defesa dos Estados Unidos, Lloyd Austin, que estava empenhado em fazer regressar os residentes às suas casas e que a "possibilidade de alcançar um acordo está a esgotar-se". Na segunda-feira, acrescentou que a única forma de fazer regressar às suas casas os residentes retirados do Norte era através de uma acção militar. **Reuters**

Escândalo de notícias falsas no "mais antigo e influente" jornal judeu

O "mais antigo e influente" jornal judeu enfrenta uma grave crise depois de se ter descoberto que um dos seus jornalistas "fabricava" notícias que ajudavam à narrativa do primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, em relação a Gaza. A direcção do *Jewish Chronicle*, com sede em Londres, anunciou na sexta-feira, em comunicado, que tinha afastado Elon Perry e apagado nove dos seus artigos, alegando dúvidas sobre a sua credibilidade.

"O *Jewish Chronicle* concluiu uma investigação exaustiva sobre o jornalista *freelance* Elon Perry, iniciada depois de terem sido feitas alegações sobre aspectos do seu currículo. Embora saibamos que serviu nas Forças de Defesa de Israel [IDF], não ficámos satisfeitos com algumas das suas alegações. Por conseguinte, retirámos as suas histórias do nosso *site* e pusemos termo a qualquer associação com Perry", diz o comunicado.

De acordo com o *Guardian*, quatro colunistas do semanário (David Baddiel, Jonathan Freedland, David Aaronovitch e Hadley Freeman) anunciaram a demissão em protesto pelo que chamam "grandes fabricações" de Perry sobre o conflito na Faixa de Gaza, que terão incluído declarações falsas atribuídas aos serviços secretos israelitas.

Freedland, que também é colunista e tem um *podcast* no *Guardian*, escreveu que este "escândalo é uma grande vergonha para o jornal", mas não é excepção, apenas o último numa longa lista para um jornal que, "demasiadas vezes", se tornou "instrumento partidário e ideológico", com "avaliações mais políticas do que jornalísticas".

O escândalo surgiu depois de uma investigação de Simi Spolter, do jornal económico israelita *TheMarker*, levantar muitas dúvidas sobre a credibilidade de Perry, apresentado pelo *Jewish Chronicle* como um "antigo comando da brigada de elite Golani das Forças de Defesa de Israel" durante 28 anos e que é jornalista há 25 anos e dá palestras no Reino Unido e nos Estados Unidos "sobre os 100 anos de terror no Médio Oriente".

Os artigos de Perry traziam relatos pormenorizados das operações israelitas que não pareciam textos jornalísticos, o último dos quais referia um plano do líder do Hamas, Yahya Sinwar, para fugir de Gaza para o Irão levando consigo alguns dos reféns capturados no ataque de 7 de Outubro em Israel.

Segundo a imprensa israelita, Perry faria parte de uma unidade clandestina das IDF, infiltrado nos *media* europeus para, diz o *Guardian*, apoiar a posição de Netanyahu em relação a Gaza.
António Rodrigues

Rússia retoma duas localidades e determina evacuação de dois distritos em Kursk

André Certã

Governador ordenou a evacuação de localidades a 15km da fronteira. ONU e Cruz Vermelha convidadas por Kiev a visitar Kursk

A Rússia anunciou ontem que retomou o controlo de duas localidades na região russa de Kursk, invadida por forças e ocupadas por forças ucranianas desde 6 de Agosto e decretou a evacuação de todas as localidades até 15km da fronteira em dois distritos da região. Ao mesmo tempo, a Ucrânia convidou as Nações Unidas e a Cruz Vermelha Internacional a visitarem as zonas ocupadas pelas suas forças em território russo para "provar a adesão" do país às normas internacionais humanitárias.

A evacuação das localidades de distritos de Rylskiy e Khomutovskiy que ficam a até 15 quilómetros da fronteira russa, foi determinada por Alexey Smirnov, governador da região, que a anunciou na rede social Telegram. "Com base em informações operacionais, a fim de garantir a segurança, o pessoal operacional regional decidiu evacuar obrigatoriamente as povoações dos distritos de Rylskiy e Khomutovskiy, que se situam numa zona de 15 quilómetros adjacente à fronteira com a Ucrânia", escreveu o novo governador.

A decisão de evacuar as localidades é uma das primeiras medidas tomadas pelo governador de Kursk que ontem tomou posse.

O Ministério da Defesa russo, citado pela agência TASS, anunciou que o controlo das localidades de Borki e Uspenovka foi retomado pelas suas forças que repeliram contra-ataques ucranianos em Byakhovo, Bolshaya Obukhovka, Viktorovka, Lyubimovka e Malaya Loknya.

O Governo ucraniano, entretanto, endereçou convites à ONU e Cruz Vermelha para visitarem as zonas ocupadas em Kursk, de modo a constatar os "esforços humanitários" das forças ucranianas e e perceber "o cumprimento pelos ucranianos das normas de direito internacional humanitário no território que ocuparam".

"Dei instruções ao Ministério dos Negócios Estrangeiros para convidar oficialmente a ONU e a Cruz Vermelha Internacional a juntarem-se aos esforços humanitários na região de Kursk. A Ucrânia está pronta a facilitar o seu trabalho e a provar a sua adesão ao direito internacional humanitário", escreveu na rede social X o ministro dos Negócios Estrangeiros da Ucrânia, Andrii Sybiha.

O ministro disse que as forças ucranianas têm demonstrado "total adesão ao direito humanitário" desde o início da incursão em Kursk, sublinhando que são "um exército profissional com elevados padrões" que dá "valor" à liberdade e à vida humana.

O convite ucraniano foi feito no dia em que a presidente da Cruz Vermelha, Milana Spoljaric, chegou a Moscovo para uma reunião com altos representantes russos, incluindo o ministro dos Negócios Estrangeiros, Serguei Lavrov.

Para o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, os convites ucranianos são "provocatórios" e a Rússia espera "que os destinatários não prestem atenção", porque se trata de "pura provocação".

Em resposta, o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros ucraniano, Heorhii Tykhy, acusou a Rússia de ter "medo" que a presença de observadores internacionais permita perceber a "situação real" de Kursk.

"A reacção do Kremlin à oferta da Ucrânia para que a ONU e a Cruz Vermelha Internacional se juntem aos esforços humanitários na região de Kursk mostra o desprezo da Rússia pelo seu próprio povo e pelas suas necessidades humanitárias, bem como o receio de permitir que os observadores internacionais vejam a situação real. É bastante revelador", afirmou Tykhy na rede social X.

A visita de Spoljaric ocorre quatro dias depois de a Rússia ter matado três funcionários da Cruz Vermelha em Donetsk, numa zona onde os funcionários preparavam a distribuição de assistência.

MAXIM SHEMETOV/REUTERS

Centro de acolhimento de deslocados russos da região de Kursk

Kiev não planeia mais avanços em Kursk

O jornal britânico *Financial Times*, citando fontes do exército ucraniano, afirma que a Ucrânia não teve mais nenhum ganho em Kursk nem planeia tentar ocupar mais território na região de Kursk, em que controla uma faixa de território correspondente a cerca de 1200 quilómetros quadrados.

De acordo com o jornal, a incursão ucraniana de Kursk, iniciada no passado dia 6 de Agosto, não conseguiu ainda o objectivo principal dos ucranianos: o de desviar forças russas do Leste da Ucrânia para aliviar o esforço ucraniano de defesa, que têm sofrido para travar as novas investidas dos soldados do Kremlin nos últimos meses.

"Apesar de Putin estar obviamente muito zangado com o avanço no oblast de Kursk, não tomou decisões emocionais, pelo que não assistimos a uma estratégia do tipo 'rápido, agarrem em toda a gente e mandem-nos retomar Kursk'", disse ao referido diário Ruslan Leviev, um analista militar pertencente à oposição russa que acompanha a movimentação militar das tropas da Rússia na Ucrânia.

França desaconselha viagens à Venezuela após detenção de seis estrangeiros no país

Leonete Botelho

Cada vez mais isolado das democracias ocidentais, o regime chavista insiste na existência de um plano para matar Maduro

A França recomendou ontem que os seus cidadãos evitem viajar para a Venezuela a todo custo, excepto por "motivos de força maior", e instou os franceses que se encontram no país sul-americano a manterem-se afastados de "qualquer manifestação de natureza política".

A recomendação aos viajantes foi emitida pelo centro de crise do Ministério dos Negócios Estrangeiros francês após a detenção de seis estrangeiros (três americanos e três europeus), acusados de conspirarem para assassinar vários dirigentes venezuelanos, incluindo o Presidente, Nicolás Maduro, e "desestabilizar" o país.

A justificação do Ministério francês é o "aumento das tensões" pós-eleições presidenciais de 28 de Julho, nas quais tanto Nicolás Maduro como o principal candidato da oposição, Edmundo González Urrutia, se consideraram vencedores.

"Recomenda-se àqueles que já estão no país que se mantenham afastados de quaisquer manifestações políticas e de reportar sobre a situação política e de segurança. Recomenda-se também evitar qualquer expressão sobre a situação política venezuelana em espaços públicos", indicou o ministério francês, citado pela agência Infobae.

O anúncio da detenção de três norte-americanos, dois espanhóis e um checo foi feito pelo ministro do Interior, Diosdado Cabello, uma das principais figuras do chavismo, no sábado à noite, afirmando que esses estrangeiros pertenciam ou tinham ligações aos serviços secretos americanos e espanhóis. Tanto os EUA como Espanha negaram as acusações.

Ontem, o gabinete do ministro das Relações Exteriores espanhol, José Manuel Albares, disse estar em "contacto permanente" com as famílias dos espanhóis detidos na Venezuela, em colaboração com o consulado espanhol em Caracas e a Direcção Geral de Assuntos Consulares.

Apesar do conflito diplomático entre Caracas e Madrid ter atingido um ponto de quase ruptura no final da semana passada, com a chamada do embaixador espanhol ao Ministério das Relações Exteriores para explicações, o chefe do Governo de Espanha evitou ontem fazer comentários sobre a situação no seu discurso ao Congresso.

Dias depois de o Congresso dos Deputados ter aprovado uma recomendação do Partido Popular ao Governo para que reconheça a vitória de Edmundo González, Pedro Sánchez limitou-se a dizer que continua a "defender a democracia em todas as partes do mundo, também na Venezuela" e insistiu no apelo para que o Governo de Maduro publique a acta das eleições para verificar de forma "imparcial e independente" os resultados. Algo que, acrescentou, o Executivo espanhol pede há um mês, "juntamente com a maioria dos países ocidentais e os restantes Estados-membros da União Europeia".

Após a aprovação da recomendação do Congresso espanhol, as relações diplomáticas entre os dois países ficaram ainda mais tensas depois da ministra da Defesa espanhola, Margarita Robles, ter considerado que o Governo de Maduro é uma "ditadura". Em reacção, o presidente do Parlamento venezuelano, Jorge Rodríguez, anunciou uma proposta de resolução que recomenda o corte de "todas as relações diplomáticas, consulares, económicas e comerciais" com Espanha.

Com mais este conflito diplomático em mãos, o regime chavista distancia-se ainda mais do bloco das democracias liberais: depois das eleições de 28 de Julho, a Venezuela já expulsou os embaixadores de sete países (Argentina, Chile, Costa Rica, Peru, Panamá, República Dominicana e Uruguai). E, na semana passada, viu mais 16 personalidades ligadas ao regime serem alvo de sanções económicas e restrições de vistos dos EUA.

Margarita Robles, ministra da Defesa de Espanha

Mais de 12 mil trabalhadores conseguiram reinscrição na CGA

Número poderá aumentar se as 400 acções judiciais em curso forem decididas antes de o Parlamento tomar uma decisão sobre as novas regras. Larga maioria dos reinscritos na CGD são docentes

Raquel Martins

Até ao final de Agosto, a Caixa Geral de Aposentações aceitou a reinscrição de 12.144 funcionários públicos, na sequência de sentenças judiciais que a obrigavam a aceitar os descontos destes trabalhadores ou respondendo aos pedidos feitos ao abrigo de uma circular que esteve em vigor até Outubro do ano passado.

A este número poderão ainda vir a somar-se 599 pessoas abrangidas pelas acções que estão a correr nos tribunais administrativos e para as quais a Caixa Geral de Aposentações (CGA) já foi citada. É que embora o Governo tenha aprovado uma proposta de lei para limitar as reinscrições e impor essa interpretação aos casos que estão nos tribunais, todas as acções decididas antes de o Parlamento tomar uma decisão ficarão a salvo das restrições.

Os dados solicitados pelo PÚBLICO ao Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social dão conta de 12.144 pessoas reinscritas até 28 de Agosto de 2024. A maioria, num total de 9225 pessoas, são docentes. Havia ainda 3019 não docentes.

Fonte oficial adiantou ainda que, entre Abril e o final de Agosto, "a CGA foi citada em mais 391 acções judiciais, a que correspondem 599 autores".

As dúvidas em torno do regresso de antigos funcionários públicos à CGA arrastam-se desde Janeiro de 2006, momento a partir do qual este passou a ser um sistema fechado, deixando de receber a inscrição de novos subscritores. Os trabalhadores da administração pública que iniciaram ou reiniciaram funções daí em diante passaram a ser inscritos e a descontar para o regime geral da Segurança Social (à semelhança do que acontece com os trabalhadores do sector privado).

Desde então, os tribunais têm vindo a apreciar centenas de processos de pessoas que descontavam para a CGA antes de 2006, interromperam o seu vínculo ao Estado – muitos deles por apenas alguns dias – e, quando retomaram funções no sector público, reclamavam o direito a voltar para o regime de protecção social da função pública.

A esmagadora maioria das decisões judiciais foram favoráveis aos funcionários públicos, reconhecendo o direito à reinscrição a todos os trabalhadores que descontavam para a CGA antes de 2006 e que interromperam temporariamente a sua carreira no sector público, nomeadamente professores.

Os tribunais entenderam que a Lei n.º 60/2005 apenas obriga a inscrever na Segurança Social os trabalhadores da função pública que iniciaram funções a partir de 1 de Janeiro de 2006 e não se aplica aos casos em que os funcionários já estavam inscritos e que, depois de um período de interrupção, retomaram o vínculo público.

Com base nestas sentenças, em Julho de 2023, a CGA emitiu uma circular, alargando a possibilidade de reinscrição a todos os subscritores que estavam integrados na CGA antes de 1 de Janeiro 2006 e que voltaram (ou voltassem no futuro) a desempenhar funções públicas, "independentemente da existência de interrupções temporais entre os períodos de trabalho".

Centenas de professores, trabalhadores das autarquias e da defesa pediram a reinscrição na CGA, o que levou o anterior executivo a suspender a circular, para avaliar os seus impactos.

O tema foi retomado pelo actual Governo, que, a 11 de Julho, aprovou um decreto-lei "interpretativo" para limitar a reinscrição apenas aos trabalhadores que mantiveram o vínculo público e apenas mudaram de serviço.

A intenção é que os tribunais apliquem a lei desta forma mais restritiva a todas as acções em curso, impedindo que os trabalhadores que interromperam o vínculo público voltem a descontar para o regime da CGA.

Caixa Geral de Aposentações é um sistema fechado desde Janeiro de 2006

599

Entre Abril e o final de Agosto, "a CGA foi citada em mais 391 acções judiciais, a que correspondem 599 autores"

07/24

Actual Governo aprovou, a 11 de Julho, um decreto-lei "interpretativo" para limitar a reinscrição na CGA

Decisão do Parlamento

O diploma acabou por ser vetado pelo Presidente da República no final de Agosto, que exigiu que o tema seja discutido e votado na Assembleia da República.

Marcelo Rebelo de Sousa justificou a decisão com a "sensibilidade jurídica, política e social da matéria" e alertou para a "existência de jurisprudência de conteúdo contraditório ao mais alto nível da jurisdição administrativa".

Além disso, considerava que o diploma que se pretendia interpretar "é uma lei da Assembleia da República" e, por isso, deveria ser "convertido em proposta de lei ou proposta de lei de autorização legislativa", dando "legitimidade política acrescida a um tema que dividiu o topo da jurisdição administrativa e merece solução incontroversa".

Há duas semanas, o executivo de Luís Montenegro acatou a sugestão do Presidente da República e deu luz verde a uma proposta de lei que mantém o conteúdo do decreto vetado, deixando nas mãos dos deputados a decisão final.

Fast fashion: marcas globais usam cada vez mais tecidos poluentes, diz relatório

Andréia Azevedo Soares

Marcas como Shein e Zara estão cada vez mais dependentes dos tecidos sintéticos, diz a Fundação Changing Markets

Gigantes da moda como a Shein ou a Zara estão cada vez mais dependentes dos tecidos sintéticos, sugere um relatório da Fundação Changing Markets divulgado ao final do dia de ontem. A organização sem fins lucrativos realizou um inquérito a 50 marcas internacionais e avaliou dados disponibilizados publicamente, concluindo que o sector têxtil está a "dobrar a aposta" na roupa de consumo e descarte rápido (ou *fast fashion*).

Das 23 marcas globais ligadas à moda (ou retalhistas) que responderam ao inquérito da Changing Markets, 11 confirmaram que, de facto, haviam aumentado a utilização de têxteis sintéticos – com especial destaque para o poliéster. Segundo as respostas enviadas por menos de metade dos 50 inquiridos, às quais o PÚBLICO teve acesso, só três afirmam ter reduzido o uso de tecidos de origem fóssil: G-Star Raw, Mango e New Look.

"Os resultados do nosso inquérito são alarmantes, uma vez que revelam uma tendência preocupante na indústria da moda. Apesar das provas crescentes das consequências das fibras sintéticas para o ambiente e para a saúde, as marcas estão a duplicar a utilização dos materiais que alimentam a moda rápida e agravam a poluição", afirma ao PÚBLICO Urska Trunk, directora sénior desta campanha da Fundação Changing Markets.

A Inditex, a empresa que detém a Zara, afirmou que utiliza um volume de têxteis sintéticos que se revelou ser maior do que qualquer outra marca inquirida pela Changing Markets, segundo o inquérito divulgado. A utilização de tecidos de origem fóssil aumentou um quinto desde o último inquérito realizado pela organização, refere a mesma fonte.

A Shein, por sua vez, registou o rácio mais elevado de fibras sintéticas em relação às naturais, com quatro quintos (81%) da produção feita com recurso a têxteis de origem fóssil, segundo o documento.

Diferentes marcas internacionais não cumpriram a promessa de reduzir o uso de materiais sintéticos, feita no último inquérito da Changing Markets, publicado em Dezembro de 2022. A organização observou ainda que um número crescente de marcas se recusou a responder às questões colocadas este ano.

O relatório refere, por exemplo, que a H&M apresentou uma subida em percentagem do total de fibras sintéticas utilizadas de 26,6% para 29%. "O grupo H&M não é transparente em relação aos volumes para determinar como isso mudou", refere a Changing Markets.

Contactado pelo PÚBLICO, o gabinete de comunicação da marca garante que a quota de sintéticos manteve-se estável nos últimos cinco anos, com ligeiras flutuações de ano para ano. "Neste contexto, registou-se um grande aumento dos materiais reciclados. Estamos a reduzir continuamente a nossa dependência de materiais sintéticos virgens, baseados em combustíveis fósseis. Em 2023, 79% do nosso poliéster era proveniente de fontes recicladas, marcando o progresso para o nosso objectivo de 100% de poliéster reciclado até 2025", lê-se numa nota enviada ao PÚBLICO.

ADRIANO MIRANDA

Retalhistas recorrem a materiais sintéticos de origem fóssil que libertam microplásticos

Ao contrário das fibras naturais, as fibras sintéticas libertam microplásticos na lavagem, na utilização e na fase de degradação

Como a indústria da moda parece estar a tentar ganhar tempo, adiando a decisão de reduzir o uso de matérias fósseis, Urska Trunk defende que os legisladores devem reforçar a regulamentação para travar a utilização destes produtos sintéticos no sector.

"A dependência da moda em relação aos [materiais] sintéticos representa uma ameaça directa tanto para a saúde do nosso planeta como para a nossa própria saúde, uma vez que cada vez mais os microplásticos são encontrados nos corpos humanos. Esta é uma chamada de atenção para os decisores políticos; o que realmente precisamos é de legislação ousada e decisiva para acabar com a dependência da indústria da moda dos combustíveis fósseis – e não de mais tácticas de adiamento e distracção", refere Urska Trunk, numa resposta por escrito.

Roupas e microplásticos

Ao contrário das fibras naturais, como o algodão e o linho, estes tecidos têm origem em ingredientes oriundos dos combustíveis fósseis. São fibras sintéticas que libertam microplásticos durante a lavagem, na utilização e na fase em que se degradam em aterros. Por outras palavras, constituem materiais poluentes desde a produção até ao descarte.

"As fibras sintéticas dos têxteis tornaram-se um dos tipos de poluentes microplásticos mais prevalecentes no ambiente e estão a ser identificadas em numerosos órgãos humanos. A sua utilização pelos fabricantes é tão intensa e a poluição é tão intensa que é justo dizer que a própria moda está a tornar-se um risco para o ambiente e para a saúde humana", refere o cientista Sedat Gündogdu, especialista em biologia marinha, citado no comunicado.

Como são baratos e versáteis, os têxteis à base de combustíveis fósseis continuam a ser extremamente requisitados pela indústria da moda. Contudo, são fibras de muito difícil reciclagem e podem ter baixa qualidade, o que contribui para um aumento do volume global de resíduos e da poluição por microplásticos.

Taxa de plásticos gera receitas próprias de 7,2 mil milhões para a União Europeia mas há problemas

A taxa sobre plásticos originou 7,2 mil milhões de euros de receitas para o orçamento da União Europeia em 2023, quantificou o Tribunal de Contas Europeu (TCE), alertando para problemas com os dados sobre este recurso próprio.

Num relatório da auditoria ao recurso próprio introduzido em 2021, o TCE destaca que a Comissão Europeia deve assinalar riscos que afectam a qualidade dos dados e definir um calendário para "resolver as dificuldades que impedem cada país de estimar os resíduos gerados" utilizando os dois métodos: um cruzamento entre a abordagem baseada nas embalagens colocadas no mercado e a baseada na análise dos resíduos.

Bruxelas deve ainda propor a harmonização da definição de plástico em todos os textos que regem o recurso próprio baseado nos plásticos, tendo o TCE verificado que nem todos os Estados-membros usam a mesma.

Portugal teve uma contribuição líquida de 195 milhões de euros, ficando em nono lugar de uma tabela liderada pela França (1564 milhões de euros) e a Alemanha (1423), com a Itália em terceiro (855 milhões).

Luxemburgo (12 milhões de euros), Malta (dez milhões) e Chipre (cinco milhões de euros) foram os Estados-membros que menores contribuições líquidas fizeram para este recurso próprio.

Segundo dados de 2021, a taxa de reciclagem de embalagens de plástico era de 41% na média da UE e de 38% em Portugal, que reportou a Bruxelas 428,1 milhões de quilos de resíduos de embalagens de plástico produzido e 163 milhões de quilos reciclados.

Portugal teve uma contribuição líquida de 195 milhões de euros, ficando em nono lugar da tabela europeia

Os recursos próprios são as principais fontes de receitas do orçamento da UE, tendo, em Janeiro de 2021, sido introduzido um novo recurso próprio baseado nos resíduos de embalagens de plástico não reciclados gerados pelos Estados-membros. O objectivo da criação do recurso com base nos plásticos era diversificar as fontes de receitas da UE e contribuir para os seus objectivos ambientais.

Em 2023, as receitas do recurso próprio baseado nos plásticos ascenderam a 7,2 mil milhões de euros, o que corresponde a 4% das receitas totais da UE.

No relatório, o TCE deixa uma série de recomendações à Comissão Europeia com cuidados a ter na introdução, nos próximos anos, de novos recursos próprios, para evitar que se repita a confusão instalada no arranque da aplicação da taxa sobre plásticos. **PÚBLICO/Lusa**

Economia

Banco de Portugal vai rever cálculo das taxas máximas no crédito ao consumo

Rosa Soares

Projecto de instrução está em consulta pública até 28 de Outubro e pretende simplificar recolha e divulgação da informação

As taxas de juros dos novos contratos de crédito aos consumidores não podem exceder as taxas máximas que são calculadas e divulgadas trimestralmente pelo Banco de Portugal (BdP), um processo que o supervisor quer simplificar, o que implica, entre outras alterações, uma reclassificação de várias finalidades deste tipo de créditos.

As alterações propostas fazem parte de um projecto de instrução, que revogará a Instrução n.º 14/2013, e que foi colocado em consulta pública ontem, um processo que decorrerá até 28 de Outubro.

Está em causa o apuramento dos limites máximos da taxa anual de encargos efectiva global (TAEG), um processo iniciado em 2009, com a transposição da Directiva 2008/48/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, mas que actualmente apresenta redundâncias que o BdP quer eliminar. Uma dessas redundâncias está relacionada com o reporte da informação que é feito pelas instituições financeiras, uma vez que a informação "é actualmente obtida através da Central de Responsabilidades de Crédito", não se justificando, portanto, a sua manutenção.

Outro exemplo da simplificação prende-se com a descontinuação da prática de divulgação dos limites máximos da TAEG "através de instruções trimestrais, sem audiência dos interessados". A informação continuará a ser trimestral, mas passará a ser divulgada apenas no *site* do supervisor bancário.

Paralelamente, o actual projecto de instrução introduz alterações às actuais categorias e subcategorias dos contratos aos consumidores, "de forma a reflectir mudanças entretanto ocorridas no mercado de crédito aos consumidores, ponderando também as preocupações transmitidas ao Banco de Portugal pelos diversos *stakeholders*".

A instituição liderada por Mário Centeno esclarece, no entanto, que "a maioria das alterações equacionadas a nível das categorias e subcategorias de crédito no projecto de nova instrução traduzem-se em meros ajustamentos às definições (já constantes da Instrução n.º 14/2013 que revoga) que visam tão-somente clarificar o seu âmbito, como sucede quanto às categorias/subcategorias de crédito "saúde", "crédito consolidado" e "conta corrente bancária".

Uma das alterações propostas é relativa à "finalidade energias renováveis", que passa a prever um alargamento para a "finalidade transição energética", de forma a incluir o financiamento de aquisição e instalação de equipamentos de energias renováveis e de intervenções de melhoria da eficiência energética de edifícios. "Trata-se, por um lado, de clarificar que o financiamento abrange para além da aquisição de equipamentos de energias renováveis, também a respectiva instalação". Pretende-se, acrescenta o BdP "incorporar, no projecto de instrução, uma realidade com importância crescente, reflectida em várias iniciativas de regulação europeia que visam, entre outros objectivos, promover o acesso a financiamento bancário com objectivos de transição e eficiência energética, acomodando preocupações que têm vindo a ser suscitadas por várias entidades relativamente a restrições colocadas pela actual subcategoria de crédito na promoção de objectivos de transição energética".

Outra das alterações é relativa ao crédito automóvel, nomeadamente quanto aos critérios para a qualificação de um veículo como novo e usado, bem como a agregação das actuais categorias "crédito automóvel com reserva de propriedade" e "crédito automóvel: outros", que poderão implicar que algumas instituições tenham de fazer ajustamentos nos seus procedimentos. No entanto, a maioria das instituições já tem em conta os critérios formalizados para essa distinção.

Destaca-se ainda a inclusão da subcategoria "finalidade obras", uma vez que passaram a ser enquadráveis no regime jurídico do crédito aos consumidores os empréstimos com finalidade de realização de obras em imóveis que não sejam garantidos por hipoteca sobre imóvel ou outro direito sobre coisa imóvel, independentemente do seu montante".

RICARDO LOPES

PAULO PIMENTA

BdP, liderado por Mário Centeno, faz ajustes no cálculo das taxas máximas do crédito ao consumo

Empréstimos pessoais impulsionam
Crédito ao consumo subiu 19% em Julho para 742 milhões

O novo crédito ao consumo tem vindo a crescer de forma expressiva em 2024, atingindo em Julho o montante mais elevado do ano, 742 milhões de euros. Trata-se de um crescimento de 16,2% face a Junho e 19,1% face ao mesmo mês do ano passado, de acordo com os dados, ainda provisórios, ontem divulgados pelo Banco de Portugal (BdP).

O crédito pessoal tem sido o grande impulsionador dos novos empréstimos, ascendendo a 328 milhões de euros em Julho, um crescimento de 20,2% face a Junho. A grande maioria deste tipo de crédito, num total de 316,2 milhões de euros — mais 20,3% face ao mês anterior e um aumento de 21,9% em termos homólogos —, não tem finalidade definida.

Os restantes 11,5 milhões de euros — uma subida de 16,7% face a Junho deste ano e uma queda de 4% face ao mesmo mês do ano passado — destinaram-se a pagar despesas de educação, saúde, energias renováveis e locação financeira.

O segundo montante de crédito mais elevado, de 303 milhões de euros, destinou-se à compra de automóveis, um aumento de 16% face a Junho.

O terceiro segmento, no montante de 111 milhões de euros, foi feito através de cartões de crédito, linhas de crédito e facilidades de descoberto. Este segmento registou um crescimento mais modesto face a Junho, de 6,6%, mas uma subida face ao período homólogo do ano passado de 10,4%.

Segundo montante de crédito mais elevado destinou-se à compra de automóveis

Desde o início do ano, o total de crédito ao consumo ascende a cerca 4,85 mil milhões de euros, um aumento de 9% face a igual período do ano passado.

De acordo com o Banco de Portugal, estes valores são provisórios e sujeitos a revisões, sendo a informação actualizada no dia 15 de cada mês ou no dia útil seguinte.

Rua Júlio Dinis, n.º 270, Bloco A, 3.º Piso 4050-318 Porto | Tel. 22 615 10 00 lojaporto@publico.pt De seg a sex das 09H às 18H

CLASSIFICADOS

Embaixada do Reino da Arábia Saudita

Anúncio

A Embaixada do Reino da Arábia Saudita em Lisboa vem tornar público um concurso dirigido a empresas de prestação de serviços de limpeza e manutenção com o objetivo de apresentarem propostas de serviços de limpeza e manutenção na residência oficial do Senhor Embaixador na Penha Longa - Sintra.

Podem encontrar todas as informações necessárias na tabela em baixo:

Nome do Concurso	Área de especialização	Local a receber o caderno de encargos e apresentar as propostas	Data-limite para a receção das propostas	Local e data de abrir as propostas
Concurso destinado a prestação de serviços de limpeza, manutenção e conservação de espaços verdes e desinfestação de insectos na residência oficial do Senhor Embaixador na Penha Longa - Sintra	Empresas especializadas na área de prestação de serviços de limpeza e manutenção, tendo em conta a entrega do registo da actividade da empresa	Na Rua de Alcolena, n.º 39, 1400-001 Lisboa telefone 213041768 telemóvel 966203526 ptemb@mofa.gov.sa	Segunda-feira 07/10/2024	Na sede da Embaixada 08/10/2024 às 10:00

ANÚNCIO
REF.ª 39/TSS/2024

TÉCNICO/A SUPERIOR DE SAÚDE - PSICÓLOGO/A CLÍNICO/A UNIDADE DE PSICOLOGIA DEPARTAMENTO DE SAÚDE MENTAL

Torna-se público que se encontra aberto, por um período de 5 dias úteis a contar da data da publicação do presente aviso, o processo de recrutamento para Técnico/a Superior de Saúde, área de Psicologia Clínica, Unidade de Psicologia, do Departamento de Saúde Mental, para constituição de bolsa de recrutamento para vagas que venham a ocorrer.

Os requisitos, gerais e específicos, respetiva grelha com critérios e ponderações de avaliação, composição da Comissão de Avaliação e outras informações de interesse para apresentação de candidatura, encontram-se disponíveis em versão integral no anúncio de recrutamento disponível na página eletrónica da ULS Amadora/Sintra, EPE, em https://hff.min-saude.pt/hospital/recrutamento.

Amadora, 17 de setembro de 2024

ANÚNCIO
REF.ª 65/DIR/2024

MANIFESTAÇÃO DE INTERESSE INDIVIDUAL

COORDENADOR/A PARA UNIDADE DE SISTEMAS DO SERVIÇO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

Torna-se público que se encontra aberto, por um período de 10 dias úteis a contar da data da publicação do presente aviso, processo de Manifestação de Interesse Individual, para nomeação de Coordenador(a) para a Unidade de Sistemas do Serviço de Sistemas de Informação, em regime de Comissão de Serviço.

Os requisitos, gerais e específicos, respetiva grelha com critérios e ponderações de avaliação, composição da Comissão de Avaliação e outras informações de interesse para apresentação de candidatura, encontram-se disponíveis em versão integral no anúncio de recrutamento disponível na página eletrónica da ULS Amadora/Sintra, EPE, em https://hff.min-saude.pt/hospital/recrutamento.

Amadora, 17 de setembro de 2024

Serviços de Acção Social da Universidade do Minho

Torna-se público o processo de recrutamento e seleção, com vista à admissão de cinco trabalhadores (as) para a carreira/categoria de Assistente Operacional, em regime de contrato de trabalho por tempo indeterminado, para os Serviços de Acção Social da Universidade do Minho (SASUM).

Escolaridade obrigatória.

O processo de recrutamento e seleção encontra-se aberto no período de 18/09/2024 a 24/09/2024.

A oferta encontra-se publicada na página oficial dos SASUM no seguinte endereço: http://www.sas.uminho.pt/Default.aspx?tabid=4&pageid=466&lang=pt-PT

O INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE, I.P.) pretende recrutar 1 Diretor/a para o Serviço de Estatísticas Territoriais, do Departamento de Estatísticas Demográficas e Sociais – Direção intermédia grau 2.

Ao referido procedimento concursal só podem concorrer candidatos/as com vínculo de emprego público por tempo indeterminado.

A divulgação do concurso foi efetuada no *Diário da República*, 2ª Série, N.º 177, de 12 de setembro, através do Aviso (extrato) n.º 20288/2024/2. Para mais informações consulte o Portal do INE (www.ine.pt/recrutamento) ou contacte-nos pelo telefone 218 426 100.

Cartório Notarial Matosinhos

Extracto para publicação

Alda Cristina Nunes Ribeiro, por delegação expressa da Notária Maria Beatriz Vieira Campos Cantante, com Cartório Notarial, sito na Rua de Alfredo Cunha, n.º 336, em Matosinhos, faz saber que neste dia, para efeitos de publicação, neste Cartório Notarial, foi celebrada escritura pública de Justificação, exarada a folhas 93 e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas 21-A, na qual Joaquim Samuel Ribeiro Guedes, NIF 196599644, solteiro, maior, natural da freguesia de Arcozelo, concelho de Vila Nova de Gaia, residente no Terreiro do Paço, Sé, Porto, na qualidade de Ecónomo da Diocese do Porto, e nessa qualidade em representação do SEMINÁRIO MAIOR DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO PORTO, SEMINÁRIO DO PORTO, pessoa coletiva religiosa NIPC 500766797, com sede no Largo Doutor Pedro Vitorino, n.º 2, cidade do Porto,

DECLAROU:

Que, o **SEMINÁRIO MAIOR DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO PORTO, SEMINÁRIO DO PORTO,** é dono e legítimo possuidor do seguinte bem imóvel;

Prédio urbano, composto de casa de três andares com a área coberta de setenta metros quadrados, descrito na Conservatória do Registo Predial de **Porto** sob o número **quinhentos e setenta e sete,** da freguesia de **Miragaia**, inscrito na respetiva matriz predial urbana sob o artigo 1967.

MODO DE AQUISIÇÃO: Sucessão na posse por morte de Maria Amélia Alves Fernandes, solteira, maior, residente na Travessa do Rosário, n.º3, freguesia de Miragaia, concelho do Porto, invocando pleno domínio sobre o supra identificado imóvel, por **usucapião.**

Matosinhos, 13 setembro de 2024

A Colaboradora autorizada, *Assinatura Ilegível*

Alda Cristina Nunes Ribeiro - 151/10, publicitada na ON em 16-09-2022
(No uso das competências que lhe foram atribuídas pela Dra. Beatriz Campos Cantante, notária, conforme autorização publicada em www.notarios.pt) Registo n.º 2091

Público, 17/09/2024

Sindicato dos Trabalhadores em Funções Públicas e Sociais do Norte
Filiado na Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública, Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical Nacional, Confederação Portuguesa dos Quadros Técnicos e Científicos

CONVOCATÓRIA
Assembleia Geral Eleitoral
26 de novembro de 2024

Ao abrigo do n.º 2 do artigo 62.º e para os fins previstos na alínea a) do artigo 56.º dos Estatutos do Sindicato dos Trabalhadores em Funções Públicas e Sociais do Norte, convoco a Assembleia Geral Eleitoral dos Associados do Sindicato para o dia 26 de novembro de 2024, entre as 8:00 e as 19:00 horas, a fim de votar e eleger os membros da Direção, do Conselho Fiscalizador e da Mesa da Assembleia Geral.

Nos termos dos artigos 64.º e 65.º dos referidos estatutos a Assembleia será realizada de forma descentralizada nos distritos do Porto, Braga, Bragança, Viana do Castelo e Vila Real a fim de assegurar a possibilidade de participação na votação, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto único: Eleger os membros da Direção, do Conselho Fiscalizador e da Mesa da Assembleia Geral para o quadriénio 2024-2028

Porto, 17 de setembro de 2024

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Albino Valdemar Ferreira Madureira

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.

Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa - Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim»: Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril - Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal - Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL - Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org
Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim - Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org

Até 2050, a resistência aos antibióticos provocará mais de 39 milhões de mortes

Novas estimativas realçam a necessidade de prevenir infecções e reduzir o mau uso dos antibióticos para contrariar as projecções. Número de mortes previstas quase duplica face aos 25 anos anteriores

Tiago Ramalho

MANUEL ROBERTO

A resistência antimicrobiana poderá conduzir a mais de 39 milhões de mortes no mundo directamente causadas por este problema de saúde pública. As estimativas publicadas ontem na revista *The Lancet* mostram um aumento de quase 70% nas mortes directamente atribuíveis a estas resistências face a 2021: de 1,1 milhões de mortes para 1,9 milhões de mortes em 2050.

A preocupação com a resistência aos medicamentos não é nova e tem tido maior preponderância no período após a pandemia da covid-19. A anterior directora-geral do Centro Europeu de Controlo e Prevenção de Doenças (ECDC) defendia isso mesmo, no ano passado, em entrevista ao PÚBLICO: “Já existe uma situação verdadeiramente grave em curso: a resistência antimicrobiana.”

Os dados compilados por uma equipa internacional para este novo estudo publicado na *The Lancet* fazem jus a essa afirmação. Através das tendências dos últimos 30 anos, os cientistas perspectivam aquilo que será o peso da resistência antimicrobiana (não só a antibióticos, mas também a antivirais, antifúngicos e antiparasitários) daqui a 25 anos, à escala global.

Além do crescimento substancial no número de mortes directas, as estimativas apontam para números maiores nas mortes associadas à resistência antimicrobiana: 169 milhões de pessoas. Estas mortes não directamente atribuíveis podem referir-se, por exemplo, à morte por outras infecções ou problemas de saúde possibilitados por uma maior fragilidade do sistema imunitário.

“Os números alarmantes e as previsões futuras são claros”, sublinha Ana Raquel Freitas, investigadora em resistência antimicrobiana na Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e Universitário (CESPU). “A velocidade a que os microrganismos se têm adaptado e evoluído pode ter um impacto gigante revertendo décadas de progresso na medicina moderna”, acrescenta. A confiança que temos nos antibióticos após um tratamento de dentes ou na prevenção de uma cirurgia podem ser afectados por estas resistências, exemplifica.

Quando os medicamentos com que atacamos bactérias, vírus, fungos ou parasitas não produzem efeitos, uma das causas pode ser a resistência. Como é que isto acontece? Devido ao mecanismo de sobrevivência destes microorganismos. Uma bactéria, quando é atacada por um antibiótico, evolui e pode aprender a resistir para sobreviver. Se forem bem-sucedidas, podem tornar-se bactérias multirresistentes. Daí que seja importante tomar o antibiótico até ao fim, para garantir a morte da bactéria. Quando os agentes patogénicos não cedem aos medicamentos, as infecções comuns podem tornar-se difíceis de tratar. A consequência é um aumento da disseminação de doenças, o diagnóstico de casos mais graves e, nos piores casos, mortes.

Preocupação com os idosos

“Embora a mortalidade por resistência antimicrobiana tenha diminuído significativamente entre crianças menores de cinco anos, ela aumentou substancialmente entre adultos com 70 anos ou mais”, resume Ana Raquel Freitas, também investigadora da Unidade de Ciências Biomoleculares Aplicadas (Ucibio) da Universidade do Porto. A quebra nas mortes em crianças é uma das boas notícias do relatório, caindo das 204 mil mortes em 2021 para as 103 mil mortes estimadas em 2050.

Nos idosos, recai a maior preocupação: mais do que duplica de cerca de 512 mil mortes para 1,2 milhões de mortes em 2050. “A fragilidade de pessoas com mais de 70 anos que têm sistemas imunitários mais débeis e são mais propensas a ter condições crónicas com múltiplas doenças torna-as mais vulneráveis a infecções e menos capazes de combatê-las”, justifica a investigadora portuguesa.

“Não me surpreende nem é novidade que seja esta a faixa etária mais atingida, os números são é cada vez mais reais também pelo aumento da sobrevida”, nota. As hospitalizações mais frequentes de idosos também justificam parte destas estimativas, dado que a utilização de dispositivos médicos como cateteres ou ventiladores, quando não são bem higienizados, podem ser fontes de infecções resistentes, acrescenta.

“Há progressos no combate à resistência antimicrobiana, especialmente entre as crianças mais novas, mas as conclusões indicam que é necessário fazer mais para proteger as pessoas desta crescente ameaça”, refere, em comunicado, Stein Emil Vollset, investigador do Instituto Norueguês de Saúde Pública e um dos autores do estudo. “Até 2050, as infecções resistentes poderão estar envolvidas em cerca de oito milhões de mortes todos os anos, quer como causa directa de morte, quer como factor que contribui.”

A resistência antimicrobiana poderá ser uma das principais causas de morte; e a bactéria *Klebsiella pneumoniae*

As soluções passam muito por uma solução, a prevenção, defendem os especialistas

As principais regiões afectadas serão o Sul da Ásia, a Ásia Oriental e ainda a África subsariana. Já em Maio, uma outra série de trabalhos também publicados na *The Lancet* alertava para as populações mais vulneráveis a este problema de saúde pública, sobretudo nos países mais pobres. Segundo as projecções desses trabalhos publicados em Maio, só o acesso a vacinas, água potável e a higienização dos estabelecimentos de saúde – condições que não são garantidas nos países mais pobres – poderiam evitar cerca de 750 mil mortes todos os anos.

As soluções passam precisamente por aqui. “Se tivesse de privilegiar uma solução, diria a prevenção”, refere Ana Raquel Freitas. Por exemplo: “Atitudes simples como a higienização correcta das mãos em todas as situações que o justifiquem, a vacinação, a etiqueta respiratória ou o uso de preservativos para prevenir infecções sexualmente transmissíveis. E sobretudo melhorar as práticas de higiene e controlo de infecções em hospitais.”

Stein Emil Vollset diz ainda, citado em comunicado, que “para evitar que isto se torne uma realidade mortal” são também necessários novos medicamentos, acesso aos antibióticos existentes (sobretudo nos países mais pobres) e educação para a utilização dos medicamentos – soluções há muito advogadas por investigadores e agências de saúde pública em todo o mundo.

Ana Raquel Freitas também aponta a necessidade de haver “maior investimento no desenvolvimento de novos antibióticos e alternativas terapêuticas, como bacteriófagos [vírus que matam bactérias]”, bem como métodos de diagnóstico mais rápido, que permitam detectar os microorganismos responsáveis pela infecção e actuar directamente contra eles.

A redução do uso de antibióticos em animais (que depois consumimos) e o investimento em infra-estruturas de saúde nos países com menos fulgor económico também estão entre as repetidas recomendações dos especialistas, dadas ao longo da última década, para atenuar o impacto da resistência antimicrobiana.

Julia Wolfe sentou-se e ouviu com o público uma das suas obras

A compositora norte-americana participou numa sessão de escuta do álbum *Anthracite Fields*, para promover proximidade entre público e artistas

Gonçalo Frota, em Oslo

Estão a ver a magnética cena de abertura de *Tár*, quando a compositora e maestrina Lydia Tár (Cate Blanchett), uma figura estelar do mundo da música clássica, é entrevistada ao vivo perante uma plateia que enche um vasto auditório e bebe com absoluto deleite cada uma das suas palavras? Talvez o final da noite de anteontem no festival Ultima, em Oslo, dedicado à música contemporânea, tenha oferecido qualquer coisa de semelhante, embora num contexto radicalmente diferente.

Sentada num sofá modesto, ao fundo de um bar localizado no centro da capital norueguesa, sem qualquer aura de "acontecimento", Julia Wolfe responde às perguntas do entrevistador Kent Erlend Home, numa conversa perante as três dezenas de pessoas que se espalham pelo Gehør, um discreto "clube audiófilo" numa zona de grande agitação nocturna. Wolfe é um dos nomes mais importantes da cena vanguardista nova-iorquina desde finais dos anos 80, altura em que fundou (com Michael Gordon e David Lang) o colectivo Bang on a Can.

A ocasião, inserida na programação do Ultima, inscreve-se também numa outra iniciativa global intitulada Classic Album Sundays, dedicada à escuta em grupo de um álbum de música clássica (entretanto o conceito transbordou para outros géneros), recuperando o ritual (perdido no tempo) de ouvir um disco de fio a pavio, numa experiência quase religiosa. A que se associa uma conversa com o/a autor/a ou alguém que tenha uma relação particular com a obra em questão.

Em Oslo, a escolha recai sobre *Anthracite Fields*, um oratório para coros e *ensemble* de câmara que Julia Wolfe compôs a partir de um intenso trabalho de investigação – com muitas entrevistas pelo meio – sobre os trabalhadores da região mineira do Nordeste do estado norte-americano da Pensilvânia. Faz parte de uma série de peças que a compositora descreve como "narrativas" e que se organizam em torno de uma lógica quase documental. "São composições muito pessoais, que resultam de respostas a um nível emocional", explicou em Oslo, incluindo também nesse lote *Steel Hammer* e *Fire in My Mouth*. No caso de *Anthracite Fields*, interessava-lhe abordar "a história das condições laborais" nas minas de carvão no final do século XX e a forma como "os trabalhadores são usados como adereços". "Cheguei a esta comunidade de mente aberta", diz. "Fui apenas para ouvir." E, depois, escrever com todos esses relatos presentes.

Anthracite Fields, escutada através do precioso sistema de colunas de um bar que se distingue por ser patrocinada por uma empresa de som norueguesa, teve estreia em 2015 e venceu o Prémio Pulitzer desse mesmo ano. Uma lenta progressão na sua carreira, diz Julia Wolfe, que agradece não ter sido nenhuma criança-prodígio nem um fenómeno de popularidade aos 20 anos. Pelo contrário, explica, quando formou os Bang on a Can foi, precisamente, porque não encontravam qualquer interesse pela música nova que pretendiam fazer. E lembra: "Não nos encaixávamos em lado algum. Estávamos chateados, encontrávamo-nos para beber café e decidimos fazer alguma coisa." O primeiro concerto do grupo, uma maratona de mais de dez horas numa galeria de arte, começaria a mudar e a definir o seu percurso.

As perguntas param (voltarão no final) e, durante uma hora, Julia Wolfe mantém-se sentada, de olhos voltados para as mãos que descansa no colo, enquanto escuta a gravação de *Anthracite Fields* rodeada de (sobretudo) desconhecidos. É uma peça arrebatadora, cheia de guinadas estilísticas, evocando tanto a música litúrgica de Bach e algum Stravinsky como os seus contemporâneos John Adams, Laurie Anderson e Sparks. É clássica, é rock, é muita coisa ao mesmo tempo, canta com grandiloquência os nomes de vítimas do trabalho mineiro, cita palavras do líder sindical John L. Lewis ("temos de triturar carne e ossos humanos na máquina industrial a que chamamos América moderna?", questiona). E estamos aqui, a ouvi-la diante de Wolfe, enquanto na sua cabeça os sons despertam imagens que não nos são acessíveis.

Na sessão Classic Album Sundays, no âmbito do festival Ultima, a compositora de *Anthracite Fields* (Prémio Pulitzer em 2015) ouviu a gravação no meio de desconhecidos

Quero criar mais pontos de encontro entre artistas e públicos (...) A sociedade actual precisa de inspiração

Heloisa Amaral
Pianista e directora artística do Ultima

Inspiração e atitude

Uma maior proximidade entre público e artistas, como aquela que acontece na sessão com Julia Wolfe, é uma das ideias que Heloisa Amaral, directora artística do Ultima, pretende implementar desde que tomou as rédeas do festival há dois anos. Pianista de formação, deixou o Brasil natal para estudar na Alemanha, tendo-se mudado para a Noruega em 2003. O seu primeiro concerto no país, enquanto membro do grupo Asamisimasa, foi, precisamente, no Ultima, tendo actuado no festival com regularidade até 2015, altura em que se mudou para a Bélgica. No dia a seguir a defender o seu doutoramento, na Universidade de Leiden, foi entrevistada para o cargo que hoje ocupa. "Quero criar mais pontos de encontro entre artistas e públicos", diz Heloisa Amaral ao PÚBLICO. "Pode acontecer com ensaios abertos, laboratórios, momentos mais envolventes, menos formais e não necessariamente conversas após o concerto. Acho que isso vem também da minha experiência de pesquisa artística, que tem um pouco a mistura da prática e do discurso, e gostava de perceber até onde dá para envolver o público no trabalho do artista. A sociedade actual precisa de inspiração. Acho que se sente, por vezes, nos *media*, nas pessoas, nas posições políticas, um certo cansaço, um certo desinteresse ou uma certa desilusão.

NABEEH SAMAAN/ULTIMA

18

instituições compõem a fundação Ultima. Heloisa Amaral, directora do festival de música contemporânea, quer uma maior descentralização

E vendo artistas trabalharem, usando metodologias diferentes, isso pode inspirar modos novos de agir, de ver e de pensar o mundo.”

Esta criação de encontro com os espectadores passa também pela apresentação de propostas no espaço público. Foi o caso, sábado e domingo, de *Tremble Staves*, uma surpreendente *performance* que teve lugar em frente ao majestoso edifício da Ópera de Oslo e na pequena praia que se estende mesmo em frente. *Tremble Staves* é uma criação do compositor da Nação Navajo Raven Chacon, interpretada pelo duo experimental The Living Earth, pela actriz Iselin Shumba, quatro guitarristas e 30 percussionistas, espécie de desmedido ritual místico de celebração da água e da história do local.

É uma busca por públicos que Heloisa Amaral quer aliar a uma maior descentralização do festival (para não se limitar ao centro de Oslo e partir em busca de manifestações artísticas na periferia) e um reforço da união entre as 18 instituições que constituem a Ultima – uma fundação criada em 1991, após um congresso internacional de música contemporânea, com o objectivo de garantir um espaço de partilha das obras e dos compositores do momento.

Com o tempo, o festival Ultima abriu-se a uma maior porosidade entre géneros musicais e hoje é, para a directora artística, sobretudo “uma atitude”. Um espaço para colocar perguntas, para questionar o alcance da música e as suas possibilidades, num ambiente de abertura total. Aquilo que, no fundo, Julia Wolfe dizia não ter encontrado em Nova Iorque, quando iniciou o seu percurso.

O PÚBLICO viajou a convite do festival Ultima

Os Emmys não deram na TV mas deram tudo por *Shōgun*, *Baby Reindeer* e uma surpresa

Joana Amaral Cardoso

***Shōgun* foi a vencedora da noite, *The Bear* bateu recordes e *Hacks* suplantou a favorita na cerimónia que Portugal não viu**

Na madrugada de anteontem decorreram os segundos Emmys deste ano. Os 76.º Emmys são mais uma recordação dos efeitos da greve dos argumentistas e dos actores de 2023, que adiaram a edição de há um ano para Janeiro. E se o ano começou com a coroação esperada de *Succession* (HBO), *The Bear* (FX/Disney+) e *Beef* (Netflix), o Verão terminou com *Hacks* (Max) numa grande supresa, *Baby Reindeer*, que deu à Netflix a sua vitória na categoria de minissérie e o melhor drama para *Shōgun* (FX/Disney+), a primeira série de língua não-inglesa a ganhar o prémio de melhor série dramática.

Shōgun fez o pleno nas nomeações e prémios, não só pelo galardão maior, mas também pelas vitórias de Hiroyuki Sanada e Anna Sawai como protagonistas e pela distinção na realização (só lhe escapou o argumento, que foi para *Slow Horses*). *Shōgun* tinha 25 possibilidades de vitória e recebeu 18 prémios. É a vencedora da noite, nas contas e na unanimidade crítica.

Shōgun é uma série “muito cara, com legendas, de época, passada no Japão, cujo clímax é atingido num concurso de poesia”, como disse um acelerado Justin Marks que, com Rachel Kondo, criou a série poliglota e que é tanto sobre samurais e honra como sobre respeito.

The Bear bateu recordes para a comédia com 23 nomeações e 11 prémios, mas foi a vítima da reviravolta final no argumento. Apesar dos prémios de realização para Christopher Storer e dos prémios de melhor actor para Jeremy Allen White, de melhor actriz secundária para Liza Cólon-Zayas e a segunda nomeação e vitória consecutiva de Evan Moss-Bachrach como secundário, não recebeu o prémio de melhor comédia, que foi parar à carta de amor à arte de fazer rir que é *Hacks*.

Com a série da Max, Jean Smart teve o seu sexto Emmy, e mais um por *Hacks*, e deu azo a muitos rostos boquiabertos. Não pela sua falta de qualidade, mas pelo culto em torno de *The Bear*. A série sobre a cozinha dos Barzatto competiu com a sua segunda temporada, mais elogiada pela crítica do que a recentíssima terceira leva de episódios.

Tempos em mudança

A emissão, que não passou na televisão em Portugal, foi escorreita, como já é habitual nos Emmys, muito mais cumpridores do seu tempo previsto de duração do que os Óscares, por exemplo. E foi marcada por alguma política. Apresentando um prémio, a nomeada Selena Gomez auto-intitulou-se uma mulher com gatos sem filhos, evocando os polémicas declarações do candidato republicano à vice-presidência J. D. Vance. Já Liza Colón-Zayas, que teve a sua primeira vitória e nomeação como actriz secundária em *The Bear*, apelou no seu discurso: “Latinas: continuem a acreditar e votem. Votem pelos vossos direitos.” Também Jodie Foster recebeu o seu primeiro Emmy, por *True Detective: Night Country*.

Na cerimónia foi recordado que os tempos mudaram. E estão a mudar constantemente. A Academia televisiva já o faz desde que o cabo começou a roubar protagonismo à televisão generalista, fincando o pé quando as séries de canais *premium* como a HBO entraram em campo, e repete-se na última década com o *streaming*. Anacronicamente, a nostalgia continua na moda para a Academia de Artes e Ciências Televisivas com os seus lembretes constantes de que o ecrã ainda é um ponto de encontro de milhões de pessoas.

O que parece cada vez mais desnecessário quando há centenas de milhões a ver mais ou menos o mesmo nas plataformas de *streaming* (o fenómeno *Baby Reindeer* dificilmente escapou pelo menos ao conhecimento dos espectadores de séries) e quando estes foram os Emmys mais diversificados de sempre, com o presidente da Academia a sublinhar que só se podem desempenhar papéis que existam – que sejam escritos e depois tenham a oportunidade de ser transmitidos. É o caso de *Baby Reindeer* no que toca ao tipo de história que aborda. “Nunca pensei que seria capaz de corrigir o que me tinha acontecido e de me recompor”, disse Richard Gadd quando agradecia o prémio de Melhor Argumento de uma Minissérie, famosamente sobre um caso da sua vida que gerou um processo de difamação contra a Netflix por parte da sua perseguidora na vida real.

Continuando a lista dos principais premiados, Billy Crudup recebeu o prémio de Melhor Actor Secundário numa série dramática por *The Morning Show* (Apple TV+). Também entre os secundários, Elizabeth Debicki e o seu retrato de Diana de Gales foi o único prémio para a última temporada de *The Crown* e *Last Week Tonight With John Oliver* e *The Daily Show* venceram nas respectivas categorias.

No campeonato das plataformas, grupos e canais, o conjunto de chancelas detidas pela The Walt Disney Company, com o canal FX a brilhar mais do que todos, foi o vencedor, com 60 Emmys; a Netflix vem a seguir, com 24 prémios, e a HBO/Max levou “apenas” 14, o mais baixo em mais de 25 anos para uma eterna favorita da Academia que está a passar por uma reestruturação empresarial impactante. E que, sem *Succession* e com as novas temporadas de *The Last of Us* e *The White Lotus* atrasadas pelas greves, bem como uma *House of the Dragon* não-elegível para esta edição, ficou em desvantagem.

Os Emmys guardaram para o fim a reviravolta, com o prémio para *Hacks*, quebrando o sortilégio de *The Bear*.

MIKE BLAKE/REUTERS

Actores Anna Sawai e Hiroyuki Sanada da série *Shōgun*

Guia

leituras

publico.pt/leituras

Poesia de Sebastião da Gama (1924-1952) reunida
A Assírio & Alvim publica na quinta-feira *O Inquieto Verbo do Mar*, que pela primeira vez reúne toda a poesia conhecida de Sebastião da Gama. Em ano de centenário, o lançamento do livro é a 4 de Outubro, às 18h30, na Casa da Cultura, em Setúbal, com apresentação de Viriato Soromenho-Marques.

Sugestões

Uma naturalidade encantadora

No ano em que se assinala o centenário da morte de Franz Kafka (1883-1924), foram traduzidos e publicados em Portugal, num só volume, os três escritos mais importantes de Max Brod sobre o romancista de Praga: *Franz Kafka, Uma Biografia*; *A Fé e a Doutrina de Franz Kafka* e *Desespero e Redenção na Obra de Franz Kafka*.

Max Brod (1884-1968) ficou sobretudo conhecido como amigo, biógrafo e executor do testamento literário de Kafka, apesar de ter sido autor de numerosas obras.

Brod e Kafka conheceram-se em Outubro de 1902, quando estudavam ambos na Universidade Carolina de Praga. Max Brod “tinha acabado de dar uma conferência sobre Schopenhauer aos alunos de língua alemã”. No final da palestra, Kafka abordou-o e acompanhou-o a casa. Assim começou uma longa amizade, “muitas vezes com encontros diários”. Duas décadas depois, Kafka, sabendo que ia morrer, deu-lhe “indicações para destruir as suas obras inéditas” depois da sua morte. Última vontade que, felizmente, Max Brod não cumpriu.

A imagem que, actualmente, o leitor comum tem de Kafka talvez seja a de um homem macambúzio, triste e tímido — imagem que provavelmente foi sendo construída a partir de alguns dos seus livros (e correspondência publicada), em especial de *Carta ao Pai*. Mas não é essa a descrição que dele faz Max Brod: Kafka exprimia-se, “sempre e em toda a parte, com o dom que o caracterizou, de

agudo poder de observação e de analogia. E tudo isto completamente à vontade, espontaneamente, com uma naturalidade encantadora.” Para logo a seguir acrescentar: “Quem falava com Kafka não notava qualquer constrangimento provocado por sombrias impressões juvenis, nem decadência, nem snobismo (o que facilmente se podia admitir como sendo a fuga da depressão que o atormentava), nem qualquer diferença no seu modo de pensar. O que está escrito na *Carta ao Pai* não parece existir à superfície, apenas se manifestando por alusões em convívio muito íntimo. Só pouco a pouco é que eu soube e compreendi esta sua dor. À primeira vista, Kafka era um jovem saudável, embora notavelmente calmo, observador e reservado. As suas tendências mentais de modo nenhum se inclinavam para o doentio, ainda que interessante, para o bizarro ou o grotesco, mas sim para a grandiosidade da natureza e para o que há de salutar, firme e simples.”

Em tempos sombrios, quando a obra de Kafka parecia quase esquecida — apenas alguns escritores e filósofos a celebravam ainda, nomes como Hannah Arendt, Robert Walser, Benjamim e Adorno —, foi Brod quem se empenhou na sua divulgação; ele que, em 1939 (quinze anos depois da morte de Kafka), quando os nazis ocuparam Praga, emigrou para a Palestina levando consigo uma mala com papéis, notas e apontamentos de Kafka. **José Riço Direitinho**

Sobre Franz Kafka
Autoria: Max Brod (Trad.: Susana Schnitzer da Silva e Ana Falcão Bastos; editora: Relógio d'Água; 430 págs.; 24 €. Já nas livrarias)

O Caminho da Cidade
Autoria: Natalia Ginzburg; (Trad.: Anna Alba Caruso; editora: Relógio d'Água; 90 págs.; 16 €. Já nas livrarias)

“Quando acabei de escrever aquele romance, descobri que a haver nele alguma coisa de novo, nascia das relações de amor e ódio que me ligavam àquela terra; e nascia do ódio e do amor com que se haviam unido e misturado, nos personagens, as pessoas da aldeia e os meus familiares chegados, amigos e irmãos: e disse a mim mesma que não devia contar nada que me fosse indiferente ou estranho que nos meus personagens deviam sempre esconder-se pessoas vivas às quais estava ligada por vínculos estreitos.” Isto lê-se no prefácio, datado de 1964, de *O Caminho da Cidade*, o primeiro romance da escritora e ensaísta italiana Natalia Ginzburg, publicado em 1942 — em plena Segunda Guerra Mundial — com o pseudónimo Alessandra Tornimparte. Este primeiro romance tem já o tom e o estilo inconfundíveis que irão caracterizar a sua obra posterior.

A Selva dentro de Casa
Autoria: Possidónio Cachapa (Editora: Dom Quixote; 280 págs; 18,80€. Já nas livrarias)

“Este livro é dedicado a todos aqueles que adormeceram para sempre, entre palmeiras distantes, imaginadas por nós a preto-e-branco, e que nunca pediram para ver. E para os que regressaram com a selva dentro. A que nunca chegou a ser deles. A selva escura. Tão sombria que não conseguirão falar dela até ao fim. A floresta que como um sonho se fecha e afasta quando se evoca o seu nome. Que parte das coisas que eles não conseguiram dizer, aos filhos e às mulheres, porque não há palavras para descrever o Inferno, possam, finalmente, surgir à luz. Mas, também, a todos os homens, mulheres e crianças que ao mesmo tempo viviam uma outra guerra dentro das suas casas. Que essa criança interior encontre finalmente a paz”, lê-se na dedicatória. O autor de *Materna Doçura (1998)* partiu da experiência pessoal do seu tio que combateu na guerra colonial.

Como Enfrentar o Ódio
Autoria: Felipe Neto (Ed.: Objectiva 376 págs; 13,95€. Já nas livrarias)

“O ódio cega, controla, não permite o contraditório. O ódio pode nascer do desejo de vingança após uma injustiça, da explosão de amor por um time do coração, entre outros. No meu caso, ele se devia à minha ignorância da história do Brasil e à influência de familiares que repetiam mentiras que eles mesmos não sabiam serem mentiras”, escreve Neto neste livro em que retrata o seu “processo de tomada de consciência política” e “o papel do ódio na sua vida, primeiro como força propulsora da sua carreira e, depois, como elemento de que ele próprio se tornou vítima, em especial durante o Governo de Jair Bolsonaro”. O empresário brasileiro, que começou sua carreira na Internet em 2010, “tem mais de 17 milhões de seguidores no Instagram, outros 17 milhões no Twitter (X), e cerca de 50 milhões de subscritores no YouTube, muitos deles também em Portugal”, revela a editora.

Visitar Amigos e Outros Contos
Autoria: Luísa Costa Gomes (Editora: Dom Quixote; 232 págs; 18,80€. Hoje nas livrarias)

São 13 pequenas histórias, que “não têm um fio condutor embora haja uma certa homogeneidade nos temas e nas abordagens”, revela a sinopse da editora. “Alguns contos propõem a revisitação de ideias e linguagens de época, outros vivem do presente e pensam sobre heranças e renovações. Uns mais vincadamente e acidamente humorísticos, outros de carácter sobretudo perplexo, terão como pano de fundo sempre o tempo e a História, e a acção que por acaso ou por necessidade vamos tendo nela.” Têm títulos como *A Ditadura do Proletariado; O Bem de Todos; Catilinária*, *Bagagem; O Menino-Prodígio*, *O Lenço de Seda Italiana; Impaciência; Cabeça Falante*, *Visitar Amigos*, entre outros. Com o seu livro anterior, *Afastar-se (Treze Contos sobre Água)* , de 2021, Luísa Costa Gomes foi a vencedora do Prémio Literário Casino da Póvoa/Correntes d'Escritas 2022.

Inyenzi ou as Baratas
Autoria: Scholastique Mukasonga (Trad.: Maria de Fátima Carmo; posf.: Boniface Mongo-Mboussa; ed.: Livros do Brasil; 176 págs; 16,65€. Quinta-feira nas livrarias)

“Todas as noites, o meu sono é trespassado pelo mesmo pesadelo. Há alguém a perseguir-me, ouço como que um zumbido que se eleva até mim, um burburinho cada vez mais ameaçador. Não me viro. Não vale a pena. Sei quem me persegue... Sei que têm machetes. Não sei como, mas, sem me virar, sei que têm machetes... Às vezes, há também colegas da minha turma. Ouço os seus gritos quando caem. Quando elas...Agora, sou a única pessoa a correr, sei que vou cair, que me vão calcar, não quero sentir o frio do gume no pescoço, não...Acordo. Estou em França. A casa está silenciosa. (...)”, escreve a multipremiada autora, que nasceu no Ruanda e tinha três anos quando aconteceram os primeiros massacres de tutsis. Mukasonga será convidada do próximo FOLIO, em Óbidos, numa sessão a 19 de Outubro, às 18h.

Cinema

Porto

Cinema Trindade
R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425
Mónica e o Desejo M16. 15h; **Sinais de Vida** 19h30; **Ubu** 18h; **Geração Low-cost** M14. 17h30; **Motel Destino** M14. 21h30; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 19h30; **A Pedra Sonha dar Flor** 16h; **Reality** 14h30, 21h45

Cinemas Nos Alameda Shop e Spot
R. dos Campeões Europeus 28 198. T. 16996
Ubu 19h, 21h; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h30, 16h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h10, 15h40 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 18h20, 21h30; **Oh Lá Lá!** M12. 18h50, 21h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h30, 17h40, 20h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 18h40, 21h40 ; **Um Sinal Secreto** M14. 13h45, 16h10; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h40, 16h20, 19h10, 21h50 ; **A Pedra Sonha dar Flor** 13h50, 16h30; **Não Fales do Mal** 13h20, 15h50, 18h30, 21h20

Medeia Teatro Municipal Campo Alegre
R. das Estrelas. T. 226063000
O Silêncio M16. 21h30

Coimbra

Casa do Cinema de Coimbra
Av. Sá da Bandeira 33. T. 239851070
Ubu 16h40; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 18h30; **A Pedra Sonha dar Flor** 21h30; **Não Fales do Mal** 14h30

Gondomar

Cinemas Nos Parque Nascente
Praceta Parque Nascente, nº 35. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 12h30, 15h20, 17h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h20, 16h (VP) 21h20 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 20h20; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h10, 20h50, 23h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 15h, 18h10, 21h, 23h50; **Alien: Romulus** M16. 14h30, 17h30, 20h40, 23h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h10, 15h10, 16h20, 18h, 19h20, 21h10, 22h20, 24h; **Um Sinal Secreto** M14. 19h10, 21h50, 00h25; **Hellboy e o Homem Torto** 00h30; **Um Gato Com Sorte** M6. 14h40, 17h (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 12h40, 15h40, 18h40, 21h30, 00h15; **Zona de Risco** M14. 19h, 22h10; **100% Lobo** 14h10, 16h30 (VP); **Não Fales do Mal** 13h30, 16h10, 18h50, 21h40, 00h20; **Reality** 23h10; **Jogo de Assassinos** 13h, 15h30, 17h40, 19h50, 22h

Maia

Castello Lopes - Mira Maia Shopping
Mira Maia Shopping. T. 229419241
Gru - O Maldisposto 4 M6. 16h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h35, 19h05 (VP); **Isto Acaba Aqui** M12. 21h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h40, 19h10, 21h35; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 14h45, 17h, 19h15, 21h30; **100% Lobo** 17h05 (VP); **Não Fales do Mal** 14h35, 16h55, 19h15, 21h35

Cinemas Nos MaiaShopping
C.C. Maiashopping, Lj 2.43. T. 16996
Divertida-Mente 2 M6. 13h20, 16h (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 18h30, 21h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h, 15h50, 18h40, 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h40, 16h10, 18h50, 21h20; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h10, 15h40, 18h20, 21h; **Não Fales do Mal** 13h30, 16h20, 19h, 21h40

Matosinhos

Cinemas Nos MarShopping
Av. Dr. Óscar Lopes. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h30, 16h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h50, 18h30 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 18h50, 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h10, 15h, 18h, 21h20, 00h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h20, 15h20, 18h20, 21h, 23h50; **Um Sinal Secreto** M14. 17h40, 20h40, 23h20; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h20, 16h10, 18h40, 21h40, 00h15; **100% Lobo** 12h30, 15h10 (VP); **Não Fales do Mal** 12h50, 15h40, 19h, 21h30, 00h10; **Daddio** 21h50; **Sem Ar** 00h25; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 12h40, 15h30, 18h10, 20h50, 23h30 (IMAX)

Cinemas Nos NorteShopping
C.C. Norteshopping, Lj 1117. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h10, 12h50, 15h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h10, 14h30, 17h, 19h30 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 12h10, 15h10, 18h10, 21h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h30, 15h30, 18h30, 21h30, 00h25; **Alien: Romulus** M16. 18h50, 21h50, 00h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h25, 16h10, 18h50, 21h50, 00h30; **Um Sinal Secreto** M14. 19h50; **Hellboy e o Homem Torto** 00h35; **Um Gato Com Sorte** M6. 11h20, 14h05, 16h30 (VP); **Zona de Risco** M14. 22h10; **100% Lobo** 11h, 13h30, 15h50 (VP); **Não Fales do Mal** 13h40, 16h20, 19h, 21h40, 00h20; **Daddio - Uma Noite em Nova Iorque** 22h; **Moloch: Sacrifício Demoníaco** 00h10; **Alien: Romulus** M16. 17h50, 20h30, 23h10 (SCREENX); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20, 24h (NOS XVISION)

Ovar

Castello Lopes - Vida Ovar
C.C. Dolce Vita. T. 960254838
Divertida-Mente 2 M6. 15h10 (VP); **Isto Acaba Aqui** M12. 17h05; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h05, 19h35; **Não Fales do Mal** 21h40

Vila Nova de Gaia

Cinemas Nos GaiaShopping
C.C. Gaiashoping, Lj 2.25. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h40, 16h, 18h, 20h30, 22h50 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 15h20, 18h10, 21h, 00h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h20, 17h30, 20h40, 23h30; **Alien: Romulus** M16. 18h20, 21h10, 23h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h30, 16h10, 19h, 21h50, 00h30; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 12h50, 15h50, 21h40, 00h20; **100% Lobo** 13h20, 15h40 (VP); **Não Fales do Mal** 13h50, 16h20, 18h50, 21h30, 24h; **Jogo de Assassinos** 14h, 16h30, 18h40, 21h20; **Moloch: Sacrifício Demoníaco** 23h40; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h10, 15h30, 17h50, 20h50, 23h10 (4DX)

UCI Arrábida 20
Arrábida Shopping. T. 223778800
Dulcineia 13h45, 19h10; **Como Por Magia** 13h55, 18h50; **Ubu** 16h25, 21h10; **Divertida-Mente 2** M6. 13h40, 16h20, 18h40, 21h10 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h20, 16h05, 18h50, 21h40; **Oh Lá Lá!** M12. 13h55, 16h35; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h15, 16h, 18h40, 21h25; **O Corvo** M16. 18h55, 21h35; **Alien: Romulus** M16. 19h05, 21h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h45, 16h20, 19h10, 22h; **Cão e Gato** M6. 14h25, 16h35 (VP); **Um Sinal Secreto** M14. 16h25, 21h55; **Campeões 2** 18h20; **Longing - À Descoberta do Passado** 15h50, 21h25; **Um Gato Com Sorte** M6. 14h15, 16h55 (VP); **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h40, 16h10, 18h55, 21h30; **Zona de Risco** M14. 13h35, 19h15; **100% Lobo** 13h35, 15h55 (VP); **A Pedra Sonha dar Flor** 13h25, 18h45; **Não Fales do Mal** 14h05, 16h40, 19h15, 21h50; **Reality** 14h, 16h15, 19h, 21h20; **Daddio - Uma Noite em Nova Iorque** 16h45, 21h40; **Jogo de Assassinos** 13h30, 16h30, 18h35, 21h30; **Ardaas Sarbat De Bhalle Di** 21h

Viseu

Cinemas Nos Fórum Viseu
Fórum Viseu. T. 16996
Divertida-Mente 2 M6. 14h, 16h30 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h30, 16h, 18h30, 21h; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h45, 16h45, 20h15; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h15, 17h30, 20h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 20h45; **Longing - À Descoberta do Passado** 19h45; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 14h30, 17h15, 20h; **100% Lobo** 14h45, 17h (VP)

Cinemas Nos Palácio do Gelo
R. Palácio do Gelo, Lj 200. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 13h15 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 12h15, 14h45, 17h15 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h45, 15h45, 18h45, 21h45; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 13h, 15h30, 18h, 21h30; **Beetlejuice Beetlejuice** M12. 13h30, 16h, 18h30, 21h; **Não Fales do Mal** 12h30, 15h, 17h45, 21h15; **Jogo de Assassinos** 16h15, 19h, 22h10

Estreias

100% Lobo
De Alexs Stadermann. Com Loren Gray (Voz), Adriane Daff (Voz), Akmal Saleh (Voz), Alexs Stadermann (Voz). GB/EUA/Austrália/BEL/RUS. 2020. 96m. Animação, Aventura.
A família de Freddy Lupin é de lobisomens. Seria de esperar, quando chegasse aos 14 anos, que a sua transformação corresse como a dos seus familiares. O problema? Transforma-se, afinal, num caniche.

A Pedra Sonha dar Flor
De Rodrigo Areias. Com Paulina Almeida, Carlos André, Rodolfo Areias, Pedro Bernardino, Miguel Borges. POR. 2024. m. Drama.
Rodrigo Areias, que tem vindo a construir uma obra regular à volta de Guimarães, a sua terra natal, atira-se a Raul Brandão (1867-1930), adaptando "A Morte do Palhaço", misturado com outras obras do escritor que viveu e trabalhou também em Guimarães.

Jogo de Assassinos
De Phillip Noyce. Com Pierce Brosnan, Morena Baccarin, James Caan, Gbenga Akinnagbe. EUA. 2023. 90m. Thriller, Acção.
Um assassino que trabalha para um chefe da máfia decide vingar-se quando um rival mata o seu patrão.

Justiça Artificial
De Simón Casal. Com Alberto Ammann, Monti Castiñeiras, Melania Cruz, Marco D'Almeida. ESP. 2024. m. Ficção Científica.
O Governo espanhol decide, para despolitizar o sistema de justiça, substituir todos os juízes por um programa de inteligência artificial.

Não Fales do Mal
De James Watkins. Com James McAvoy, Mackenzie Davis, Scoot McNairy, Aisling Franciosi, Alix West Lefler. EUA. 2024. 110m. Drama, Terror.
"Remake" do filme homónimo dinamarquês de 2022, uma história de terror psicológico com "thriller" e sátira social em que um casal vai passar, a convite de outro, um fim-de-semana numa casa idílica de campo, o que depressa se torna um pesadelo.

Reality
De Tina Satter. Com Sydney Sweeney, Josh Hamilton, Marchánt Davis, Benny Elledge. EUA. 2023. 83m. Drama, Documentário.
O interrogamento da delatora Reality Winner, que passou documentos sobre interferência russa nas eleições americanas de 2016, é dramatizado neste filme de Tina Satter.

Ubu
De Paulo Abreu. Com Miguel Loureiro, Isabel Abreu, Dinarte Branco, Sérgio Silva, Vicente Gil, Laura Frederico, Álvaro Correia. POR. 2023. 77m. Ficção.
Ubu é convencido pela esposa a matar o Rei Venceslau da Polónia e assim usurpar o seu trono. Adaptação de "Ubu Roi", a peça do francês Alfred Jarry de 1896.

A Pedra Sonha dar Flor

As estrelas

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Alien — Romulus	★★☆☆☆	—	★★☆☆☆
Beetlejuice, Beetlejuice	★★★☆☆	★★★★☆	★★★☆☆
Breves Encontros	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Bruno Reidal — Confissões...	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Daddio, uma Noite em Nova Iorque	—	★☆☆☆☆	—
Dulcineia	—	★☆☆☆☆	—
O Longo Adeus	★★★★★	★★★★★	★★★★★
O Monge e a Espingarda	★★☆☆☆	★★☆☆☆	—
Não Fales do Mal	—	★☆☆☆☆	—
Na Terra de Santos e Pecadores	—	★★★☆☆	★★★☆☆
A Pedra Sonha Dar Flor	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Ubu	★★☆☆☆	★★☆☆☆	—
Verdade ou Consequência?	★★★★☆	★★★★☆	★★★☆☆
24 Frames	★★★☆☆	★★★★☆	★★★☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Guia

Lazer

FESTIVAL

Festival da Felicidade (Happiness Camp)
PORTO Alfândega do Porto. Dia 17/9, a partir das 9h. Entrada livre
Terceira edição do evento dedicado a "explorar o poder da felicidade no local de trabalho". Conversas, palestras, actividades em equipa, música, ioga do riso, *workshops*, comida e bebida fazem parte do programa que, notam em comunicado, "estima juntar 15.000 pessoas de mais de 50 nacionalidades num dia repleto de inspiração, aprendizagem e diversão". Mais informações em happinesscamp.pt.

CINEMA

Ainda não Acabámos
BARCELOS Largo Dr. Martins Lima. Dia 17/9, às 21h30. M/12. Grátis
Como se fosse uma carta de Jorge Silva Melo é o subtítulo deste documentário produzido pelos Artistas Unidos e realizado pelo seu fundador e director artístico (além de encenador e dramaturgo) em 2016. Com alcance de meio século e repleto de depoimentos de personalidades que com ele se cruzaram, é uma missiva dirigida aos que, contra todas as adversidades, se tornaram actores.

FESTAS

Semana Europeia da Mobilidade
TODO O PAÍS Vários locais. De 16/9 a 22/9.
Com os primeiros passos dados em 2002, a Semana Europeia da Mobilidade nasceu com a missão de encorajar o desenvolvimento sustentável das cidades e sensibilizar os cidadãos para um modelo de vida urbana amigo do ambiente, aproveitando para sublinhar a oportunidade da redescoberta dos lugares e do seu património. Passeios a pé, de bicicleta, de trotineta ou de transportes públicos, sem esquecer os circuitos com actividades desenhadas para os mais novos, compõem o programa que, em Portugal, conta com a coordenação da Agência Portuguesa do Ambiente e se encontra detalhado em mobilityweek.eu/mobilityactions.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

EuroDreams

1.º Prémio 20.000€/mês x 30 anos

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Lotaria Clássica

1.º Prémio 600.000€

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.556

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

Horizontais: 1. Onde foi pedido à população que reduzisse o consumo de água e evitasse andar na cidade, devido aos incêndios. O âmago. **2.** Ligação. Reduzir a fios. **3.** Joana d'(...), heroína francesa (1412-1431). Seguir até. Letra grega correspondente ao n. **4.** O tufão mais forte a atingir Xangai desde 1949. Símbolo de tangente. **5.** Solicitei. Congregação (fig.). **6.** Ligue. O maior continente. Na moda. **7.** Comissão Europeia. Traje preto e comprido usado por advogados e solicitadores em tribunal. **8.** Falar alto e iradamente. **9.** Também podem ajudar na doença de Parkinson. **10.** Malhadouro. Bebida peruviana, preparada com milho. **11.** Constara. Todavia.

Verticais: 1. Nome feminino. Embrulhos. **2.** Conjunto das definições de uma palavra num dicionário. Curso natural de água. **3.** Ultrapassa. Pírtiga. **4.** Um dos satélites de Júpiter. Prefixo (duas vezes). "Arrenda a vinha e o (...) se os queres desgraçar". **5.** Observei. Comboios de Portugal. **6.** Orçamento do Estado. Ignorantes. **7.** Textualmente (adv.). Fiasco, fracasso (inglês). **8.** Fernanda (...), artista que mudou o rosto do Liceu Camões. **9.** Segundo. Enfeitar. **10.** Onde acontece o Festival da Montanha. **11.** Causar. Preposição que indica lugar.

Solução do problema anterior
Horizontais: 1. SNS. Balnear. **2.** OE. Aipo. FBI. **3.** Stoltenberg. **4.** Rb. Age. Ei. **5.** Escândalo. **6.** Anão. Arte. **7.** Ol. Tez. **8.** Italianos. **9.** Ode. Ia. Tu. **10.** Mamografias. **11.** Azoar. Ira.
Verticais: 1. 1. Sossego. Omo. **2.** Net. Lida. **3.** Orca. Tema. **4.** Albânia. Oz. **5.** Bit. Nã. Ligo. **6.** Apeado. Iara. **7.** Longa. Há. Ar. **8.** Bela. NIF. **9.** Efe. Orto. II. **10.** Abre. Testar. **11.** Rigidez. Usa.

Bridge

João Fanha
bridgepublico@gmail.com

Dador: Este
Vul: EO

Oeste	Norte	Este	Sul
		1♥	1♠
3♥	4♠	Todos passam	

Leilão: Qualquer forma de Bridge.
Carteio: Saída: Q♥. O jogador em Este toma a Dama de Oeste com o seu Rei e contra-ataca com o 2 de ouros. Qual será a melhor maneira de chegar a 10 vazas nesta mão?
Solução: A mudança repentina de naipe por parte de Este faz suspeitar de um singleton. Temos que pensar numa maneira de evitar que haja um corte a ouros. Como?
Se jogarmos Ás de trunfo e trunfo, isso pode ser suficiente caso as espadas estejam divididas 2-2, mas se a distribuição for 3-1 isso não resultará porque Este fará o Rei de trunfo e comunicará com Oeste através do naipe de copas para permitir que venha de lá um ouro para cortar, o que constituirá um cabide. Como fazer melhor?
A passagem a paus tem que resultar para que o contrato tenha sucesso, senão teremos que perder duas copas, uma espada e um pau. A solução esconde-se ai. Faça a segunda vaza do jogo com uma das figuras de ouros do morto e avance com um pequeno pau para o Valete. Ás de paus e um trunfo para o Ás. Agora, o golpe de misericórdia: a Dama de paus, que Este cobre com o Rei e Sul balda o 8 de copas! Sem possibilidade de aceder à mão de Oeste, o corte a ouros deixará de acontecer e o contrato está assegurado!

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♣
1♠	X	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠ K83 ♥.KQ42 ♦ K ♣ AJ752
Resposta: Marque 3♥. O salto é suficiente. Efectivamente os reis de ouros e de espadas não representam mais valias.

Se tem pouca experiência, ou se já não joga Bridge faz tempo, todas as segundas, às 19h00, estarei à sua espera no Centro de Bridge de Lisboa para um torneio especial em que os iniciados são o foco das atenções. Mesmo sem parceiro, basta aparecer.

Sudoku

Problema 12.876 (Fácil)

Solução 12.874

9	2	5	1	6	3	8	4	7
6	3	7	4	2	8	9	5	1
8	4	1	7	5	9	3	6	2
3	1	6	2	7	5	4	8	9
4	5	9	8	3	1	2	7	6
2	7	8	9	4	6	5	1	3
7	8	3	5	1	2	6	9	4
1	9	2	6	8	4	7	3	5
5	6	4	3	9	7	1	2	8

Problema 12.877 (Difícil)

Solução 12.875

4	1	8	3	9	2	6	5	7
6	7	9	1	8	5	4	2	3
5	3	2	6	7	4	1	9	8
1	5	6	2	4	8	3	7	9
8	4	3	7	6	9	2	1	5
9	2	7	5	1	3	8	6	4
2	9	1	8	3	7	5	4	6
7	8	5	4	2	6	9	3	1
3	6	4	9	5	1	7	8	2

CINEMA

Amor de Improviso
Cinemundo, 21h
Uma comédia dramática realizada por Michael Showalter (da seminal trupe de *sketches* The State) sobre Kumail Nanjiani (que faz dele próprio), um humorista que emigrou do Paquistão para os EUA e se apaixonou por uma mulher branca contra a vontade dos pais. Além de protagonista, Nanjiani co-escreve o filme com Emily V. Gordon, num trabalho que esteve nomeado para o Óscar de melhor argumento original.

The Giver — O Dador de Memórias
AXN Movies, 21h10
Phillip Noyce realiza esta adaptação da obra homónima de Lois Lowry. Numa sociedade aparentemente perfeita, onde a história foi apagada e a vida de todos é controlada ao milímetro, um jovem é nomeado guardião das lembranças da humanidade e recebe o legado de memórias do mundo – incluindo as piores. Agora, tem de tomar a mais importante decisão da sua vida: guardar a informação para si ou contar tudo o que sabe. Brenton Thwaites, Meryl Streep, Jeff Bridges, Katie Holmes e Taylor Swift dão vida às personagens.

Judas e o Messias Negro
Hollywood, 21h30
Realizado por Shaka King, é um *biopic* do activista afro-americano Fred Hampton, líder dos Panteras Negras, que foi morto a tiro pela polícia a 4 de Dezembro de 1969, em Chicago, quando dormia com a namorada grávida. Entre outros prémios, o filme ganhou dois Óscares: melhor actor secundário (Daniel Kaluuya, na pele de Hampton) e canção original (*Fight for you*, de H.E.R.). Lakeith Stanfield encarna Bill O'Neal, o informador que traiu o revolucionário.

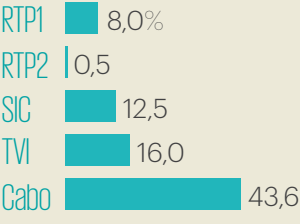
O Meu Amigo Dahmer
Cinemundo, 23h
Ross Lynch encarna Jeffrey Dahmer, o terrível assassino em série que matou 17 pessoas entre 1978 e 1991, neste filme de Marc Meyers baseado numa novela gráfica de John "Derf" Backderf. Backderf foi colega e amigo de Dahmer no liceu no Ohio e chegou a desenhá-lo em novo. Este drama psicológico biográfico centra-se nos anos de liceu de Dahmer, nas suas peculiares obsessões, na relação com os pais, no *hobby* de pegar em animais mortos e lhes dissolver os ossos. Há outros filmes e séries sobre Dahmer, mas este, de 2017, foi um dos mais bem recebidos entre a crítica.

Televisão

Os mais vistos da TV
Domingo, 15

		% Aud.	Share
Secret Story 8	TVI	12,6	26,0
Secret Story 8	TVI	11,3	29,2
Jornal da Noite	SIC	8,8	18,3
Secret Story 8	TVI	8,0	35,2
Isto é Gozar Com Quem...	SIC	8,0	16,7

FONTE: CAEM

RTP1	8,0%
RTP2	0,5
SIC	12,5
TVI	16,0
Cabo	43,6

RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.22** Amor sem Igual **15.20** A Nossa Tarde **17.22** Hóquei em Patins: Angola x Portugal (Campeonato do Mundo) **19.06** O Preço Certo **19.59** Telejornal **21.01** Entre o Mar e a Terra **21.35** Joker

22.26 É ou Não É - O Grande Debate

23.59 Cartas de Fora

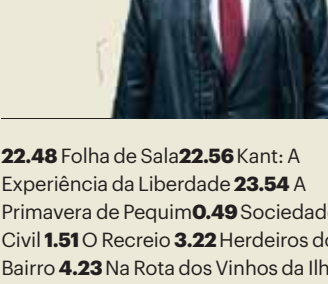
1.28 Anatomia de Grey

2.08 Terra Europa

2.30 Amor sem Igual

RTP2

6.32 Repórter África **7.00** Espaço Zig Zag **10.35** As Novas Viagens Philosophicas **11.07** Maravilhas da Europa **11.58** O Mundo em Chamas **13.00** Artes do Mar **13.25** Outra Escola **14.00** Sociedade Civil **15.02** A Fé dos Homens **15.38** Salto Mortal **16.06** Sundarbans, o Último Reino do Tigre **16.59** Espaço Zig Zag **20.31** A Torre de Pisa, o Edifício Inabalável **21.30** Jornal 2

22.01 O Escândalo dos Correios

22.48 Folha de Sala **22.56** Kant: A Experiência da Liberdade **23.54** A Primavera de Pequim **0.49** Sociedade Civil **1.51** O Recreio **3.22** Herdeiros do Bairro **4.23** Na Rota dos Vinhos da Ilha do Pico **4.52** Eiffel & Cia em Portugal: Vontade de Ferro **5.59** A Fé dos Homens

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.10** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.30** Querida Filha **16.10** Linha Aberta **16.50** Júlia

18.20 Terra e Paixão

19.57 Jornal da Noite

22.10 A Promessa

22.55 Senhora do Mar

0.10 Nazaré

0.45 Papel Principal

1.00 Travessia **1.45** Passadeira Vermelha **3.05** Terra Brava

TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.40** A Sentença **15.40** A Herdeira **16.30** Goucha

17.45 Secret Story

19.57 Jornal Nacional

21.20 Secret Story

22.10 Cacau

23.10 Festa É Festa

23.55 Secret Story

1.55 Autores

2.50 O Beijo do Escorpião

TVCINE TOP

17.25 Farang - Implacável **19.05** The Flash **21.30** A Semente do Mal **23.05** Silent Night: Vingança Silenciosa **0.45** 13 Exorcismos **2.25** Inferno

STAR MOVIES

18.12 Um Homem Chamado Noon **19.47** Shango **21.15** Noite de Violência **23.04** Canhões para Córdoba **0.55** A Volta de Jesse James **2.26** As Pistolas Não Discutem

HOLLYWOOD

17.20 A Vida por Um Fio **19.00** Wonder Woman 1984 **21.30** Judas e o Messias Negro **23.40** Romeo Deve Morrer **1.40** Ninja Assassino

AXN

17.03 S.W.A.T.: Força de Intervenção **17.50** The Rookie **21.06** Hudson & Rex **22.56** Borboleta Negra **0.36** Hudson & Rex **2.10** S.W.A.T.: Força de Intervenção

STAR CHANNEL

17.13 Investigação Criminal: Los Angeles **18.52** FBI **20.25** Hawai Força Especial **23.05** Chicago P.D. **0.50** FBI **2.17** Ninguém Sobrevive

DISNEY CHANNEL

17.15 Miraculous - As Aventuras de Ladybug **18.30** Hamster & Gretel **19.15** Primos **19.40** Os Green na Cidade Grande **20.50** Vamos Lá, Hailey! **21.35** A Raven Voltou **22.50** Os Green na Cidade Grande

DISCOVERY

17.00 Mestres do Restauro **19.00** Aventura à Flor da Pele **21.00** Mestres do Restauro **22.54** Maine Cabin Masters **0.43** Mestres do Restauro **2.18** A História do Universo

HISTÓRIA

17.34 Ficheiros Secretos do Vaticano **19.20** O Inacreditável com Dan Aykroyd **22.16** Rainhas Que Mudaram o Mundo **0.03** O Inacreditável com Dan Aykroyd **2.53** Rainhas Que Mudaram o Mundo

ODISSEIA

17.46 O Universo **20.06** Clima Extremo Viral **21.41** Clima Letal **1.22** Clima Extremo Viral **2.50** O Universo

SÉRIES

O Escândalo dos Correios
RTP2, 22h01
Estreia-se no segundo canal a minissérie britânica que dramatiza um escândalo que aconteceu na vida real: cerca de sete centenas de funcionários do Royal Mail – o serviço postal nacional do Reino Unido – foram acusados de roubo, fraude e contabilidade falsa. O caso, que encheu os tribunais de processos entre 1999 e 2015, envolveu despedimentos, detenções, insolvências, desintegração de agregados familiares e outras situações ainda mais dramáticas. Anos depois, percebeu-se que tudo tinha tido origem, afinal, numa falha do sistema informático utilizado pelos correios. Foi um dos maiores erros judiciais britânicos e as repercussões continuam a fazer-se sentir, com o Estado a ter de compensar as vítimas do erro. Muitas só contactaram advogados depois de terem visto esta série, originalmente estreada em Janeiro passado, na ITV. Os quatro episódios chegam agora à RTP2 a ritmo diário.

As Sementes do Mal
Filmin, *streaming*
Estreia. *Suspense*, crime, neonazis e mitologia alemã convergem para os seis episódios desta minissérie policial alemã que começa no ano de 1993, em Wussnitz, na antiga República Democrática da Alemanha, quando uma jovem é encontrada morta em circunstâncias macabras. *As Sementes do Mal* é uma adaptação de um romance de Ada Fink e conta com Henriette Confurius e Fahri Yardim nos papéis dos inspectores encarregues de investigar o caso.

DOCUMENTÁRIO

Kant: A Experiência da Liberdade
RTP2, 22h56
A 22 de Abril de 1724, nasceu na cidade de Königsberg (actual Kaliningrado) uma das mentes mais influentes da filosofia ocidental. Este documentário, assinado por Wilfried Hauke, pretende funcionar como uma viagem no tempo, para mostrar a ligação de Kant à cidade onde nasceu, cresceu e desenvolveu o seu pensamento. Além de recriar essa atmosfera, o filme aborda "muitas das questões prementes que atormentavam as pessoas há 300 anos são colocadas de novo face à catástrofe climática e à guerra na Europa", assegura a sinopse.

Guia

Meteorologia

TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.		Mín.	Máx.
Amesterdão	13	20	Roma	14	20
Atenas	19	27	Viena	11	19
Berlim	13	26	Bissau	26	29
Bruxelas	13	19	Buenos Aires	16	22
Bucareste	14	24	Cairo	23	34
Budapeste	12	20	Caracas	20	30
Copenhaga	12	19	Cid. do Cabo	9	18
Dublin	9	19	Cid. do México	15	24
Estocolmo	10	19	Díli	23	31
Frankfurt	13	23	Hong Kong	26	36
Genebra	10	18	Jerusalém	17	27
Istambul	18	26	Los Angeles	15	25
Kiev	15	27	Luanda	21	27
Londres	13	21	Nova Deli	26	32
Madrid	15	27	Nova Iorque	18	25
Milão	12	20	Pequim	19	28
Moscovo	12	25	Praia	25	29
Oslo	9	18	Rio de Janeiro	19	22
Paris	12	21	Riga	12	25
Praga	11	21	Singapura	26	32

MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
08h57	0,5	08h32	0,7	08h31	0,5
15h11	3,7	14h46	3,7	14h55	3,6
21h26	0,3	21h01	0,4	20h59	0,3
03h37*	3,6	03h13*	3,6	03h19*	3,5

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Sporting ataca nova Champions a pensar no crescimento sustentado

Rúben Amorim sente a equipa mais preparada do que nas duas participações anteriores. Mas, mais importante do que ir longe na competição, é pensar a longo prazo e garantir o regresso já no próximo ano

Augusto Bernardino

O Sporting recebe esta noite (20h, SPTV1), em Alvalade, os franceses do Lille, o primeiro de oito adversários que terá de enfrentar para chegar aos oitavos-de-final da nova Liga dos Campeões. Formato que agrada a Rúben Amorim, treinador dos "leões", mesmo sem saber exactamente o que esperar desta versão mais aberta da principal prova de clubes da Europa.

O que Amorim não ignora e define, aliás, como trave mestra de um futuro sustentado, é a importância de perscrutar e preparar os caminhos, algo que vai muito além do que a equipa for capaz de mostrar e fazer na edição de 2024-25 da Champions.

"Mais importante, às vezes, do que ir longe na Liga dos Campeões – e nós queremos ir o máximo possível – é estar na Liga dos Campeões do próximo ano, pois é isso que ajuda a fazer crescer um clube a longo prazo", declarou Amorim, cujos objectivos para a temporada passam por vencer as Taças de Portugal e da Liga, fazer uma campanha europeia que honre e orgulhe o clube, mas, acima de tudo, assegurar a conquista do bicampeonato.

"Queremos muito ser bicampeões!", enfatizou, esclarecendo que haverá uma gestão adequada, embora menos extrema do que a do ano passado, dada a qualidade dos opositores europeus, com Manchester City e Arsenal em evidência.

"Não podemos arriscar tanto na gestão porque o nível é completamente diferente. E temos os nossos objectivos e o orgulho de mostrar na Liga dos Campeões que crescemos como clube e como equipa", reconheceu, considerando que o cenário de vencer a prova seria "viajar bastante longe".

Depois das presenças em 2021-22 (eliminação nos "oitavos" frente ao Manchester City) e 2022-23 (relegado para a Liga Europa), o Sporting regressa à Liga dos Campeões com outro estofo, mesmo que uma dúzia de jogadores nunca tenha pisado os palcos da Champions.

Uma questão "subjectiva" segundo Amorim, que não duvida da capacidade de prontidão de jogadores como Gyökeres e Hjulmand, dois dos noviços. "É preciso analisar caso a caso", adverte.

Partindo desse exemplo, o treinador "leonino" acredita que a "habituação" europeia criada no ano transacto ajudará a dominar a ansiedade adicional. "Na nossa primeira participação na Liga dos Campeões, éramos mesmo muito inexperientes. Agora, sinto a equipa ansiosa, mas mais preparada. Talvez por me sentir mais apto a ajudá-los", concede, antecipando uma noite difícil, pela ansiedade própria do primeiro jogo, por ser em casa mas, sobretudo, porque "as expectativas dos adeptos estão muito altas".

Menos elevadas são as contrapartidas financeiras, com os representantes portugueses a serem fortemente penalizados pela nova forma de distribuição de prémios, em que as audiências (*market pool*) ganham maior peso, reduzindo a menos de metade a verba atribuída aos clubes só pela participação na Champions (18,6 milhões de euros). Apesar de se tratar de matéria sensível, o ênfase foi colocado na prestação desportiva, que poderá compensar e até superar a redução de receitas.

Se a equipa mostrar o que fez no último campeonato e na Liga Europa, estará, segundo Rúben Amorim, preparada para os desafios da Champions, mesmo tendo de enfrentar alguns azares. "Queremos marcar golos e ganhar jogos. Mas sinto que este ano temos de jogar de forma diferente. Ganhar é o principal, mas queremos jogar bem e ter mais protagonismo do que há três anos", revelou Amorim, que começou a preparação com o pé esquerdo, ao perder Eduardo Quaresma.

"Não quisemos utilizar o Quaresma por vir da selecção. Poupámo-lo com o Arouca e, no treino a seguir, lesionou-se. Também é preciso ter essa sorte", rematou, devendo agora formar um trio de centrais com Diomande, Debast e Inácio, com Matheus Reis também à espreita.

Serão eles a última barreira entre o Lille e o guarda-redes. Os franceses vêm de três derrotas consecutivas (diante do Slavia Praga, do PSG e do Saint-Étienne) e têm três baixas no plantel, mas procurarão contrariar o favoritismo que o seu treinador, Bruno Génésio, atribui ao campeão português. "Vamos enfrentar uma equipa que está invencível desde o início da época", alerta.

FILIPE AMORIM/LUSA

Gonçalo Inácio em destaque num dos momentos do treino de ontem do Sporting

Calendário

FASE DE LIGA (JORNADA 1)	
Juventus-PSV	17h45
Young Boys-Aston Villa	17h45
AC Milan-Liverpool	20h
Bayern Munique-Dín. Zagreb	20h
Real Madrid-Estugarda	20h
Sporting-Lille	20h
Bolonha-Shakhtar	qua, 17h45
Sparta Braga-Salzburgo	qua, 17h45
Celtic-Slovan Bratislava	qua, 20h
Club Brugge-B. Dortmund	qua, 20h
Man. City-Inter Milão	qua, 20h
PSG-Girona	qua, 20h
Feyenoord-B. Leverkusen	qui, 17h45
Est. Vermelha-Benfica	qui, 17h45
Atalanta-Arsenal	qui, 20h
Atlético Madrid-RB Leipzig	qui, 20h
Brest-Sturm Graz	qui, 20h
Mónaco-Barcelona	qui, 20h

Os golos de Samu, Akturkoglu e o penálti de Fukui

Análise

Pedro Henriques

Arouca-Sporting
Minuto 16: antes do penálti cometido por Hjulmand sobre Morozau, há fora-de-jogo de Jason, que foi correctamente assinalado.

Minuto 41: ficou um pontapé de penálti por assinalar a favor do Sporting. Trincão, que já vinha em desequilíbrio por toque dado por Loum, acaba por, já dentro da área, cair ao ser empurrado nas costas pela mão esquerda de Fontán, perdendo desta forma a posse de bola e a possibilidade de continuar a jogá-la.

Minuto 61: golo bem anulado aos "leões" por fora-de-jogo. Na construção da jogada, é Nuno Santos que está adiantado (18 cm) em relação ao penúltimo adversário. Correcta a intervenção do VAR neste lance, ao reverter o golo inicialmente validado.

Minuto 67: Hjulmand não faz falta atacante sobre David Simão e a bola cabeceada por Pedro Gonçalves é tocada, embora de forma ligeira, pelo braço esquerdo de Fukui, resvalando de seguida para a perna. O braço paralelo ao solo, fora do plano do corpo e em volumetria extra e não normal para o gesto técnico, levou à intervenção correcta do VAR, depois confirmada pelo próprio árbitro.

Moreirense-Benfica
Minuto 27: o golo do Benfica (Akturkoglu) tem dois momentos de análise. Aos 26m30s, há uma falta clara na entrada por trás de Otamendi no calcanhar de Safira, que o árbitro não sancionou; 24 segundos depois, dá-se o golo, e a questão é saber o porquê de o VAR não poder intervir e reverter e anular o lance. Porque entre a falta e o golo houve uma nova fase de ataque, ou seja, pelo meio três jogadores do Santa Clara tocaram na bola. E relembro que tocar, aliviar, interceptar não anula a fase de ataque, é preciso deter a bola, controlar, ter posse. Se o primeiro jogador apenas se limitou a cortar o esférico, o segundo, sem pressão, sozinho, acabou por, de forma deliberada e com todas as condições, direccionar e executar um passe para o terceiro elemento, que o mandou para a frente. Resumindo: a intervenção dos jogadores de Santa Clara, nomeadamente o segundo, deu origem a uma nova fase de ataque e, com isso, impossibilitou a intervenção VAR para ir buscar a falta cometida sobre Safira. Aplicou-se correctamente o protocolo.

Minuto 70: não há infracção de Bah sobre Gabriel Silva que, ao cair na área, pediu penálti. Para além de o contacto ser lateral e legal –, e, portanto, sem falta –, também se iniciou fora da área, o que levaria, em caso de eventual infracção, a assinalar um livre directo (para efeitos do local das faltas, é no início da acção que têm de ser executadas, excepto para o "agarrar").

O golo do FC Porto deveria ter sido anulado por falta atacante, já que Samu pisou o pé direito de Poloni, que ficou impossibilitado de discutir o lance

FC Porto-Farense
Minuto 45: a entrada de Artur Jorge sobre Galeno foi no limite, e de alto risco. Por ter sido na tentativa de jogar a bola, e sem a intensidade e malícia que caracterizam as infracções mais graves, o cartão amarelo por falta negligente foi a decisão correcta.

Minuto 46: Moreno, na sua área, agarrou e puxou de forma deliberada e ostensiva a camisola de Galeno, infracção passível de penálti, quer pelo acto, quer pela consequência (queda e impossibilidade de continuar com a bola).

Minuto 76: um lance de difícil leitura e intervenção para o árbitro e seu assistente, e que só o VAR através das imagens, ângulos e repetições conseguiria detectar. O golo do FC Porto deveria ter sido anulado por falta atacante, já que, na ocasião, Samu abriu a perna e foi pisar com o seu pé direito o pé direito de Poloni, que caiu e ficou claramente impossibilitado de discutir o lance.

Minuto 82: o gesto que Raul Silva fez (com as mãos na cara, simulou um par de óculos, sugerindo que o assistente é cego) está contemplado nos gestos/acções injuriosos, ofensivos e grosseiros e é passível de cartão vermelho e não de amarelo, como foi mostrado.

Ex-árbitro e actual comentador

I Liga

Jornada 5

Jogo	Resultado
Arouca-Sporting	**0-3**
Casa Pia-Moreirense	**3-1**
AVS-Rio Ave	**1-0**
Benfica-Santa Clara	**4-1**
Famalicão-Gil Vicente	**1-1**
FC Porto-Farense	**2-1**
Estoril-Nacional	**1-0**
Sp. Braga-Vitória SC	**0-2**
E. Amadora-Boavista	**2-2**

	J	V	E	D	M-S	P
1 Sporting	5	5	0	0	19-2	15
2 FC Porto	5	4	0	1	9-3	12
3 Vitória SC	5	4	0	1	6-2	12
4 Famalicão	5	3	1	1	8-3	10
5 Benfica	5	3	1	1	9-4	10
6 Santa Clara	5	3	0	2	9-8	9
7 Sp. Braga	5	2	2	1	5-4	8
8 Moreirense	5	2	1	2	8-9	7
9 AVS	5	2	1	2	6-7	7
10 Gil Vicente	5	1	3	1	5-6	6
11 Casa Pia	5	2	0	3	4-7	6
12 Rio Ave	5	2	0	3	3-6	6
13 Boavista	5	1	2	2	3-4	5
14 Estoril	5	1	2	2	2-5	5
15 Nacional	5	1	1	3	4-9	4
16 Arouca	5	1	0	4	2-8	3
17 Estrela Amadora	5	0	2	3	3-8	2
18 Farense	5	0	0	5	2-12	0

Próxima jornada Nacional-Sp. Braga, Santa Clara-E. Amadora, Rio Ave-Estoril, Vitória SC-FC Porto, Moreirense-Famalicão, Gil Vicente-Casa Pia, Farense-Arouca, Sporting-AVS, Boavista-Benfica

II Liga

Jornada 5

Jogo	Resultado
Torreense-Portimonense	**3-2**
Felgueiras-Desp. Chaves	**1-2**
Ac. Viseu-União Leiria	**0-1**
Mafra-Tondela	**0-4**
Marítimo-Alverca	**1-2**
Penafiel-FC Porto B	**1-1**
Leixões-Vizela	**0-1**
Benfica B-Oliveirense	**2-2**
Feirense-P. Ferreira	**2-0**

	J	V	E	D	M-S	P
1 Penafiel	5	3	2	0	12-8	11
2 Ac. Viseu	5	3	1	1	10-4	10
3 Benfica B	5	3	1	1	9-6	10
4 Torreense	5	3	0	2	8-6	9
5 Feirense	5	2	2	1	7-5	8
6 União Leiria	5	2	2	1	6-4	8
7 Leixões	5	2	2	1	6-5	8
8 Tondela	5	1	4	0	11-7	7
9 Vizela	5	2	0	3	5-5	6
10 Alverca	5	1	3	1	5-8	6
11 Portimonense	5	1	2	2	9-9	5
12 Mafra	5	1	2	2	5-7	5
13 Desp. Chaves	5	1	2	2	4-7	5
14 Marítimo	5	1	2	2	7-11	5
15 Felgueiras	5	0	4	1	3-4	4
16 FC Porto B	5	0	4	1	5-7	4
17 Paços Ferreira	5	1	1	3	6-10	4
18 Oliveirense	5	0	2	3	5-10	2

Próxima jornada Desp. Chaves-Torreense, P. Ferreira-Benfica B, Tondela-Ac. Viseu, Portimonense-Penafiel, Alverca-Leixões, Oliveirense-Feirense, U. Leiria-Marítimo, FC Porto B-Felgueiras, Vizela-Mafra

MELHORES MARCADORES

I Liga
8 golos Viktor Gyökeres (Sporting)
4 golos Pedro Gonçalves (Sporting)

II Liga
4 golos Zé Leite (Penafiel), Roberto (Tondela), Paulo Vítor (Portimonense)

Para Portugal, foi dia de atropelo no Mundial de futsal

Diogo Cardoso Oliveira

Selecção estreou-se no Campeonato do Mundo com uma goleada ao Panamá (10-1), com golos de todas as formas e feitios

No Mundial de futsal, Portugal e Panamá mostraram que, apesar de praticarem a mesma modalidade, não praticam exactamente a mesma modalidade. São futsais diferentes. Ontem, a selecção nacional venceu por 10-1 na estreia no torneio, que decorre no Uzbequistão, numa partida antes da qual o seleccionador, Jorge Braz, tinha alertado para a evolução do Panamá, depois do 9-0 que Portugal aplicou em 2016.

"Estão muito mais organizados e com um jogo muito mais consciente. Já revi alguns lances desse jogo e, em alguns momentos, tinham pouca consciência em termos de organização e aproveitámos muito bem. Não me parece que seja igual desta vez. Parece-me uma equipa com outra maturidade competitiva", apontou.

Antes do jogo, esta ideia já parecia uma retórica comunicacional típica de treinador. Depois do jogo, ficou a certeza de que era isso. Não é possível que Jorge Braz não estivesse a par das fragilidades tremendas desta equipa, algo que podemos explicar da seguinte forma: Portugal marcou quatro golos de bola parada e, dos dez golos sofridos pelo Panamá, houve "patrocínio" considerável do guarda-redes ou de um dos defensores em pelo menos quatro – e, em alguns casos, das duas coisas.

DR

Erick Mendonça apontou um golo ao Panamá

Houve golos verdadeiramente embaraçosos e não é crível que este Panamá seja um real teste para Portugal, cuja preparação, não tendo sido má, foi pouco exuberante.

Mas se Braz quiser ver este jogo como um treino competitivo de bolas paradas e um treino físico para a intensidade de jogo, então este triunfo frente ao Panamá foi um dia útil em Tashkent. Até porque não houve golos sofridos em bola corrida – apenas de penálti – e isso é sempre um bom factor para levar para o jogo seguinte.

Portugal começou o jogo sem pivot de raiz e a jogar em 4x0. A ideia era ter mais dinâmica para fazer "dançar" a equipa do Panamá, que se remetia a defender nos seus dez metros e bater longo na frente quando tinha a bola – raramente fizeram mais de cinco passes seguidos.

A descrição dos golos tornar-se-ia fastidiosa para um texto escrito, pelo que faz sentido atalhar: um autogolo, dois golos de Afonso Jesus e André Coelho e um de Paçó, Kutchy, Bruno Coelho, Erick e Pany.

Depois de chegar ao intervalo com 9-0, Portugal entrou na segunda parte com menor fulgor. Ainda sofreu um golo de penálti e marcou um de calcanhar, por Pany, mas já não era disso que se tratava. Por essa altura, a ideia era gerir o esforço para quinta-feira.

Portugal volta a jogar nesse dia frente ao Tajiquistão. Será às 16h de Portugal continental, com transmissão na RTP1.

Vitória pálida no arranque do Mundial de hóquei

Nuno Sousa

Portugal fez metade do que lhe competia no arranque do Campeonato do Mundo masculino de hóquei em patins. Em Novara, Itália, a selecção nacional levou a melhor sobre os EUA, como se esperava, mas com uma exibição que ficou muito aquém do que se esperava. O primeiro jogo no Grupo A terminou com um 10-2, mas vai ser preciso fazer mais.

A diferença no marcador espelha, em parte, a diferença de qualidade e de ferramentas de um lado e do outro do campo, mas não traduz a apatia da selecção portuguesa durante boa parte do encontro. Se, ao longo do primeiro tempo, o guarda-redes Didac Sánchez atrasou como pôde a vantagem de Portugal, o arranque do segundo foi inexplicável.

A jogar em 3x1, com João Rodrigues ou Gonçalo Pinto a fazerem o papel de interior, Portugal ocupou quase sempre a meia-pista contrária, mas sentiu grandes dificuldades frente a um bloco muito baixo, muitas vezes com os quatro jogadores na zona da área norte-americana. A forçar muito o 1x1, o golo foi sendo adiado e chegou aos 14', por Gonçalo Pinto.

Gonçalo Alves fez três golos

Percebia-se que, por si só, a qualidade individual e a intensidade (mesmo sem ser muito alta) acabariam por fazer mossa, mas era uma exibição cinzenta, com um 3-0 ao intervalo que não convencia. E o início do segundo tempo agravou a sensação, quando Alec Moyer, em cerca de um minuto, fez dois golos (jogada atrás da baliza e transição) e elevou o resultado à dimensão de escândalo.

Com possibilidade de rodar a equipa sem perder rendimento, Paulo Freitas tirou partido da profundidade das escolhas e a margem foi-se alargando com naturalidade. Porque o desgaste dos EUA se foi agravando, porque João Rodrigues finalmente encontrou a baliza (quatro golos) e porque a pressão de cumprir os mínimos também se ia dissipando.

Contas feitas, Portugal entrou no torneio com uma vitória que não deixa de ser expressiva, mas que deu a conhecer problemas num contexto talhado apenas para soluções. Diante de Angola, esta tarde (17h30, RTP), a exigência vai subir.

Selecção feminina goleia a Colômbia

No torneio feminino, Portugal impôs-se à Colômbia por 5-0, no Grupo A, com o resultado folgado a ser construído essencialmente nos últimos 15 minutos. Apesar de ter mais posse de bola, a selecção portuguesa só conseguiu inaugurar o marcador a três minutos do intervalo, por Inês Severino, antes de Leonor Coelho, aos 35', Joana Teixeira (40'), Raquel Santos (42') e Ana Patrícia Fernandes (46') fecharem as contas. Terceira classificada no último Mundial, a equipa portuguesa defronta hoje a França (12h), num agrupamento que conta também com a Argentina.

Breves

Futebol

Taça da Liga 2024-25 arranca com um Sporting-Nacional

A Taça da Liga de futebol, este ano com novo formato, arranca a 29 de Outubro, com o jogo entre o Sporting e o Nacional. Os jogos dos quartos-de-final decorrem entre 29 e 31 de Outubro, envolvendo os seis primeiros classificados da I Liga e os dois primeiros da II Liga, para apurar as quatro equipas que vão jogar a *"final four"* em Leiria, de 4 a 11 de Janeiro de 2025. Uma das meias-finais vai sair dos embates entre o campeão Sporting e os madeirenses, e entre o FC Porto e o Moreirense, que jogam a 31 de Outubro. A outra "meia" vai opor os vencedores do jogo entre Benfica e Santa Clara, a 30 de Outubro, e do duelo entre Sp. Braga e Vitória SC, no dia seguinte.

Xadrez

Quarteto lidera a 45.ª edição das Olimpíadas

Na capital da Hungria, Budapeste, está a decorrer a 45.ª edição das Olimpíadas de xadrez. Com cinco das 11 rondas realizadas, quatro selecções, do total de 188, estão isoladas no comando, só com vitórias: a Índia, a China, a Hungria e o surpreendente Vietname. Nas posições imediatas seguem a Noruega, de Magnus Carlsen, que cedeu um empate perante o Canadá, e o Irão. Os Estados Unidos, número um da prova, estão no grupo dos sétimos, com mais 26 selecções, depois de terem sido surpreendidos pela Ucrânia, com Vasily Ivanchuk a derrotar Wesley So. Portugal está no grupo dos 36.ºs, com três vitórias e duas derrotas.

BARTOON LUÍS AFONSO

Onde estão os 750 mil funcionários públicos portugueses?

O respeitinho não é bonito

João Miguel Tavares

No ano de 2011, a *troika* chegou a Portugal, e com ela veio uma série de medidas de aumento da transparência da administração pública, entre as quais a publicação trimestral da Síntese Estatística do Emprego Público (SIEP). Há 13 anos que sabemos exactamente o número de funcionário públicos que existem no país, e a sua evolução a cada trimestre.

O primeiro SIEP é de Dezembro de 2011, e nessa altura descobrimos que Portugal tinha nos seus quadros 727.701 trabalhadores. Naturalmente, coincidindo com o período de intervenção da *troika* e o primeiro Governo de Passos Coelho, o número baixou 11% em menos de três anos, até um mínimo de 647.763 funcionários públicos em Setembro de 2014. Quando António Costa tomou posse como primeiro-ministro, no final de 2015, o número já tinha aumentado de novo, até próximo dos 660 mil.

MARCO DUARTE

A partir daí, o número de funcionários públicos não mais parou de crescer. Em meados de 2021, os jornais assinalaram um feito: o SIEP do segundo trimestre indicava que o número de trabalhadores do Estado já se situava acima dos 730 mil – ou seja, tinha sido ultrapassada a marca pré-*troika*.

Tal não assustou o Governo de então, como se sabe. A arrecadação de impostos andava de vento em popa, e o Estado continuou a engordar, até atingir o maior número de todos os tempos: segundo os dados mais recentes do SIEP, Portugal tem actualmente 749.678 funcionários públicos.

Como é possível haver em Portugal mais 112 mil funcionários públicos do que em 2014 e faltar gente em todo o lado?

Contas feitas, são mais 22 mil do que nos tempos da entrada da *troika* e são mais 112 mil do que em Setembro de 2014, após três anos de austeridade e emagrecimento. É esta cifra que vale bem a pena reter: em apenas uma década, após a famosa saída limpa, o número de funcionários públicos cresceu 15,7%. Reparem que isto não é um achamento malvado de um perigoso liberal – são os indicadores estatísticos oficiais sobre o emprego na administração pública.

A minha pergunta é esta: como é possível que em dez anos tenham entrado 112 mil almas para os quadros do Estado e a única coisa que ouvimos à nossa volta são queixas e mais queixas sobre falta de meios e falta de gente?

Cinco reclusos evadem-se de uma prisão de alta segurança e descobrimos que não há torres de vigilância nem guardas, e que um único par de olhos é obrigado a vigiar mais de 150 câmaras. As escolas arrancam com o novo ano lectivo e várias dezenas de milhares de alunos não têm professores a pelo menos uma disciplina. Nos hospitais é o caos que conhecemos, com urgências fechadas no Verão e carência de tudo, a começar pelo número de médicos. Nas Forças Armadas, a mesma queixa: faltam seis mil militares para termos um Exército plenamente funcional. Quanto à polícia, no ano passado a Inspecção-Geral da Administração Interna fez visitas-surpresa a 63 instalações e descobriu que as escalas de serviço "não asseguram patrulhas 24 horas" e que o número de militares da GNR é "em quantidade insuficiente para assegurar o funcionamento dos postos territoriais".

Como imaginam, a lista poderia continuar, já que não há instituto ou repartição que não se queixe de falta de pessoal. Portanto, renovo aqui o meu apelo: alguém me explique, por amor de Deus, como é possível haver em Portugal mais 112 mil funcionários públicos do que em 2014 e faltar gente em todo o lado. Será que o Estado português é uma espécie de Triângulo das Bermudas, no qual os trabalhadores desaparecem para não mais serem vistos? O país aguarda ansiosamente a explicação para este fenómeno paranormal.

Colunista

jmtavares@outlook.com